

# Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa  
2007

# Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC

Ricardo Hiroyuki Shibata



*Diego de San Pedro: Arnalte e Lucenda; Prisão de Amor; Tratado de Nicolas Núñez;  
Sermão de Amores.*

2007

**Diego de San Pedro**

**Arnalte e Lucenda.**

**Prisão de Amor.**

**Tratado de Nicolas Núñez.**

**Sermão de Amores.**

Edição, Tradução e Prefácio por

Ricardo Hiroyuki Shibata

# Índice

Prefácio

Arnalte e Lucenda

Prisão de Amor

Tratado de Nicolas Núñez

Sermão de Amores

## Prefácio

### Dados Biográficos

As informações de que dispomos acerca da vida de Diego Fernández de San Pedro são extremamente escassas. Pelo que se sabe, San Pedro nasceu provavelmente em 1438, porém as primeiras notícias comprovadas acerca de sua carreira remontam ao ano de 1459, quando, a serviço de Juan Téllez-Girón, Mestre de Calatrava e conde de Urenha, tomou posse como alcaide ou intendente do castelo de Penhafiel. Anos depois, em 1466, Girón havia de lhe deixar por expressa cláusula testamentária uma pensão anual de vinte mil maravedis – uma soma considerável para a época.

Pelas pistas que deixou em seus escritos, levou vida dissoluta e repleta de lances amorosos, com muito luxo e pompa, transitando com enorme desenvoltura nas cortes dos grandes príncipes e reis de Castela (Espanha), o que lhe valeu a indicação ao cargo de Ouvidor do Conselho régio no reinado de Enrique IV, demonstrando assim seu enorme prestígio político e escapando incólume das suspeitas que recaíram sobre seu irmão, o comendador Santiago Pedro Suárez de San Pedro, acusado de ser cristão-novo, ou seja, de abjurar da religião judaica para converter-se, por conveniência, ao cristianismo.

Entretanto, seu reconhecimento literário, como grande poeta e romancista, só veio durante o reinado dos Reis Católicos, Isabel de Castela e Fernando de Aragão, época em que sua fama e seu renome ganharam a Europa culta do período. A novela sentimental *Arnalte e Lucenda*, escrita por volta de 1465, mas só publicada em Burgos, em 1491, foi traduzida na França, Inglaterra e Itália, e deu impulso a este gênero literário que conquistou os leitores de imediato. Logo depois, vem a público o maior êxito literário de Diego de San Pedro: a *Prisão de Amor*, escrita por volta de 1470, mas só publicada em Sevilha, em 1492, sendo considerada pelos críticos contemporâneos como um “breviário” ou resumo de todas as questões acerca do amor no século XV. Esta pequena novela, cujo tema central é o amor não correspondido de um cavaleiro por uma dama, foi um dos mais impressionantes sucessos editoriais do período. Tal foi o seu êxito que, em meados do século XVI, recebeu as críticas mais ferrenhas do grande humanista Juan Luís Vives, acusando-a de passatempo ilícito e particularmente pérfida aos católicos mais devotos. Vários exemplares foram confiscados e lançados à fogueira pelo Santo Ofício da Inquisição, e sua publicação, leitura e circulação era terminantemente proibida. Porém, a despeito da censura inquisitorial, já se sabe, o livro circulava em cópias manuscritas ou em publicações não autorizadas.

Diego de San Pedro morreu provavelmente em 1498, legando para a posteridade outras obras literárias de altíssimo quilate, hoje (infelizmente) quase esquecidas: a *Pasión Trobada*, publicada em Salamanca, em 1496; o *Sermón de Amores*, publicada em 1511; vários de seus poemas constam na mais famosa recolha poética de início do século XVI, o *Cancionero General*, de Hernán del Castillo, publicado em 1511; o *Desprecio de la Fortuna*, escrita por volta de 1485, mas publicada em Saragoça, em 1520 – um pequeno poema em que o autor se arrepende de sua vida licenciosa e aventureira para abraçar as virtudes da religião católica; e a *Pasión de Nuestro Redentor y Salvador Jesucristo*, publicada em 1522. Outras obras, entretanto, nunca receberam versão impressa e nada se sabe acerca da data de composição: *Écloga Pastoral* (de atribuição duvidosa), *Cartas de amores*, *Copla y Canción e Romances*.

## O contexto histórico-literário das obras de Diego de San Pedro

O final do século XV foi, sem dúvida alguma, um dos períodos históricos mais terríveis e espantosos na História da Espanha. Foi a época em que, um pouco por todos os cantos, as rebeliões populares enfrentavam o excesso de impostos e se levantavam contra a fome; as artimanhas e traições políticas esgarçavam o tecido da unidade nacional; e as insurgências da aristocracia contra o poder dos reis desembocavam numa longa, custosa e desgastante guerra civil. Foi também a época em que os espanhóis lutavam contra os mouros ao sul, contra os portugueses a oeste, contra os franceses a leste e contra os ingleses no canal da Mancha pelo acesso aos ricos mercados da região de Flandres.

Foi ainda a época que testemunhou a descoberta das Índias por Cristóvão Colombo, do ouro das Antilhas e do conhecimento de novos povos e de novas terras; que viu a ascensão e o reinado de uma das mulheres mais excepcionais de todos os tempos, a rainha Isabel a Católica, cuja habilidade política, rara inteligência e (por que não) uma boa dose de sorte conseguiram pacificar toda a Espanha e centralizar o poder político; e que presenciou, com a chegada da influência renascentista italiana, o início da “idade de ouro” da literatura espanhola, que irá resultar, quase duzentos anos depois, no *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes.

É justamente no interior desse contexto histórico mais preciso que Diego de San Pedro produziu as suas obras literárias, em particular, as suas tão famosas “novelas sentimentais”. Não é preciso esclarecer que, embora o espaço fictício em que se movem seus personagens seja a distante Tebas ou a exótica Macedônia, o leitor, um pouco mais informado, logo reconhecerá a Espanha na transição da Idade Média para o Idade Moderna, quer dizer, aquele tão conhecido universo em que valentes e apaixonados cavaleiros, trajados com armaduras, combatem pelo favor – um olhar de relance, uma singela carta, um tímido sorriso ou simplesmente algumas palavras de apreço – de suas damas.

De modo geral, as novelas de San Pedro possuem uma estrutura bem esquemática, cujos lances principais podem ser assim descritos: a narrativa se estrutura em torno de um eixo principal – de fato, é tão somente um fio condutor em traços muito tênues – que é preenchido por vários núcleos (sermões, cartéis de desafio, proclamas, súplicas, debates doutrinários, pequenas alegorias e, sobretudo, cartas trocadas entre os amantes). O argumento central, conforme o código do amor cortês, é constituído pela peripécia sentimental, cujo desenlace é sempre infeliz: a morte de um dos amantes. Se o final é inexoravelmente trágico, é porque a narração possui um forte sentido ético, com o intuito de ensinar aos futuros apaixonados as maneiras mais prestigiosas de abandonar-se de corpo e alma ao sentimento do amor e, para provar a sinceridade do afeto, suportar as mais duras provas em seu nome.

Da mesma maneira esquemática, a intriga pode ser resumida na estória de um jovem cavaleiro, cuja fama e nobreza são absolutamente singulares, que se apaixona perdidamente por uma donzela de sangue real; ela, por sua vez, se não permite um contato físico mais estreito por razões de honra, ao menos aceita seus oferecimentos epistolares. O cavaleiro, embora com o auxílio do Autor (que de viajante fortuito se transforma em amigo, confidente e mensageiro) e depois de enfrentar a tudo e a todos, não consegue ver sua paixão realizada. Frustrado, encarcerado em sua triste solidão, desiste de viver e se deixa levar pela morte. Esta é justamente a trama que move, por exemplo, as belíssimas páginas da *Prisão de Amor*.

Sem modificar essa mesma estrutura fundamental, uma solução alternativa é aquela dada por *Arnalte e Lucenda*. O jovem cavaleiro solicita a intervenção de seu

melhor amigo junto à pretendida donzela. No entanto, ao deparar-se com a formosura da princesa, de amigo se transforma em traidor, seduzindo-a e casando-se com ela. O cavaleiro, em nome da verdadeira amizade e por vingança, mata o traidor em duelo público, porém, inutilmente. A donzela, ultrajada e (agora) viúva, decide entrar para um convento.

De resto, esse núcleo narrativo, ao qual se subordinam todos os outros momentos da ação, é a estratégia chave dessa estória de um amor impossível, feito de recusas, interditos e proibições. Assim, é garantida a unicidade da trama novelesca sem que se desgarem fatos episódicos, ações secundárias, ramificações paralelas, ou, ainda, inserções que possam desviar a atenção do leitor do foco principal, como nas novelas medievais de cavalaria, cuja base se assenta num amontoado de estórias que vão progressivamente desenhando a coragem e a destreza nas armas de corajosos cavaleiros andantes.

Entretanto, como os personagens raramente agem e menos ainda dialogam entre si, a estratégia narrativa se resume basicamente às trocas epistolares, em torno das quais transitam outros tantos personagens, que carregam ou sustentam todo o peso das confissões e das queixas dos amantes. Nesse sentido, as cartas acabam por absorver todos os aspectos descritivos ou objetivos que estão ausentes do corpo da narrativa, dinamizando as ações e proporcionando aos personagens maior densidade psicológica ao acentuá-las a expressão dramática.

É importante observar ainda que as cartas afirmam, de maneira muito clara, a preeminência na relação social entre os dois sexos, com cada um deles sendo depositário de certos privilégios e deveres. A mulher é impreterivelmente superior ao homem e faz questão de marcar essa distância que separa o amante da amada, vale dizer, de um lado, o homem, que deseja ver seus anseios plenamente atendidos, e de outro, a mulher, que a todo o momento se esquiva (algumas vezes, com enorme grau de irritação) de suas investidas.

Se não fosse assim, muito pouco conheceríamos da intensidade da afeição e dos movimentos que causam o sentimento amoroso, com seus desdobramentos catastróficos. Nesse jogo, restariam as poucas ações e as muitas palavras, cujo enredo, como vimos, é bem econômico. Ora, isto possui implicações estratégicas no âmbito ético, pois, menos do que fonte de desejo ou de recusa no que se refere aos sentimentos, o amor é, antes de tudo, uma questão de cultivar as virtudes e evitar os vícios. Assim, tudo o que se faz em nome do amor, só pode ser feito seguindo um rígido código de comportamento.

Em verdade, se a donzela é teoricamente livre para aceitar as propostas de seu pretendente, pois não há o entrave da instituição matrimonial – ela não é casada ou possui outro compromisso amoroso —, o que a impediria, então, de corresponder ao amor, que é o eixo principal, senão a razão de ser das novelas de Diego de San Pedro? O código de honra vigente na Espanha no final do século XV, ao qual a donzela se vê obrigada a seguir, é, antes de tudo, uma força institucional e repressiva, superior a qualquer motivação exterior que a narrativa poderia elencar.

Não é por acaso que Leriano, o apaixonado da *Prisão de Amor*, ficaria muito satisfeito em apenas manter acesa a chama do amor, que se incendiou na primeira vez que pôs os olhos em Laureola. O poeta romano Ovídio, em sua *Arte de Amar (Ars amandi)*, dizia que o amor primeiro entra pelos olhos e vai se apropriando aos poucos e sorrateiramente de todo o corpo e da mente do ser apaixonado. Onde existe paixão, tem a culpa os olhos, vaticinava. Sem escapatória, o apaixonado se recusa a comer (mesmo porque não tem fome), a beber (embora tenha a boca seca), a falar (a língua não mais se move em sua boca) e a realizar qualquer tipo de atividade que lhe garanta a saúde física

(seu estado de inação é o prenúncio da melancolia física), a não ser aquelas que conduzem à satisfação do amor. Seu olhar se turva e tudo o que vê em sua frente se transforma na imagem fantasiada da mulher amada. No limite, chega a perder os sentidos e a desfalecer, num estado de quase morte.

E é justamente este clamor dos sentimentos que, por vezes, leva o amante à desmesura – aquela transgressão ética, que, como a *hbris* grega, só se apaga com a devida punição. Hoje em dia, em que o amor frequentemente rompe as fronteiras entre as classes sociais, causa espanto que alguém possa ser punido pelo simples fato de desejar realizar sua paixão. Numa sociedade fortemente hierárquica, como é a do século XV, as coisas não se davam dessa forma. O amor seguia um código restritivo, que prescrevia que a inacessibilidade de certas damas era um ideal a ser preservado.

Na *Prisão de Amor*, quando o pai de Laureola é informado que ela concorda em ser cortejada por Leriano, ele não tem dúvida em se valer da antiga “lei da Escócia”, em que as rainhas, princesas ou outras mulheres de alta estirpe são condenadas à fogueira por acusação de adultério ou de amor ilícito. O rei espanhol Alfonso X o Sábio, ao promulgar as leis das *Sete Partidas*, acrescentou a possibilidade de comutar essa pena terrível pelo exílio perpétuo.

Num lance belíssimo e dramático, Leriano a resgata desse destino infeliz, defendendo a amada num duelo judicial, o que lembra um dos episódios mais marcantes da lenda do Santo Graal: aquele em que Lancelote, um dos cavaleiros da Távola Redonda, salva Ginebra, casada com o famoso rei Artur, da condenação à morte. Como se sabe, eles, de fato, mantinham um tórrido caso amoroso, em que não faltaram peripécias e momentos de suspense. Laureola e Leriano, por sua vez, raramente se falavam. Porém, pelas regras de conduta da aristocracia, não foram menos culpados: ela, por alimentar voluntária ou involuntariamente o amor no coração de seu pretendente; e ele, por cortejar a quem não deveria, colocando em risco a honra da dama.

Leriano, como penitência, se prende a uma cadeira de fogo, com os pés atados por grossas correntes e, na cabeça, põe uma coroa com espinhos de ferro que trespassam seu crânio; ao final, ao desistir de viver, pois não vê mais nenhuma possibilidade de conquistar o amor de Laureola, para garantir o segredo de seus sentimentos, bebe, num cálice, as cartas de sua amada, feitas em pedaços.

Em meio a todo este turbilhão, o personagem Autor, um expediente estritamente literário e que não pode ser confundido com o próprio Diego de San Pedro, interfere de maneira decisiva. Ele sabe por experiência própria da tirania que a paixão de amor pode exercer sobre os corações (ele também já esteve apaixonado) e, ao se compadecer pelo que passa Leriano, oferece ajuda. É justamente ele, o único que pode pensar sem ser dominado pelos sentimentos e pela tirania do amor, e propor conselhos razoáveis. Contudo, essa prudência sentimental rebate estrategicamente na própria estruturação da narrativa: são suas intervenções certas que evitam que Leriano se lance em empresas temerárias e tudo termine numa tragédia sem precedentes; são também as suas palavras de consolo e esperança que acalmam o sofrimento do amante desprezado ou conseguem arrefecer a ira da donzela. É ele que registra e comenta em minúcias as reações psicológicas de Laureola, quando ela fala de Leriano ou lê as suas cartas.

Essa imersão nos fatos, além daquele substancial ganho narrativo, também possibilita que se possa levantar a hipótese (enganosa, por sinal) de que, no final das contas, a despeito dos sinais em contrário, o amor vencerá. Nesse sentido, o Autor sempre deixa transparecer que sua tarefa de mediador e de mensageiro efetivou uma aproximação entre os amantes. O leitor percebe que o afeto de Leriano sempre se mantém vivo e que a recusa de Laureola, de início, inexoravelmente peremptória, aos poucos, vai se diluindo. No entanto, a dúvida persiste, mesmo porque o Autor é incapaz



de formular uma conclusão segura acerca dos sentimentos de Laureola – o humor dela é instável – ou quais os reais motivos que a fazem declinar as investidas de seu pretendente. Para ele, ironicamente, a máxima glória se constitui numa carta de tom impessoal e distante, sinalizando certa frieza de sentimentos, que ela escreveu e lhe outorgou para que entregasse.

Ora, se o Autor fracassa como conselheiro e mensageiro, há uma terceira tarefa em que logra pleno sucesso – aquele seu dever de salvaguardar para que o amor de Leriano seja um exemplo para a posteridade e para que este sonho de imortalidade ganhe estatuto de verdade quando transposto às páginas da novela. De fato, Leriano considera sua experiência de servidão amorosa como uma contribuição importante para a imortal tradição das histórias de amor.

Pois bem, todo esse arsenal de movimentos passionais está organizado segundo um compósito de várias estruturas heterogêneas que se articulam estrategicamente entre si com perfeita coordenação e unidade, isto é, uma introdução alegórica, um relato amoroso de caráter epistolar, um episódio cavaleiresco e um tratado acerca da dignidade das mulheres. Entretanto, se *Arnalte e Lucenda* é verdadeiramente a história de dois amantes, a *Prisão de Amor*, como indica seu título, é, para além do viés sentimental, a história do amor que arrebatava não só o coração, mas também o espírito, e, a partir disso, das agruras de um homem perdidamente apaixonado, que, como gesto de imolação, deixa-se encarcerar numa terrível prisão e, a seguir, abandona-se à morte.

O Autor regressa a seu lar, depois de uma extenuante campanha de guerra, e, no meio do percurso, se flagra perdido no interior de uma densa floresta, localizada num vale ao sopé de uma montanha escarpada. Ali, tem a visão de Leriano, sendo conduzido prisioneiro por Desejo. Logo após, testemunha os flagelos que se abatem sobre ele em sua cela na prisão construída por Amor. É justamente esta alegoria, desvelada logo nos primeiros lances da novela de San Pedro, que sustenta e explica toda a narrativa. De fato, a narração se apropria do terror descrito por Dante Alighieri em sua *Divina Comédia*, em especial, naquela parte em que o poeta florentino vislumbra os tormentos infernais. Ora, é a partir dessa matriz alegórica fundamental, com a hipérbole do aspecto onírico, que Nicolas Núñez, no início do século XVI, escreverá a continuação da novela de San Diego.

A notícia da trágica morte de Leriano, ratificando seus votos de amor, chega a Laureola, que imediatamente se arrepende de não ter cedido às investidas do pretendente. Diz Núñez que essas foram as últimas palavras de Diego de San Pedro antes de retornar à Espanha. Depois disso, em sonho, Leriano aparece a Núñez, confessando que, no reino das sombras onde reside, não consegue descansar em paz, pois, ainda persiste a dúvida acerca do bom proveito de sua morte. O mais importante, aqui, não é tanto a dúvida de Leriano, porém a continuidade e a persistência do sentimento amoroso mesmo após a morte. Ainda em sonho, Laureola aparece a Núñez e, com palavras compungidas, demonstra seu profundo pesar por ter desprezado um amor tão sincero.

Este será estrategicamente o tema da terceira parte do “Sermão de Amores”, de Diego de San Pedro. Após referir que o homem apaixonado deve usar de todos os meios à sua disposição para conter aqueles ímpetos que podem causar o desdém da mulher, sem, contudo, abdicar de persistir na realização do amor, San Pedro afirma que as mulheres, por sua vez, devem, em contraparte, ao menos, se compadecer daqueles que as cortejam. Para ele, antes de ser um mero sentimento, o amor constitui-se num esforço de aprimoramento moral, em que concorre um conjunto de práticas de robustecimento do espírito através de ações virtuosas. Uma dessas práticas é a da magnificência, em que o superior retribui, como voto de apreço e expressão de generosidade, ao inferior pelos

serviços prestados. Aqui, concorre estrategicamente a virtude da justiça distributiva, ou seja, recompensar a cada pessoa o que lhe é de direito, segundo seus méritos, qualidade do serviço e posição social.

Mesmo porque, historicamente falando, o aparecimento da literatura cortesã de temática amorosa liga-se à existência na sociedade medieval dos *juvenes*, quer dizer, os jovens da aristocracia nobiliárquica, que não tinham direito à herança e que deveriam viver de certa forma à margem da sucessão genealógica linear, característica do sistema feudal. Eles formavam um exército de homens solteiros produzido pelo modo de transmissão do poder e da propriedade, sobre os quais pesava a ânsia pela morte dos primogênitos masculinos e legítimos para que uma herdeira se visse na obrigação de arranjar um marido, capaz de encarregar-se da herança e das funções de chefe de família. As histórias de amor seriam, então, segundo a instigante hipótese levantada pelo historiador francês Georges Duby, um combate (fictício, mas com fortes conotações institucionais) entre os *juvenes* e o chefe de família, o senhor ou o suserano, ou, ainda mesmo, o rei, tendo como objetivo ultrapassar os interditos em relação à mulher.

Dessa forma, exerceria a função de regular e ordenar as relações de poder no interior dos jogos amorosos através de um conjunto de regras precisas, em que o maior mérito seria submeter-se às mais terríveis provações. Nesse sentido, assim como o dever do bom vassalo é servir em todas as circunstâncias a seu senhor, provando que é digno de prêmio, o amor cortês ensinava o jovem cavaleiro a servir com total fidelidade à sua amada, mesmo que, para isso, tivesse de se humilhar ou suportar a mais dolorosa das submissões.

Numa época de convulsões sociais e de renovação das idéias e das mentalidades, as “novelas sentimentais” de Diego de San Pedro são aquele porto seguro em que a ordem e a hierarquia ainda se mantêm a salvo, convidando a nobreza a ratificar suas práticas aristocráticas e sua posição de superioridade social através da renovação da sacralidade de sua vida sentimental. Por trás de tudo isso, a extrema vontade de conservação, em nível místico e ritual, de uma sociedade cavaleiresca que se sente ameaçada em seus antigos valores e marcas identitárias.

Para finalizar, é preciso dizer que toda a técnica literária das novelas de Diego de San Pedro pressupõe um auditório ouvinte e não um público leitor. O escritor do século XV se dirigia em grande parte a um auditório analfabeto, conquanto aristocrático, o qual não podia ser tratado com grandes sutilezas ou complexos procedimentos artísticos. Ele havia de insistir energicamente naquilo que convinha destacar em sua narração. É por isso que as afirmações se repetiam uma após a outra, porém com variedade de expressões. O narrador apresentará seus personagens de um modo individualizado, fazendo-os interagir uns com os outros, e, mediante mudanças estilísticas de tom de voz ou de expressão, dará vida a eles na imaginação de seus ouvintes para satisfazer a emoção e a sensibilidade momentâneas.

À medida que paulatinamente surgia um número maior de pessoas alfabetizadas e a leitura começou a ser mais difundida, a prosa, antes reservada aos documentos históricos ou jurídicos, começou a ser utilizada como artifício literário que fornecia mais verdade e autoridade ao texto, como se tudo o que se contava na narrativa fosse uma história real. Além disso, numa época em que a imprensa esboçava seus primeiros passos, a língua espanhola culta se esforçava por construir-se num sistema lingüístico próprio, conquanto ainda se ressentindo fortemente da linguagem coloquial, com suas repetições de palavras, expressões e estrutura de construção das frases; acúmulo de conectivos; e linguagem entrecortada.

Quando a cultura alcançou um estágio em que cada pessoa lê para si, buscando seu próprio interesse, e o espaço para intimidade (essa invenção burguesa, por excelência) aumentou, sentiu-se a necessidade de uma espécie diferente de literatura e de leitor: um leitor, atento aos matizes mais sutis do estilo literário para apreciar a seleção das palavras, o ritmo das frases e inclusive a seqüência lógica das idéias; e uma literatura, que obrigava a ler e reler o texto muitas vezes. Mas isto, houve de esperar um tempo futuro e mais propício.

As traduções de *Arnalte e Lucenda* e do *Sermão* foram realizadas com base na edição da Biblioteca Nacional de Paris e na edição crítica publicada por Ivy Corfis (Londres, 1985). Para o *Carcel de Amor* e o *Tratado de Nicolas Nuñez*, consulte a edição de Saragoça (Espanha), impressa por Jorge Coci, em 1523, sob salvaguarda da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Vale ressaltar que o presente trabalho foi realizado com apoio da BN, Fundação Biblioteca Nacional do Brasil.

### **Datas Históricas Importantes**

- 1431 Execução de Joana D'Arc em Rouen
- 1437 Marquês de Santillana escreve os *Provérbios*
- 1438 Data provável do nascimento de Diego Fernández de San Pedro
- 1444 Juan de Mena escreve *O Labirinto da Fortuna*
- 1451 Nasce Isabel, futura rainha de Castela
- 1453 Os turcos tomam Constantinopla
- 1454 Enrique IV torna-se rei de Castela
- 1455 Guerra das Duas Rosas na Inglaterra
- 1459 Juan Téllez-Girón dá poderes a Diego de San Pedro para tomar posse, em seu nome, da cidade de Gumiel de Izán, em Penhafiel
- 1465 “Farsa de Ávila”: Enrique IV é deposto pela nobreza  
Começa a guerra civil em Castela  
Diego de San Pedro escreve *Tratado de amores de Arnalte e Lucenda*
- 1466 Pedro Girón deixa vinte mil maravedis em testamento a Diego de San Pedro
- 1469 Matrimônio de Isabel de Castela e Fernando de Aragão
- 1470 Diego de San Pedro escreve a *Prisão de Amor*
- 1474 Morte de Enrique IV; Isabel torna-se rainha de Castela
- 1481 Estabelecida a Inquisição na Espanha
- 1483 Inauguração da Capela Sistina em Roma
- 1492 Colombo descobre a América  
Guerra de Granada; expulsão dos judeus de Castela
- 1494 Tratado de Tordesilhas
- 1495 Campanha militar castelhana na Itália
- 1498 Vasco da Gama chega às Índias  
Data provável da morte de Diego de San Pedro

**A R N A L T E**

**E**

**L U C E N D A**

## Tratado de amores de Arnalte e Lucenda.

San Pedro, criado do conde de Uruenha, às damas da Rainha, nossa senhora.

Virtuosas Senhoras,

Se tanta segurança tivesse em meu saber como temor de vosso sarcasmo mais sem receio descreveria a narrativa que comecei, porém, com a virtude de vossas recompensas, que dissipam meu medo, quis receber novo ultraje por velha falta, porque qualquer que seja a causa de meu erro, eu bem poderia me desculpar. Como adiante mostrarei, o que me fez escrever o seguinte tratado foi mais por satisfazer a alheio pedido do que por receber o prêmio de minha vontade. Assim, aceitem este meu serviço, não dando ouvidos à rudeza da murmuração pública, pois eu não desejaria encobrir, com meu silêncio, as minhas faltas.

De maneira que se a narrativa sofre com o motejar, a vontade recebe as dádivas, agradecendo não pelo que se disse, mas pelo o que se quis dizer. E se, em todo caso, a pouca consistência de minhas desculpas não se pode aceitar é porque os meus argumentos mais fazem por minha cortesia do que por minha ofensa. Com tudo isso, a Vossas Mercês, suplico que a irrisão seja secreta e o favor, público, porque nisso consiste a condição da virtude.

E se tenho por desejo estar em vosso serviço, Senhoras, e se alguma recompensa mereço, é porque a vossa virtude pode compensar as minhas faltas. A narrativa segue por caminho difícil, pois as coisas em todo e em tudo boas, por muito que com gentil estilo e discreta ordem sejam conduzidos, não podem a todos contentar. Antes, de muitos não são por tais julgadas: de uns, porque não as entendem; de outros, porque nelas não estão atentos; e de outros, ainda, não pelas faltas que encontram, mas porque acreditam que sabem.

Se em tais coisas a ação do discreto juízo tem mister, fazendo o bem a Vossas Mercês e sendo eu assim recompensado, qual repreensão poderá atingir-me? Porque, na verdade, Senhoras, eu digo que, mais em confiança dele do que no meu esforço, ousaria juntar o assunto de meu começo com o fim. Bem pensei em escrever em outro estilo, porém embora fosse mais sutil, seria menos agradável, e por este motivo apartei a obra do pensamento.

Se pelo que escrevo quis me colocar em afronta, nem por isso deixei de pensar que mais de obediente gostaria de me condoer que de vaidoso vangloriar-me. Porém, como os motes discretos são de maior preço do que os simples elogios, não quis me desviar do caminho escolhido. Senhoras, eu suplico, para que não me acusem de desvario, que, quando a Vossas Mercês chegarem a repercussão de meu tratado, meu nome não se declare, pois se a publicação do que escrevi quero calar é porque mais quero ver rirem-se de minha obra, ocultando-me, do que, não dela, mas de mim, apresentando-me.

E para que a prolixidade não atraia a necessidade de desprezo, venho, Senhoras, prestar contas do que me foi ordenado fazer, conforme eu dissera, o qual começa desta maneira:

## Começa a Obra

No verão passado – mais por assuntos alheios que por minha própria vontade – tive, Senhoras de percorrer um caminho que me levava para longe de nossa Castela. E quando depois de muito caminhar se pôs tanta distância entre ela e o local onde eu estava, deparei-me com um grande deserto, povoado de triste solidão e temeroso espanto. Como eu daquelas terras tão pouco conhecesse, quando pensei que percorria um caminho seguro, percebi que estava perdido. Mas, tão tarde já era que, quando dei por mim, não conseguia me encontrar por causa meu de grande desatino, pela falta de gentes e porque não via ninguém a quem pudesse perguntar.

Como ali sobrava solidão, não faltava também sofrimento. E de me aperceber em tão aguda necessidade, não sabia que providência tomar. Como o meu intento em descobrir se podia ver gente me ocupasse sempre, esforcei tanto os olhos que deram ao pobre coração algum descanso, quando um monte, muito pouco de mim apartado, me mostrou os sinais de fumaça que dele saíam, os quais me declararam haver ali a casa de alguém. E com o melhor tino que em meu desatino encontrei, dirigi-me àquela parte de onde a fumaça se mostrava; e como pela íngreme montanha comecei a subir, achei o percurso tão difícil e tão espantosa a sua escalada que me arrependi de ter ali entrado como desejoso de dali sair.

Porém, como a minha determinação viesse de encontro a meu propósito, dando esporas ao cavalo, não quis desistir do caminho que começara. Depois de um dia inteiro de esforço, quando já o sol se punha de leste a oeste, pude atingir um não muito confiável abrigo, de onde, para ser exato, pude ver o lugar de onde saíam as esfumaçadas névoas. Ali, em pé, notei uma casa não menos majestosa em seus aposentos como delicada de feição; vi que desde os fundamentos até a cobertura estava toda adornada de negro. Como daquele triste matiz eu a visse pintada, em mim se fez certa confusão.

Com aquilo na memória, eu esquecia o esforço passado e o sofrimento presente; e para dar pressa em chegar até lá, abandonei os pensamentos confusos e polêmicos que sobre sua cor eu tinha, e quando junto a ela a sorte me colocou, vi uma abertura que estava na soleira da porta, pela qual, em estilo cortesão, certos homens caminhavam; os rostos cobertos de dor e os corpos de luto muito sofrido, diante dos quais andava um cavaleiro que na aparência parecia ser o senhor deles; o qual com profundos suspiros se entretinha. Não mostrava menos pesarosa a dor do que angústia no caminhar e embora grande fraqueza e lividez plúmbea tivesse, não tinha perdido o ânimo gentil.

Conquanto seu rosto denunciasse seu sofrer, em sua continência se demonstrava sua alta linhagem; e quando seus olhos se cruzaram com os meus, percebi que, ao me ver, sentiu alguma alteração de espírito. Entretanto, como homem que a educação e saber em si trazia, dissimulou a comoção, e, sem mudar o que fazia, fazendo-me apear, reconhecendo meu esforço, providenciou meu repouso. E com a devida cortesia, tomando-me pela mão, me guiou à entristecida casa onde estava. E eu, embaraçado por essas tais novidades, entendi que mais era ocasião para obedecer que olhar.

Embora de suas perguntas e de meu espanto estivesse queixoso, nem por isso deixava de prestar atenção nem de notar todas essas coisas estranhas. Quando chegamos à porta da casa, vi em cima dela três símbolos brancos e, incrustados neles, umas palavras em negro que diziam assim:

Esta é a triste morada  
Daquele que morre  
Porque a morte não o socorre.

Depois de ler aquelas palavras, avançamos para dentro da casa. Atentei que todas as coisas dela representavam grande dor; e percebendo que seu fundamento e seu princípio e seu fim estavam assentados sobre a tristeza, fiquei de fato muito surpreso. Todavia, como mais em obedecer que em perguntar me esforçasse, resolvi guardar em silêncio as minhas perguntas até que o tempo me deixasse fazê-las. Depois que acabamos de entrar numa sala, sem muito tardar, o jantar foi servido.

Percebi que a mesa estava posta com muita ordem. Percebi o modo galante do serviço, com muita fartura do que era necessário, guarnecida sem nenhuma coisa que ali faltasse. Depois que o jantar terminou, o triste cavaleiro, que não menos cortês que bem trajado estava, sem muito entreter-se em conversar comigo, sabendo de meu cansaço, querendo o meu descanso, preparou minha cama de dormir, embora não fosse o tempo para tanto. Colocou-me num quarto, onde depois a ceia foi servida também com fartura, deixando-me naquele lugar em que qualquer pessoa se sentiria em seguro sossego. Foi embora com semblante tão triste que não se pode descrever.

E como os graves pensamentos me impedissem o sono, sendo a vontade de dormir enfraquecida por sua causa, quando o galo acabou de cantar a meia-noite, eu ouvi todas as pessoas daquela casa em queixosos prantos e em gemidos mortais, entoando uma música fúnebre. Como me flagrei muito espantado disso, quanto mais o pranto crescia, tanto mais meu sono minguava. Por causa disso, não consegui fingir para que não descobrissem. Era hábito que todas as noites àquela hora, o cavaleiro triste com suas mãos se auto-infligisse cruéis tormentos, sentindo na pele o sofrimento. Como os seus parentes lhe vissem lacerado por tal ato de raiva, obrigava a boa educação de se compadecerem dele, ajudando de bom grado a seu pranto. “Quem duvidaria que quando tais coisas eu presenciasse, que mais vencido de comoção que morrendo de sono eu estivesse?”.

Assim, depois que, já de alongada a noite se passava, quando já faltava o ânimo a eles e a mim, seu pranto cessaram, e se mantiveram em sossegado silêncio. Mas tanto seu contínuo flagelo durou que até o dia amanhecer houve pouco tempo. Como o sol nos convidasse com seus raios, a missa matinal nos requisitou com seu chamado. E como o cavaleiro soubesse que eu já tinha acordado, veio ao meu quarto, e demonstrando cortesia em sua boa educação, me guiou a uma capela que estava dentro da casa, em meio da qual vi um monumento da mesma cor triste do senhor da casa e dos edifícios por ele cobertos. Ela era o último aposento que para si mesmo tinha o desditoso cavaleiro, ao redor do qual estavam inscritas umas palavras que assim diziam:

Olhem aqui a lembrança  
Do triste que se ausenta  
Porque ele dela se atormenta.

Embora a missa fosse celebrada, nem por isso deixei de pensar na lição a que aquelas palavras se referiam, nem a tristeza que assinalavam. Tudo o que ali presenciava colocavam em xeque meu entendimento, de tal forma que não podia julgá-las como bem queria. Quando a missa acabou, o café da manhã foi imediatamente servido. E depois de acabarmos de comer, a mesa já desfeita, veio até mim o cavaleiro, que não ousava descansar de seu sofrimento.

Homem sagaz que era, atentou em minha reação. Embora estivesse disposto primeiramente a me responder, com demasiada tristeza começou a perguntar-me, e principalmente – entre muitas coisas que quis saber de mim –, depois de me informar que conhecia ao rei, nosso senhor, ressaltando a sua excelência, me perguntou pela

rainha, nossa senhora, desejando saber se existia um homem de tal magnificência e em mais boa companhia. Quando o pesaroso cavaleiro me fez essa pergunta, emudeci, pois qualquer um pode se equivocar em coisas sobre as quais não se consegue contemplar. Assim, considerando a alta dignidade de Sua Alteza e reconhecendo a minha total insuficiência, sinceramente, quis responder com o silêncio. Entretanto, para me desculpar, e já que a falta de saber não serviria, o que de Sua Alteza conheço comecei nesta maneira a dizer-lhe:

A maravilha mais tamanha  
De quantas podeis pensar,  
Depois da sem patranha,  
É a rainha de Espanha,  
Se quiser, Senhor, pode indagar;  
Mais não quisera saber  
Em tão grande magnificência,  
Porque temo escurecer  
Com a minha falta de saber  
A luz de sua excelência.

E de ver tão alçada  
A sua bondade tão crescida,  
Na obra começada  
Recusei a entrada  
Receando a saída;  
E quando ouvi ordenada  
Vossa pergunta e partida,  
Vi minha vergonha aumentada  
Vi nova dor causada  
Vi velha falta sabida.

Porque eu com tal modo  
De falar, que direi dela?  
Pois quem nos fez do lodo  
Teve com seu poder todo  
Muito bem que fazer nela;  
Porém para mostrar o que digo,  
Embora por ordem grosseira,  
Com quantas forças for preciso,  
Dissolvendo meu siso,  
Começo dessa maneira:

É nossa rainha real  
Por sua Espanha tão remida,  
Que do bom e comunal,  
De todos em geral,  
É amada e é temida;  
É cortês aos estrangeiros,  
É atalho de caminhos,  
É amparo dos sem dinheiro,  
É recompensa dos cavaleiros.



É castigo dos mesquinhos.

É rainha que nunca erra,  
 É freio do desigual,  
 É glória para a terra,  
 É paz de nossa guerra,  
 É bem de nosso mal,  
 É justa em toda sorte  
 De gentes em suas lidas,  
 É jugo para os fortes,  
 É vida de nossas mortes,  
 É luz de nossas vidas.

É tal que embora se partisse  
 Tudo quanto Deus fez,  
 Se o mundo se extinguísse  
 Ou seu valer se diminuísse,  
 Não macularia sua tez;  
 É tal que não havia de ser  
 Humanidade posta nela,  
 Mas quis Deus fazer  
 Para nos dar a conhecer  
 Quem Ele é, pois fez a ela.

É tal que se sua consciência  
 Não proporcionasse abrigo,  
 De inveja de sua excelência  
 Haveria grande diferença  
 Entre a salvação e o perigo;  
 É tal que, por seu motivo,  
 Haveria, embora em combate,  
 Sempre cizânia e litígio,  
 Na terra para consigo  
 E no céu para resgate.

Porém, demonstro claramente,  
 Da verdade não me esquivaria,  
 Que a glória virá em torrentes,  
 Para que tivéssemos corrente  
 O que a nós pertenceria;  
 Porém, ao chegar ao seu fim,  
 Pela velhice grisalha,  
 Será redimido tudo de ruim,  
 Será o seu amor louvado enfim,  
 Será a nossa mortalha.

É dos vícios alheia,  
 É das virtudes bondade,  
 Com grande justeza cerceia,  
 Nada escapa de sua teia,

Nunca fez maldade;  
Teme a Deus e a sua consciência,  
Aborrece o desamor,  
Dê as mãos à prudência,  
Perdoa com a clemência,  
Castiga com justo rigor.

Com cordas de fé e firmeza  
Tem atada a esperança,  
Anima com a franqueza,  
Subjulga com a fortaleza,  
Admoesta com temperança;  
Guarnece com caridade  
As obras de devoção,  
Vence com vontade,  
Conserva com a verdade,  
Governa com a razão.

Alegra aos virtuosos,  
Repara os danos dos ateus,  
Repudia os maliciosos,  
Repreende aos viciosos,  
Ama aos que amam a Deus;  
Quer bem aos verdadeiros,  
Não a enganam os descontentes,  
Aborrece aos grosseiros  
Admoesta aos lisonjeiros,  
Não dá ouvidos aos maldizentes.

Pois, quem ousará tocar  
Em sua grande formosura?  
Pois quem mais pensa falar  
Nela haverá de silenciar  
Ofendido de loucura;  
Para publicar meu feito  
Quem referir a ela, temerosa,  
Pois não pode haver efeito,  
Se não for cortês em direito,  
Ela é mais formosa.

Mas, embora eu diga mal,  
Digo que são formosas  
Perante sua face real  
A qual é o pobre metal  
Com ricas pedras preciosas;  
São com grande perfeição  
Qual a noite com o dia,  
Qual com descanso a prisão,  
Qual a sexta-feira da Paixão  
Como a Páscoa de alegria.

E esta que tal pode ser  
Foi sempre representado  
Nas obras o valer,  
E na razão o saber,  
E na presença o alto estado,  
Em sua bondade infalível,  
Que tal graça deu a ela,  
A mediu por seu nível,  
Para darmos glória indizível,  
Quando vemos a ela.

A devida presunção,  
A medida mais requerida,  
As obras do galardão,  
Em sua régia condição  
Tem tomada guarida;  
É e foi sempre singular,  
Em dar pelo vício paga,  
Não deixou a Fortuna medrar,  
Fez a dor se apagar,  
Sua justiça é amarga.

Pois, quem poderia afirmar,  
Por mais que saiba dizer,  
A graça de seu olhar,  
O primor de seu falar,  
A elegância do vestir?  
Seu valer assim acontece,  
E em tal forma e tal sorte,  
Que se a elegância morresse,  
Em seus restos permanece,  
A vida para sua morte.

Com repouso e mansidão  
Merece sua realeza,  
Borda com galardão,  
Entremeada com gratidão,  
Enriquece com proeza;  
Pois, não virá com a morte,  
Quando o fim se aprover,  
Quando Deus fizer cortes,  
Quem corta com tal sorte,  
Todas e quantas talhos fizer.

Se não viesse pujante  
Incitar à virtude,  
Quanto mal poria avante,  
Quanto despudor galante,  
Quanto bem sem inquietude;

Quanta vontade frustrada  
 Em Castela ocuparia,  
 Quanta injustiça adornada,  
 Quanta cizânia lançada,  
 Quanta discórdia aconteceria!

Nunca faz desconcerto,  
 Em todos e por tudo acerta,  
 Segue a Deus, o mais certo,  
 E desconcerta o conserto  
 Que o contrário conserta;  
 Nunca jamais embora se vai,  
 Daquele com quem Ele requer,  
 E como sua glória nunca cai,  
 É assim porque ela atrai,  
 Sempre quer o que Ele quer.

Ó quantas vezes contemplo  
 Com que doces melodias  
 Há de ir ao terno templo!  
 Segundo nos diz seu exemplo  
 Já depois de largos dias;  
 E depois que a ela escolheu,  
 Penso com alma elevada  
 Em alegria acolheu,  
 A Mãe e o Filho declarou,  
 Com a hóspede chegada.

Acaba e dá fim

E para não mais falar,  
 E me estender com ardor,  
 Pois certo é sem duvidar  
 Que ninguém poderá chegar  
 Ao fim deste louvor;  
 Em silêncio permaneço,  
 Pois de elogio, demais assim,  
 Com razão de quem me venço,  
 De ficar no começo,  
 Pois não posso ver o fim.

Retorna ao discurso às Damas

Dessa forma, Senhoras, depois que disse ao triste cavaleiro em menos tortas palavras que pude o que significava a figura da rainha, embora ele estivesse mais predisposto para o sofrimento que preparado para a alegria, percebi que, quando acabei de satisfazer a sua demanda, sorria, reconhecendo a excelência de Sua Alteza e vendo o meu pouco saber. Porém, como cortês, deu mais atenção ao que eu intencionava dizer

do que ao que realmente dissera. E porque tão cortês fora a dádiva que lhe dei, dissimulando meus erros, muito me agradeceu. E para que eu soubesse a causa de seu pedido, disse que queria falar comigo longamente, mas antes que a conversa começasse, fazendo vênua à minha lealdade, afirmou que tudo o que comigo falasse acerca do poder das mulheres seriam palavras não só plenas de emoção, mas também as mais cortesias, para que todas as mulheres soubessem o que uma mulher lhe havia feito e para que sua condição mais piedosa do que a dos homens, culpando-a, se condoessem dele.

Por me considerar privilegiado com as suas exigências, concordei em escutá-lo; e como eu, Senhoras, estivesse determinado em honrar a ele e a minha lealdade, concordei, segundo as condições por ele assinaladas, que, dedicadas a Vossas Senhorias, o seguinte tratado viesse a público. Como seu discurso foi tão longo e detalhado, pensei em enviá-lo por escrito, porque, embora em minhas palavras não falem hesitações e eu escreva meus argumentos aos tropeços, parecia que melhor estaria no papel que em minha boca.

Assim, como o cavaleiro obtivesse a certeza que de mim desejava, começou seu discurso desta maneira:

### O Cavaleiro ao Autor

Grande desvario, Senhor, cometeria se o significado de minha pergunta não esclarecesse. Há de saber que não é de agora que eu conheço a rainha de Castela, nem acredites que me trazes alguma novidade com essas notícias, porque a sua reconhecida fama e a sua bondade por diversas partes está disseminada. Entretanto, quis saber o que consegues reter na memória e, por isso, entabulei uma conversa tão íntima contigo para que disso tivesse certeza. Isto, porque quero tornar meu sofrimento muito conhecido de todos. Quis, então, primeiro saber o que sabes e se estás à altura da atenção que ela merece. Penso que assim ousou fazer pelo testemunho que dão de ti mesmo tuas palavras, acreditando, segundo o que percebi que sentes, que meu dizer e teu escutar permanecerão em tua memória. Ao fim, poderás dar conta quando te pedir; e para que te certifique começa a escutar.

Tu saberás que a minha terra e naturalidade é Tebas, aquela que Cadmo, filho do rei Agenor, nos tempos passados povoou. Um rei, de quem recebi muito boa educação. Meu pai, que há tempos desta vida se despediu, chamava-se Arnalte. Não quero dizer quem era, porque em minha boca mal se assentaria seu louvor, cujo nome por herança me ficou. Assim, como Tebas fosse minha naturalidade e como o rei nela muito tempo passasse, não saindo eu jamais de sua corte, um dia, quando meu coração mais livre do sofrimento de amor se encontrava, morreu um grande cavaleiro de nossa cidade; e como fosse homem de muita honra e excelência, todas as pessoas daquela cidade e da corte vieram a seu sepultamento.

Quando seu corpo estava no meio do templo, enquanto as músicas costumeiras se entoavam, os murmúrios de seus parentes mais próximos cresciam; entre os quais vi uma filha sua, a mais alterada e a mais compungida no choro, a qual tinha por nome Lucenda. Durante tal cerimônia, nela, se fazia uma guerra cruel entre as mãos e os cabelos; tinha todos pelos ombros amontoados e espalhados. Todos aqueles que aquilo observavam, se espantavam, ao presenciar o desalinhado de seu cabelo; e pelos fios de cor tão áurea que arrancava se entristeciam; as muitas lágrimas que derramava mais lhe ressaltavam e transfiguravam as faces, adquirindo sua grande formosura um matiz de tão inusitada cor. Como o pranto da cerimônia fosse causa de vê-la daquele modo,

estavam todos comovidos. Eu, cuja tristeza não escondia, estava surpreso por sua espantosa beleza, porém temeroso das conseqüências daquele sofrimento.

E após seu pai descer à derradeira morada, ela, deixando aquele local, foi para casa. Fiquei emudecido, porém sem mais tardar, fui procurar a solidão, para que nela e nos meus pensamentos tivesse alguma companhia. Como, depois do que ocorrera, eu me deparasse com muito mais pessoas tristes, me equipei de quantas forças pude juntar, pensando se encontraria algum remédio; porém, em todas, ao invés, não encontrava o devido consolo. E como tão parco de esperança, como de gente me visse, saí dali. Muitos dias se passaram e não tinha conseguido atingir o meu propósito, acreditando que me depararia com um final terrível do mesmo modo que o começo foi doloroso.

Quanto mais o tempo passava, tanto mais o meu sofrimento se fortalecia. Eu simplesmente não sabia qual solução poderia procurar. E como a dor crescia e a saúde se debilitasse, eu me colocava em eminente perigo. Mas, como os tormentosos desejos fazem o coração endurecido e esforçado, pensei que, uma vez que um pajem meu tinha proximidade daquela mulher, por ele, eu poderia enviar uma carta minha. E como ele tinha grande amizade de um irmão de Lucenda, pois passava seu tempo de lazer com ele, ordenei que lhe entretivesse para que a amizade se estreitasse entre eles e para que nele confiasse. Como o pajem era muito esperto e tinha boas maneiras, cumpriu o que mandei imediatamente; e como seu irmão e meu pajem em melhor amizade estivessem, mais do que eu desejava inicialmente, começou a freqüentar a casa de Lucenda, podendo vê-la sem ser por ela admoestado. E como a presença gera confiança, dissipando as prevenções, e como ali havia boa ocasião, pois ninguém poderia levantar qualquer suspeição, dele se confiavam. Quando chegou a ocasião propícia, ordenei a meu pajem, ameaçando muitos castigos, que entregasse a ela uma carta minha, cujo conteúdo é este:

#### Carta primeira de Arnalte a Lucenda

Lucenda, antes, gostaria que tu conhecesses a minha lealdade que recebesse a minha carta. Assim seria, se tivesses me conhecido, pois saberia reconhecê-la em minhas ações. Poderia ser que, me conhecendo pessoalmente, fosse mais proveitoso do que por minha carta, porque, nela, lerás meus péssimos argumentos e verás em minhas lágrimas meu triste viver. Assim, com muita dor, temperarias a falta de convívio e a dúvida, que agora tens, e, ao dissipá-la, te fazer segura.

Embora os males se possam sentir, não se podem combater. O meu sofrimento e a tua consciência darão a certeza. Porém, digo, da melhor maneira que posso, que te faço saber que, desde o dia que a teu pai sepultaste, a minha afeição e a tua formosura te fizeram a minha senhora. Quando voltaste a tua casa e o pranto pela morte dele cessou, voltando eu aos meus aposentos, por causa daquilo que presenciei, comecei a chorar. Eu suplico que queiras acreditar nisso, porque não tive menos fraqueza para me controlar do que tu a força para me forçar. Certifico que eu me fiz somente teu por mais pouco poder que muita vontade, porque antes, fugiria, se eu pudesse, do que procuraria. Porém, tu tiveste tanto poder sobre meu coração e eu tão pouco sobre a minha liberdade, que quando desejei não te querer, nem pude, nem tu me deixaste, porque as tuas graças já estavam atadas a meu triste coração. Esteja certa que, se eu pudesse, queria antes fugir que nutrir qualquer esperança.

Como a ventura já tivesse ordenado de que seria eu o escolhido, então não pude escusar-me. E assim há de ser o que está destinado. Nem me negues a tua recompensa,

pois, conquanto disso tu nada saibas, porém muito merecida a tenho, porque a dor foi tão pressurosa que, embora o tempo de padecê-la pareça breve, grande foi o dano.

Perceba que fardo me pesa: por maior bem perder-me por ti que vencer por ninguém. E para que mais obrigada me sejas, hás de saber que da minha dor, porque tu a causaste, não me queixo, pois a minha perdição seria a minha vitória, embora não queira que isto ocorresse desde agora. Declaro a minha lealdade, conquanto ainda falte o prêmio. Declaro maior confiança em minha afeição e em teu juízo, porque onde sobra o conhecer não faltam motivos e, de acordo com a sua alta posição social, não existe ninguém que mereça, que recompensa não receba.

E assim se entre o teu agradecer e o meu serviço esta lei é respeitada, não quero desistir de alimentar esperanças, porque eu sempre soube mais sentir a minha dor que implorar o meu remédio. Despeço-me, suplicando que queiras visitar-me, para que meus suspiros sejam os testemunhos do meu sofrer.

#### Retorna Arnalte ao Autor

Quando a carta se fechou, antes que o pajem a recebesse, foi avisado de tudo o que deveria fazer, em especial, disse que prestasse atenção ao tempo e à ocasião. E se, por acaso, Lucenda não a quisesse receber, que em seu poder a confiasse, de bom grado ou não. E como a minha ordem e a obediência do pajem estavam em conformidade, pôs mais diligência que descuido no que eu solicitava. E como já tivesse chegado a casa de Lucenda, a oportunidade ofereceu a ocasião que queria e eu ansiava.

Quando a encontrou onde tinha por única companhia a solidão, suplicou que quisesse receber a minha carta. Ao saber disso, não conseguiu esconder seu incômodo, denunciado pela mudança na cor de suas faces. E como o pajem estivesse avisado, levava a ordem de ser importuno, mas não temeroso; e como ela se visse irritada pela súplica, pensando que pudesse se livrar daquela impertinência, com grande irritação se retirou.

No entanto, quando o pajem percebeu que ela partia, com grande diligência correu, mostrando-lhe a carta, para que por misericórdia a tomasse em mãos e, instando-a, para que a recebesse. Disso, ela não poderia se ofender. Mas, a carta, ao estar em seu poder, saiu de suas mãos completamente feita em pedaços. Quando o pajem tais novidades me trouxesse, emudeci. E foi tanto o sofrimento – vendo tão pouca a esperança – que queria receber consolo apenas da morte; e como visse tão inimigo de mim mesmo e tão amigo do sofrer, me recolhi a meus pensamentos. Passei longos dias em companhia deles.

Estava eu uma manhã, considerando o meu sofrimento e a retribuição de Lucenda, quando meu pajem, que muito se preocupava com os meus cuidados, veio a mim, dizendo que ela, na noite seguinte, sairia à meia-noite. E ao saber que aquela seria a noite de Natal, dei crédito às suas palavras. Imediatamente, tentei vestir-me com roupas de mulher. Coloquei meus informantes perto dela, planejando ir à Igreja, quando chegasse a hora; assim, quando ela se recolheu a alguma parte mais secreta, pois de ninguém era conhecida, com vestes parecidas com as suas, aproximei-me. Embora ela estivesse totalmente desprevenida de minha trama, não se alterou com a minha aproximação. Como a solidão do lugar me desse a oportunidade, comecei a dizer-lhe:

#### Arnalte a Lucenda

Lucenda, se eu tivesse tanto saber para queixar-me de ti como tu poder para fazer-me queixoso, eu não usaria de menos cortesia que tu serias formosa. Olha, não os desconcertos de minhas palavras, mas a sinceridade de minhas lágrimas, as quais eu dou por testemunho de minha dor. Não sei que vontade de minha perdição esperas, nem sei que bem o meu mal te possa servir. Escrevi para te fazer sabedora que sou muito teu, mas com grande irritação fizeste minha carta em pedaços. Bastava que, com tua grande formosura, tivesses feito um pouco para a vida de teu servidor; que viesses visitar-me e terias visto quanto sofrimento, depois que te vi, eu tenho suportado em mim.

Ó, não perseveres em tão mau propósito! Que enlameas a nobreza de tua condição e perturbas a minha sanidade. Que desculpas podes dar para que eu te desculpe por vil e plebéia? Assim, escuta as ânsias com que a minha língua pede o remédio. Tu bem sabes o quanto divergem a virtude e a ingratição na nobreza, pois não podes ser virtuosa sem antes ser grata. Aos meus serviços poderias satisfazer com pouca recompensa, porque apenas em falar contigo estaria meu consolo. Eu não desejaria maior bem que poder, por teu bom grado, te chamar de minha senhora, pois a vã glória de ser teu consumiria o desprezo que de ti recebi.

Ficaria surpreso se para tão pequena recompensa consentes em tão longo argumento. Olha que meus suspiros mostram quanto a minha suave defesa e o teu agudo golpe são edifícios mais para derrubar que para fortalecer o meu viver. Se dizes que para ti é grande desdouro falar comigo, temendo por tua honra, não te enganes, pois erro maior seria matar-me do que, para ti, seria infâmia. Não queiras cobrar o nome de assassina, nem queiras por tão pouco preço perder os serviços de minha lealdade. Não sei o que eu possa dizer para fazer de mim devedor e de ti credora. Nem sei o que dizer para te convencer, porque eu nasci para honrar e não para ser honrado; e sempre soube mais sofrer que remediar a dor. E porque meu padecer e tua formosura não têm medida, não quero alongar-me em demasia. É suficiente que consideres: se a esperança se alarga, quão breve será meu viver.

#### Resposta de Lucenda a Arnalte

Tu achas, Arnalte, que a força de minha vontade se desfaz com fracos argumentos. Se assim pensas, estás enganado, porque hás de saber que eu não tenho em meu pudor menos confiança que tu, esforço em tuas porfias. Por isso, eu te aconselho a cessar os teus pedidos, porque tu já percebeste que é conveniente fazer o que te é inconveniente. E para que disto estejas certo, acredites que não há poder neste mundo que demova a força de meu propósito, porque tu podes bem ver quão perniciosas conseqüências teu pedido resultaria.

E, se agora eu quis te responder, foi mais para que minha firmeza faça com que tu percas as esperanças de qualquer recompensa. Segundo o teu modo de pensar, a nobreza costuma alegrar a quem não pode receber recompensa. Tu bem sabes que a desconfiança consola e o conversar enlaça. E se em minhas palavras não demonstro a minha irritação é para dar alguma retribuição a tua sinceridade, a qual reconheço e que não te quero negar. Mais pagamento desejás em querer que eu acredite do que em realmente me queres?

Entretanto, para que tires mais recompensa de teus esforços, declaro que será tanto mais surpreendente a tua larga esperança como insistente teu pedido; poderia ocorrer que penses assim, pois são brandas as minhas palavras, mas ásperas serão as minhas ações, e eu te desengano e te digo que de novo não insistas em teus desejos. Se desobedeceres a ordem que te dou, eu colocarei as tuas queixas na boca de quem te



possa castigar. É minha vontade que imediatamente deixes de fazer todo esse barulho; melhor é cedo abrandar o sofrimento que depois desistir com a morte.

E assim falo porque nisto há mais perigo que remédio. Que tu te consideres avisado, pois assim poderás ser depois remediado. E para que não digas que te enganei com palavras e com ações dissimulei, te aviso dizendo que será grande o teu dano e pouco o meu sofrimento. Portanto, hoje debes pôr em sossego os teus anseios e em paz a tua vida. Creio que desejarás fazer isso, porque, segundo as lágrimas sinalizam a tua aflição, mais te agrada dar alegria que causar irritação. Se assim não procederes, a sinceridade que por segura proclamas terei por fingida, e causará a ti desengano e a mim pesar. E porque teus argumentos te fazem tão cortês como teus suspiros enamorado, não quero mais falar sobre o caminho que debes tomar para me agradar.

#### Arnalte ao Autor

Como a resposta de Lucenda fosse tão conforme a meu sofrimento e contrário a meu remédio, quanto mais diminuiu a esperança tanto mais cresceu a minha dor. E como a graça de suas palavras viesse adornada com tanto saber, nenhuma parte de mim mesmo restou. E como a minha memória estivesse atenta para ver se algum argumento secreto descobria, analisei tudo, o que ela havia dito. E como a conclusão de suas palavras terminava em ameaças, deixei para trás minha recompensa e coloquei meu perigo na frente, pois quis que ela soubesse que o que eu menos temia era a morte. E para que ela dissesse fosse sabedora, fiz a seguinte canção, a qual uma noite, de onde de sua cama pudesse ouvi-la, fiz cantar:

#### Segue-se a Canção

Se a aflição não há de perecer  
E o sofrimento há de crescer,  
Não sei o que posso perder  
Que perca mais em viver.

Se minha sorte está perdida  
E minha dor é tão forte,  
Para que temer a morte  
Pois é nela que está a vida?

Se eu tenho de persistir  
Entre teu desprezo e meu querer,  
Não sei o que possa perder  
Que perca mais em viver.

Ao mesmo tempo que a canção se entoava, os sons dela fizeram Lucenda acordar, porém os gritos de minha angústia nunca obtiveram a recompensa. E como de sua retribuição me visse desenganado, quanto mais minha dor se fortalecia, tanto mais se enfraquecia a minha pessoa. E se a esperança era tão cega, era porque os olhos se cegavam ao desejá-la, de tal maneira que eu ia me desfigurando. E como visse que eu mesmo era a causa de meu próprio sofrer, estando naqueles lugares solitários onde

sempre encontrava abrigo para o meu cansaço, contra mim mesmo comecei a dizer dessa maneira:

#### Arnalte contra si mesmo

Ó morada de infelicidades, Ó edifício de dor! O que foi feito de ti? Onde estás? Que esperas, pois claramente os sinais de agora demonstram a aflição vindoura e não poderás apaziguar essa dor? Se teus olhos puseram as estrelas da lealdade em tão alto muro, era porque antes esperavas a queda que o vôo? Tu serás aquele que mais dor sofrerá e tu és o que menos reconforto espera.

Ó prisioneiro de ti mesmo! Estás cansado de viver, mas nunca cessa de desejar! Ó que grande infortúnio foi o teu por teres nascido! Vejo que pouco a pouco enlanguesces. Vejo que o teu desejo no fim das contas te há de matar. Há grandes argumentos para desejares a morte, porém se a desejas para curar o coração, será pela perda de tua alma. Não sei o que escolherás, nem sei o que queres, nem sei o que pedes. Ó alma triste, minha fiel companheira! Qual morada tão entristecida escolheste? Ó olhos, inimigos do coração que ele tanto mereceu! Por que há de sofrer o tormento de vossa culpa? Ó prisioneiro! Quem te enganou? Por que te submeteste à esperança das leis de amor? Tu não sabias que as recompensas são mais vãs onde mais os serviços são consistentes?

Bem sabias tu que, segundo as leis do bem amar, se a vida não cessa é porque estão os tormentos sempre de pé. Se tu conhecias pouco teu poder, para que quiseste obedecer a sua grande força? Poderias argumentar que, no início, a tudo ignoravas, mas agora como podes esquecê-lo? Eu vejo que nesta resposta está toda a questão.

Ó infeliz de ti, que quanto menor é teu poder, tanto maior é tua paga. Pensavas que com teus feitos enriquecerias a tua memória, pois agora terás menos lugar para eles; e de não podê-los fazer, mais vergonha receberás. Tens agora a honra ofendida e a vida em perigo. Assim, segundo esta recompensa, mais de tuas ações deves lamentar que te vangloriar de suas dádivas. Se a morte não te socorre, já sabes que outro remédio não te pode curar. E se assim for, ao aconchego de tuas angústias chama o teu sofrimento, e recebe os golpes que te esperam, pois se os tormentos presentes são leves, duros serão os do porvir. E se te cansares da aflição de sofrer, convoca o bom senso; e se ele não te valer, pede ajuda à razão; e se todos te abandonarem, chora a tua solidão; pois tens da morte as portas abertas, quando não pensares mais no remédio que o bom senso e a razão te negaram.

#### Retorna Arnalte ao Autor

Muitas outras coisas comigo mesmo falei, as quais, por serem muito incômodas, deixo em silêncio. E depois que de mim mesmo me despedi, comecei a dar velas ao navio de meus sofrimentos; porém como fosse grande a tormenta de minhas ânsias, nunca encontrei porto seguro; e como esquecesse os devidos passatempos por causa de minhas preocupações, muito pouco freqüentava o palácio, nem me preocupava em visitar o rei; e como ele e meus amigos por mim perguntassem, concordei de ir ao palácio uma noite.

E quando o rei me viu, depois de perguntar acerca de minha vida, solicitou que eu participasse de um torneio, pois ele e muitos cavaleiros de sua corte gostariam de jogar; e embora meu ânimo estivesse mais disposto para a solidão do que entusiasmado

com os festejos, esforcei-me por cumprir o que mandava, dizendo-lhe que se Sua Alteza assim ordenava, assim seria feito. Foi determinado, então, o como e o quando do torneio. Ao chegar o dia marcado em que os ensaios se dariam, supliquei ao rei que viessem todas as damas da cidade para ver o combate, durante o dia, e as danças, durante a noite. O que o rei muito prazentemente aceitou. E como eu soubesse que Lucenda teria de vir aos festejos, sobrevieram grandes mudanças ao meu triste coração, e as minhas graves ânsias se misturaram a grandes sobressaltos; e naquele instante me encontrei tão alegre quanto pesaroso.

Assim, depois de tudo preparado, começaram os combatentes a entrar em campo, e, entre eles, eu era o que menos adornado estava; e ao chegar onde estava a rainha, manejando o cavalo para melhor fazer vênia, entrou pelo meu elmo a luz do rosto de Lucenda; e como eu a visse no mesmo estrado em que estava a rainha, embora o coração se atribulasse, ao temer o que poderia suceder, se apaziguou. Minha cimeira era uma balança: um braço, em verde; outro, em negro; o verde, muito alto; e o negro, muito baixo; a divisa dizia assim:

No pouco que a esperança  
Pesa, se pode julgar  
Quão grande é meu pesar.

Como a noite pusesse em sossego a gana dos combatentes, cada um foi descansar em seus aposentos, e a rainha com as suas damas retornou ao seu abrigo. E como a ocasião do baile chegasse, e postos os pares no salão, cada um com a respectiva dama que servia começou a dançar. Naquele momento, reclamei de minha sina e mais me queixei ainda de minha solidão, pois me flagrava tão pobre de suas riquezas; porém mais com temor de seu não do que com esperança de seu sim, não com menos padecer que recato, aproximei-me de minha senhora, e com suspiros entrecortados e com visível estertor supliquei que comigo quisesse dançar. Ela, depois de muito considerar, mais por não ferir a cortesia que satisfazer a minha súplica, aquiesceu.

Ó quem poderia dizer o que senti quando a minha mão tomou a dela para dançar! Quem duvida que isto mais poderia duplicar meu sofrimento do que aquietar minha doce palpitação, quando me vi tão perto de meu bem e tão longe de meu remédio? Porém como os louros da vitória que trazia sinalizavam a dor futura, retirei de meu manto uns versos alegres, que diziam o seguinte:

Este triste homem com ardor,  
Que morre para não morrer  
Viverá em teu viver,  
Sem teu amor.

Quando os festejos acabaram, olhei para onde Lucenda estava sentada; ousei colocar uma carta em lugar estratégico para que chegasse em seu poder, porque estava mais disposto para escrever do que para falar. À medida que as mesas para o jantar se punham, numa sala, apartado de todos, rabisquei no papel com as mãos as palavras e com a alma os suspiros; tanto que quase não consegui encobrir o que sentia. Se, porém, eu desejava dissimular o sentimento pela comoção que tentei não demonstrar, melhor me conviria silenciar. E os argumentos da carta assim diziam:

Carta de Arnalte a Lucenda

Ó, Lucenda, se tu tivesses tanto saber para me valer quanto eu mérito para me destruir mais alegre que triste eu estaria. Porém, o poder e o saber, sendo teus, deixaram de ser meus. E porque não encontrei com quem me curar, me coloquei em grande solidão.

Ó, Lucenda, já te disse tanta coisa, tanto por escrito quanto em viva voz, que não sei mais o que eu possa dizer. Se deténs mais a tua retribuição, faltarão argumentos para que diga e não menos dor para que me queixe; da qual verás queixar-me mais em prantos que pela voz, pois quando grande é a angústia as lágrimas vertem e os argumentos emudecem.

Quem como eu poderia fazer isso, que quanto mais minha lealdade se aviva, tanto mais tua recompensa adormece? Se o que suplico deixas de fazer, porque temes com a paz de minha vida fazer guerra a tua honra, não o faças, pois não quero, se tu não queres, que me dês atenção. Apenas peço que me lances um olhar e somente com isto te perdôo de todo o mal que me causou.

Não queiras, por Deus, ser minha inimiga. Se tu tens vontade de me matar, eu pouco prezo pelo viver, pois, com mínimo esforço, poderemos eu e ti de mim dar cabo. Olha que se por tua causa se perde a minha vida poderia também se perder a infâmia de tua má fama, e tão negativa memória deixarás; nela, para sempre, tua crueldade e minha morte serão contadas.

Assim se queres continuar a seguir a teus desejos, ela afirmará quanto é infame fazer sofrer a quem não tem culpa. Se tu pensas que te eximes porque te sirvo, ou que de mim não és servida, claro está que por inculpar-me inventas um erro que cometi, pelo qual mais recompensas que sofrimento mereço. E, pois, segundo manifestas acreditar que te quero, leia o que te escrevo, e lendo toma consciência do que sinto. E se diante de ti meus esforços têm pouco efeito, eu bem sei que ficarás mais arrependida do que alegre.

Eu não me espanto se queres permanecer mais irritada do que honrada. Mas, troque essa irritação pelos serviços que poderás receber, e verás como tu serás mais digna de louvor por meus préstimos. Eu suplico que este seja o derradeiro encontro entre nós dois, para que teus já cansados olhos deixem de se esforçar entre o emaranhado de papéis.

Porém, se isto deixas de fazer, poderá causar a ti grande arrependimento e, a mim, a minha vida ou a minha morte.

#### Arnalte ao Autor

Depois que coloquei a carta nas mãos de Lucenda, desejando saber como a trataria, não consegui tirar os olhos dela. E como, nela, não vi se fazer nenhuma mudança, fiquei aliviado. Contudo, as suspeitas acerca do que ela pensava não me deixavam sossegado. Quem me chamava à razão, eu respondia com palavras confusas e não com cordial atenção. Quem quisesse colocar as mãos em meu peito, poderia flagrar os sobressaltos de meu coração.

Como a hora de dormir pôs termo àqueles festejos, cada um dirigiu-se a seu aposento para descansar; e como eu, mais estivesse voltado para as angústias do que para o descanso, quando Lucenda despediu-se da rainha, com argumentos fingidos e curioso para saber o resultado da minha carta, fui atrás dela, e não somente até a sua casa a acompanhei, mas também a segui até o seu quarto; em todo este tempo nenhum papel tomou nas mãos, e assim, sem nenhuma certeza estive aquela noite. Como a dor

de amor nunca se arrefece, o tormento da noite passada ainda estava vivo na manhã seguinte.

Assim disse a meu pajem que fosse a casa de Lucenda, ordenando que revistasse a casa toda e todos os seus aposentos, inclusive o que os serviçais costumam jogar fora depois da limpeza, porque poderia ser que quando eles limpavam a casa, pudessem ter varrido os pedaços de minha carta. O pajem, depois de revistar tudo detalhadamente, nada encontrou em nenhuma parte; porém aquilo ainda não pôde alegrar-me nem menos dissipar minha tristeza; e quanto mais eu agia, tanto mais ficava distante do remédio, não conseguindo absolutamente encobrir meu sofrer que na fumaça de meus suspiros não se descobrisse as brasas de minhas entranhas.

E ao se crescer o dano e se esvaírem as forças, mostrava muito de minha dor, e muito me queixava da morte, porque tinha tão letais inimigos à minha vida em mim hospedados. Com vergonha de aparecer, eu trabalhava para me manter oculto, poucas vezes saindo de casa. E como minha irmã, cujo nome era Belisa, que por mim nutria uma grande afeição, compadeceu-se muito de meu estado deplorável, veio um dia a mim, depois outros tantos, indagando acerca daquele meu sofrimento, fazendo-me revelar por força de suas lágrimas o que eu tentava em vão esconder.

Como um estreito amor fazia conformes as nossas vontades, meus olhos dançavam ao som de seu pranto; e depois que suas lágrimas cederam lugar às palavras, começou a falar-me desse modo:

#### Belisa a Arnalte

Ó meu irmão, por Deus te peço que não me queiras esconder a causa de tua dor. Todas às vezes que te perguntei tu saíste com respostas evasivas. Olha, se queres me negar a verdade, com muitas queixas o afeto que tenho por ti poderia minguar. Dizes que não me deves satisfação, assim pelo muito que te estimo, mal me pagas, fazendo com palavras o que negas com ações. Bem sabes tu que deves evitar aquelas que causam dúvida.

Faz meu coração a salvaguarda de tuas angústias. A quem, senão a mim, deves dizer o que se passa? Sabes muito bem que se desejas a morte, tu não és menos consciente de que eu também não quereria viver. E se tu preferes o sofrer, eu afastaria de mim a alegria. E se tu queres permanecer em meio às atribulações, que meu inimigo seja o sossego. Teus males e os meus atormentam o mesmo coração. Deves confessá-los a mim como se falasse a ti mesmo.

Se queres descanso, que companhia melhor seria de quem nunca se cansa de desejar o teu bem? Se queres apaziguar o teu sofrimento, consolemos um ao outro. Se queres que choremos, nunca faremos outra coisa. Se queres morrer, que a nós dois seja concedida a morte. Se queres que nós soframos, que assim seja. Se queres esconder a dor, o que melhor que nós dois para ocultá-la. Se queres buscar o teu remédio, tu, por teu esforço, e eu, por meus meios, encontraremos forças.

Não mostres ingratidão a quem tanto te amou. Não penses que teus fingimentos podem me ludibriar, pois tuas angústias revelam o que tua dissimulação encobre. Deves lembrar que o tamanho de tua dívida não é menor que o meu amor. Olha, que grande vontade tenho de me oferecer à morte, se por isso posso te dar uma vida mais alegre. Olha, como te encontro mais com disposição de sofrer e pouco de viver. Olha, que a sorte é inimiga dos prósperos e, dos miseráveis, a maior esperança, pois se o ânimo é inconstante, nem se deve incentivar os felizes na alegria, muito menos se deve

desesperar com os tristes pelo porvir. No coração das pessoas, sempre se há de vir coisas novas, para que os nossos desejos nos façam conhecer o seu poder.

Não guardes somente para ti a pesada companhia de tuas atribulações. Tu bem sabes que o descanso dos tristes se dá quando sua dor é proclamada, porque a recreação do dizer alivia a dor do sofrer. Assim, se as chaves deste conselho podem abrir as portas a algum remédio, por que as recusas? Se tu assim desejares, que as noites e os dias de teu sofrimento assim se ocupem. Bem vejo em ti que a dor que silencias é mais forte que aquela que dizes.

Porém, não seria maior o prejuízo em escondê-la que perigo em dizê-la? Sobretudo, para mim, que o amor que tenho quanto está menos na boca mais está na alma. E por mais incômodo não causar, não quero irritá-lo, insistindo em minhas súplicas.

### Responde Arnalte a Belisa

Estou, Senhora e minha irmã, tão irritado com tuas queixas, que é forçoso que me contenha, para que minhas palavras possam claramente declarar o que meu estado assinala. Por isso mais agradeço a tua porfia que a minha vontade, porque se eu não presenciasse tão visivelmente o teu pranto, terias uma resposta fingida. Porém, se antes nada de mim conhecias, suplico que quando minha boca te revelar a minha dor, ao saber sobre o meu penar, te contentes, sem querer investigar como e por quem eu padeço, porque eu poderia dar fim a minha vida antes que tu pudesses descobrir.

Tu, minha irmã, saberás que mais por força alheia que por minha vontade às leis de amor estou sujeito, as quais, por minha sina, me fizeram maior em obediência e menor em descanso, e me legaram mais em padecer e menos em remédio. Todos os males se fizeram em meu triste ânimo e, de tal maneira, me têm cercado que, embora o bem a meu mal combatesse, nem por fontes transbordando nem por escadas subindo não poderia chegar a ele.

Isto, porque o amor se defende com prontidão e a ventura com vagar. Assim, com tais extremos, se o bem não se vê acompanhado da morte, tarde poderá libertar-me. Porém, tu, minha irmã, de minhas queixas não te incomodes; antes, te alegres e regozijes, vendo que tens um irmão que pode suportar um tal sofrimento na certeza de seu esforço. E se queres me recompensar, que eu não veja derramarem-se tão tristes lágrimas em tua formosura.

Se eu pudesse cobrar minha dívida em lágrimas, sem a ajuda das tuas, eu não poderia saldá-la. Entretanto, elas aumentam o sofrimento e não arrefecem a dor; assim, mais vale refreá-las do que nelas perseverar. Decidi que é melhor fechar-lhes as portas para que elas não incitem a vontade, pois nascemos tu, para um alegre viver, e eu, para a tristeza. Os prazeres a mim estavam destinados, se não caísse apaixonado. Eu os renuncio para que a ti se dediquem, porque os lugares a eles reservados estão ocupados pelas ânsias mortais. E os tormentos e as queixas por que tu haverias de passar, deles eu tomo posse.

Eu, sendo homem, poderei melhor sofrê-los, pois em teu coração há tão exíguo espaço para as adversidades. E assim vivamos: tu, em toda a alegria; eu, em toda a tristeza. Suplico que concordes. Se isso aceitares, antes mais que menos acreditarei que me queres bem. Assim, ao ver o teu sofrimento, em dobro, me atormenta. Grande recompensa receberia se tu não te preocupasses com o meu sofrer e não te esforçasses para saber quem me faz sofrer.

### Arnalte ao Autor

Quando a minha irmã percebeu que os termos da resposta deixavam de satisfazer a seus rogos, veio a mim com sã vontade, e, com o coração dilacerado, foi conhecendo o muito padecer de meus sofrimentos. E como nas coisas do amor esteja a destruição dos homens, temendo o porvir, ela acabou por levar consigo uma tal dolorida angústia, fazendo assim companhia às minhas tristezas. Como ela se retirou e eu fiquei, comecei a queixar-me de mim mesmo, como sempre fazia. Não há ninguém que suportaria presenciar o meu sofrer, senão aquele a quem a própria experiência fez endurecer. Quantas angústias, quantas ânsias, quantas queixas mostravam em mim as suas forças!

Eu trabalhava com todas as minhas forças para cansar o meu variável pensamento, contemporizando as fantasias de meus desejos, dos quais pensei em aproveitar para me valer. E assim foi: um cavaleiro, que sempre em minha vida tive em estreita afeição, conforme e verdadeira amizade, se hospedara na casa de Lucenda. A ele, pensei muitas vezes em confessar meus segredos. E quanto mais desejava o meu remédio, tanto mais pelo prejuízo de ser descoberto eu fugia, porque quando tais coisas não se guardam, a negociação se deturpa, e o que se negocia se perde, porque o segredo é a coroa de quem ama. No entanto, como a vida se esvaía, chamei a determinação. E como ela mesma aconselhasse me revelar, a meu amigo Elierso comecei a suplicar para que viesse me ver.

Ele nenhuma tardança pôs em sua vinda. Ficou não menos alegre por eu lhe ter chamado que triste por não acreditar naquilo que eu relatava. Muitas vezes, se surpreendia pelo fato de eu, pelo bom senso, podendo ser vencedor, me submetia, vencido, pela vontade. Não que eu me importasse em incomodá-lo, mas, de fato, lhe surpreendi, querendo desabafar os meus segredos. Assim, quando ele a mim chegou, fiquei, no início, retraído, entretanto como a companhia nos deu mais liberdade, disse-lhe dessa maneira:

### Arnalte a seu amigo Elierso

Elierso, se agora confesso o que até agora mantive em silêncio, é pela confiança que ponho em tua virtude. E, se assim procedi, foi para que tu saibas quanto nas leis de amor o segredo é louvado e quanto o contrário é proibido. Por isso, muito me atormento. No entanto, tua grande bondade silenciou as minhas preocupações e, com isso, a força de meu sofrer se enfraqueceu. Assim, onde melhor eu o resguardaria do que nas mãos da virtude? Ela e a amizade, que me tens, bastarão para guardá-los.

Tu, Elierso, saberás que entre a morte e a vida há muitos dias que me tenho visto em estado de guerra: a morte, porque não me quer; e a vida, porque não a quero. E esta minha cruel guerra foi declarada, quando o pai de Lucenda faleceu. Nasceu naquele dia em que a vi. E foi tão renhida que qualquer trégua entre mim e ela jamais foi possível estabelecer. E, como a seus mandamentos, o amor me houvesse completamente submetido, com todas as suas venenosas feridas me tem açoitado. E, como os seus ataques são tão danosos e tão pequenas as minhas forças, me puseram perto da morte. E como os seus golpes são tantos e minhas defesas tão poucas, aquelas pessoas de quem costumava valer-me, fazendo-me traição, cada qual por sua vez me abandonando, me deixaram em grande solidão.

A esperança me foi negada. O remédio me faltou. A razão me desprezou. O bom senso não me quis valer. De tal modo que me convinha dar a mim mesmo rapidamente a

morte com a impiedosa força de minhas mãos. Posso dizer sinceramente que não me pesa a privação de meu juízo para que tais danos não conhecesse e para que, não os conhecendo, não me doessem. Assim, sendo privado do bom senso, nem esperaria qualquer bem, nem sentiria qualquer mal, nada esperando, e por nada desesperaria, como agora da vida e do bem espero.

Quero agora, Elierso, que vejas e entendas em que estado me encontro. Não sabia de quem socorrer-me, senão da fortaleza de tua amizade e das armas de teu conselho. Pensei que como estão tão perto os teus aposentos dos de Lucenda, a partir dos teus, uma vez que as graças dela não posso alcançar, pelo menos de sua vista poderei alegrar-me. Para dar conta de minha vida, para pedir o teu parecer e para isto suplicar, peço, por favor, que queiras visitar-me. Se a verdadeira amizade se conhece na necessidade e nas ações se confirma, agora tens a oportunidade de mostrar a tua virtude através do acalento de teu conselho. E porque acredito que terás mais vontade para o fazer que eu o saber para mais pedir, não quero dizer nada mais em acréscimo.

### Responde Elierso a Arnalte

Arnalte, com todas as minhas forças, quero combater a tua suspeita e desconfiança, para os quais terei maiores motivos do que tu tiveste para esconder-me, embora nas leis de bem amar se encontre outra ordenança, pois quando encobertas, as dúvidas vencem e, com a certeza, perdem. Porém, mais durara a dor de teu padecer em causar-me sofrimento que as razões de minhas queixas em incomodar-me, porque o que dói em ti a mim também me dói – mais, isso, eu ainda não posso provar.

Se eu pudesse sofrer por meio de tua dor, não com pequena vontade tomaria a minha parte. Remeto à vontade o que com ações não se pode desempenhar. Tu me dizes que a formosura de Lucenda consome a tua vida; a minha e a tua preocupação têm a mesma causa; e se ela tua vida atormenta, minha sanidade desfalece. Mas para que nenhuma diferença se conheça entre a tua vontade e a minha, de hoje em diante de tal preocupação me recuso, dando-te segurança, para lhe favorecer, de pacificar as minhas próprias angústias, embora delas receba tanto sofrimento, para que tu não possas do contrário te ressentir. Conquanto consideres isso pouco, entretanto assim procedo para fazer-me livre e honrar a ti, pois tanto o meu honrar assegura, quanto sua bondade desconfia; e por esta causa, seremos tu honrado e eu satisfeito.

Dizes que desejas confessar a mim a tua dor e pedir o meu conselho. Se meu conselho pudesse tanto aproveitar como teu padecer condoer-me, ficarás de mim aconselhado sem sofrimento. Porém, digo, como melhor posso, que me espanto como podes consentir que a energia de teu esforço por tão grande fraqueza esteja subjulgada.

Tu, que és vencedor sobre as coisas mais perigosas, como podes ser vencido por uma mulher? Lembra quanto é vergonhosa a memória dos que de tal infâmia se enlameam. Com o teu bom senso, arrefece a tua lealdade. Com a razão, desata os teus pensamentos. Com o teu saber, liberta a ti mesmo. Tem desprezo aos enganos de amor. Por tal lei não te governes. Não que te aconselhe a ser dele todo desobediente, mas que ames e queiras e temas e recuses, pois não é menos danoso querer muito vê-la do que muito perseguir-la. Assim, com o esquecimento deves contemplar o amor e com as aparências enganá-lo, pois, se com suas ações é enganado, é porque na sua lei quem menos ama mais amor consegue.

Não aconselho que a deixes de todo, porque, embora seja difícil, não estejas tão desesperado, nem de tudo desconfies. Olha que a condição da esperança nas coisas mais desejadas mostra menos caminhos. E por essa causa, conheces e tomas consciência de



tua condição. Por seus bens nada deves desesperar. Olha que a Fortuna dá às coisas variáveis fins. E assim como ela foi causa de queixume e dor, se em sua esperança susténs a tua vida, semelhantemente poderá ser alegre. E se o meu conselho quiseres seguir, verás como ganharás o que perdes com teu pensamento.

No que solicitas para vir a meus aposentos, aceito não sem grande vergonha, pois não precisaria pedir-me. Sabes que a minha gratidão faz tudo o que tenho ser também teu. E porque queria mais com meu conselho te fazer alegre que com minhas palavras causar incômodo, coloco o silêncio em minha boca e dou pressa em teu pedido. Por isso, sem mais tardar, venhas quando quiseres.

#### Arnalte ao Autor

Quando Elierso acabou de falar, não posso negar que, por ocasião de sua queixa contra Lucenda, tive receio que ciúmes me assolassem. Porém, para que ele não suspeitasse de minhas intenções, dissimulei de tal forma que, embora em suas palavras sentisse temor, em sua virtude encontrei segurança.

Ao considerar que melhor era pensar em mais amor que em desconfiança, desde aquele dia em diante, continuei a freqüentar a casa de Elierso, pensando apenas em ver a formosura de Lucenda. No entanto, o fruto que esperava de meus esforços, seu retiro e minha desdita o negavam. Muitos dias se passaram, que quanto eu por vê-la mais sofria, menos ela aparecia. Como a minha dor mais e mais crescia, todas as pessoas davam palpite sobre o porquê daquilo acontecer.

E como Belisa, a irmã de quem eu já falei, olhando meu padecer pressentisse o perigo, procurou saber por suas meticulosas investigações quem me fazia sofrer. Como jamais as suas indagações cessassem, conseguiu saber que Lucenda era a causa de minhas terríveis agruras. E como de sua suspeita tivesse informação certa, sem nada me dizer, para me livrar da morte, quis mudar seu honesto viver e hábitos em outros modos. Como entre ela e Lucenda havia estreita amizade, por se falarem, mais se confirmava, e como muitas vezes estivessem juntas, quando se retiraram para dormir uma sesta, minha irmã desta maneira lhe falou:

#### Belisa a Lucenda

Lucenda, em nome da cortesia, pelo que quero dizer, não me julgues até que saibas de meu propósito. Depois disso, espero ser mais elogiada pela intenção que repreendida pelas palavras, porque um sofrimento alheio impõe novas leis a minha vontade e a minha condição. Ao tomares conhecimento da verdade, desculparás com muita razão o meu atrevimento.

Tu, Lucenda, saberás que há longos e muitos dias que meu irmão Arnalte cresce em sofrimento e decresce em sanidade por causa do muito padecer e do pouco remédio que lhe são inimigos. Eu tenho presenciado o tão pouco de sua vida e o tão muito de sua dor, que, com muitas lágrimas, seus ocultos sofrimentos roguei que me revelasse. Sempre seu negar a meu pedido tem vencido. Eu, por vê-lo padecer, tanto me angustiei, que, com grande persistência, investiguei acerca das causas de sua dor com desejo e com esforços de certificar-me quem lhe fazia sofrer.

Os indícios que levantei e as suspeitas que tinha me hão informado que tu eras o algoz. Como tão perto do fim a sua vida estivesse, determinei em ajudá-lo, mesmo que isto me prejudicasse. Não queiras outra prova, para que acredites em sua dor, senão as

minhas queixas, porque se de seu prejuízo nada soubesse, meu atrevimento não se precipitaria.

Porém, tu vês que, para buscar seu remédio, tanto a minha piedade recresce quanto sua dor me comove, porque o amor que lhe tenho é tão grande que me faz incauta de minha própria honra. Se o perigo da morte devo contrapor a sua vida, tu sabes e entendes, que devo fazê-lo tanto por minha solidão como pela sua sanidade. Tu bem sabes que a terrível peste que acometeu a nossos pais e parentes nos deixou sozinhos. Assim, se tu, por um pequeno inconveniente, queres que eu pare de falar, serás mais repreendida que elogiada.

Tu podes estar certa que se negas o remédio, é porque apenas a morte lhe dará descanso. Assim, livrará a ti de ser incomodada e a ele de ser insistente. Perceba o quanto lhe mereces, pois quanto mais lhe faz sofrer, tanto mais ele te quer. E por ser tu a causa de sua perdição, o bem perdido lhe chamas. Pelo que mais lhe atormentas, paga em dobro o que lhe deves. E para que ninguém saiba de tua cruel atitude e para que tua honra por sua causa não se turve, pelo menos, mostra fingida satisfação, pois é grande tormento para ele suportar. Entretanto, quando a satisfação é inimiga de seu desejo, o que ele mais sente é ter necessidade de mostrar rosto contrário a sua vontade.

Não consintas que tal lealdade pereça no âmago de tuas más ações, pois se negas a justa retribuição, posso assegurar sem nenhuma dúvida que teu esquecimento e a firmeza dele, sem tardar, estarão em combate. Assim, apenas ao me ouvir, poderás apaziguar a batalha de seu sofrimento. E se não o quiser e por tua bondade o negas, faça-o por mim, pois, se o fazes, serei tua serva, além de amiga. Basta dizer que ele há dois anos que não vive, porque não morre. Não dês lugar a tanta dor, pois podes ser causa de seu bem.

#### Responde Lucenda a Belisa

Ó Belisa, não receies e não temas, pois pelo que me disseste não considerarei nenhum ultraje. Não colocaste tão a perigo a tua bondade para que possas ser ofendida de desonra. Nem penses que tua culpa merece receber algum castigo, são notórias a tua virtude e a tua boa intenção. Mais encargo se deve dar por teu sofrimento que por tuas palavras; que sejam testemunhas disso tua fama e meu consentimento, porque com a tua vergonha limpas o que com o teu pedir enlameias. Assim, deves condoer-te mais do sofrimento de teu irmão do que de tua desonra. Mas, lamento, porque a minha resposta não poderá te agradar.

Não duvido da dor de teu irmão, nem me surpreendo por rogares o remédio dele; porém se o que eu quero, ele também quer, sem que me prejudique, ele não poderá queixar-se de sofrer, porque não menos devo temer minha fama que tu a morte dele. Tu já sabes quanto a honra das mulheres diminui quando o sofrer dos homens aumenta. Não queiras, para mim, o que negarias para ti. Tu bem sabes o quanto às escuras trevas minha bondade precipitaria se desse luz ao desejo dele. Roga a Deus que não me peça dádiva tão pesada, para que o resultado das ações da vontade te faça segura.

Quando de seu sofrer me diziam, quantas vezes me pesava o fato de ser formosa! Quantas vezes, quando me encontro sozinha, choro o seu pranto! Em especial, quando considero que ele solicita algo tão impossível. Mais eu desejo remediá-lo que tu consolá-lo; e se outro preço, que não for o da honra, pudesse pagar, eu seria tanto livre em dar como em receber. Porém, não pode haver sua vitória sem a minha derrota; assim, de seu sofrimento e minha vontade deve-se valer.

E tu, Senhora, teu pesar também a mim me pesa, porém a minha segurança deve bastar para a sua lealdade. E se tu em minha resposta não a queres encontrar, à minha bondade e não a mim remeta a culpa. Se eu pudesse remediá-lo sem me pôr em perigo, verias a dor que dele tenho. Tu não guardes de mim inimizade por isso, que mais mereço recompensa por minha força de vontade do que castigo pelo que faço. E porque o muito alargar e o pouco fazer mal cabe à pessoa que é rogada, quero antes ser apreciada pelas breves palavras que pela longa porfia. Sem mais para o momento.

#### Arnalte ao Autor

Como eu da negociação de minha irmã não levantasse suspeita, quando ela a mim veio e me contou tudo o que havia feito, não queria aceitar. Porém, como em suas palavras, eu reconhecia frases já conhecidas, não pude nada mais ocultar pelo que a mim declarava. Como eu sabia o que se passou com Lucenda, vi que mais cabia contentar-me que me remediar, mostrando o pesar de meu sofrimento. Minha irmã nada pôde dizer para me alegrar, porque quando faltam os efeitos as palavras devem ser consideradas duvidosas.

E como em ordem desordenada o amor costuma vencer frequentemente a razão, pensei que, embora não pudesse dela me valer, haveria um outro modo de proveito. Muitas vezes costuma o esquecimento fingir o que nega a certeza da retribuição. Pela resposta de Lucenda, eu soube que de meu sofrer mais burlava que se condoia. Pedi que a esquecesse e supliquei a minha irmã que desse a ela a certeza desse meu esquecimento, a qual, não com menos dor que vontade, aceitou assim proceder. Mas antes que fosse a Lucenda para cumprir o que prometera, foi informada de minha decisão. Disse-lhe que prestasse atenção em todas as reações, quando a fosse visitar, porque poderia certificar-se melhor por estas do que pelas suas palavras.

Sobretudo, disse-lhe que observasse bem o seu rosto, para que pudesse descobrir o verdadeiro sentimento nos recônditos de sua alma. E disse-lhe que prestasse atenção, quando acabasse de falar, se Lucenda ficava emudecida ou preocupada, ou se com gaguejar pronunciava algumas palavras, e não menos, se alguém lhe trazia à razão, se com atenta ou desatinada atenção respondia, porque podem estas coisas encobrir a dor, quando a paixão governa.

Minha irmã amada, que minhas palavras escrevia na alma, colocou-as em segurança na memória, as quais bem guardadas, foi para onde estava Lucenda. E depois que falou com ela, como estivesse avisada do que por mim deveria fazer, quanto dela se despedia, seus queixosos rogos tanto me elogiavam, os quais foram ditos desta maneira:

#### Belisa a Lucenda

Lucenda, se tu considerares os meus rogos por muito incômodos como eu os tenho por vergonhosos, eu não me espantaria, como podes constatar. Os sofrimentos de meu irmão, que se encontra teu prisioneiro, fizeram de mim petulante e a ti incomodada, porém, é preciso que eu insista em nome do amor que lhe tenho e confiando em tua compreensão. Com meus rogos, ousa aparecer diante de ti, suplicando que os aceites, pois eu já não posso suportá-los em silêncio.

Lucenda, se o meu irmão se despede de teu serviço, não entendas que foi por causa de não seres acolhedora, pois ele pregou tua formosura no coração com pesados cravos, que somente a morte pode realizar tal poder. Assim aquiesce, porque ele quer

partir para nunca mais voltar, fazendo sua ausência mediadora entre o teu matar e o seu morrer, pensando falar por ela a presença que lhe negas. Se tu tal consentes, serás a causa de seu desterro e de minha morte.

Ó que edifícios tão duros movem tuas ações! Pois, sem tardar, à vida dele e à minha darás sepultura, porque nem ele partindo poderá viver, nem eu ficando quererei a vida. Quanto amor ele teve por ti! E, tu, quanta ingratidão teve! Quanto mal fazes a quem lhe deu tanto bem! Como tratas mal a uma tão firme lealdade! Nunca ninguém como meu irmão te quis tanto; nunca vi por tão pequena recompensa tão grande obstáculo. E não queiras para cumprir os teus desejos fazer a vida dele em pedaços. A teu favor, estou implorando, estabelece novas leis, mas não quero que quebres por elas aquelas de tua bondade. Poderias, se o fizeres, vangloriar-te, pois com uma só recompensa salvaste duas vidas.

Concede as tuas dádivas, pois isto não diminui a tua virtude. Observa a sua perdição; não esqueças de minha solidão; guarde na memória sua dor; atenta para a minha angústia; desterra tua teimosia; foge de tua porfia; faz, a ele, alegre e, a mim, aliviada e, a ti, honrada; e não prejudiques a ti mesma nem destruas a ele nem atormentes a mim. A teimosia de tua vontade abandona; olha que todas as coisas por ela regidas têm mais de arrependimento que de ganância; e não queiras ser mais incomodada com a minha impertinência. Queira escrever-lhe, para que não pereça no melhor de sua vida. Olha que infligir sofrimento, onde não há culpa, é perante as pessoas coisa muito vergonhosa.

#### Responde Lucenda a Belisa, irmã de Arnalte

Belisa, por Deus, eu imploro que refreies as tuas lágrimas e amanses os teus sofrimentos; alegre-te imediatamente, pois o que desejas eu concedo. E agradeça a Deus que agora eu não tivesse língua para que com ela umas tais palavras não te falara. Porém, embora pelo que dizes o prejuízo seja passado, o conselho para me enganar não foi breve, pois poderei afirmar que por tua insistência fui forçada e não vencida de própria vontade.

Assim, se tu tiveste alguma culpa em meu erro, podes te chamar de forte, pois em tuas lágrimas angariaste as armas com as quais pudeste vencer a força de meu propósito. Porém, eu me ponho em perigo por teu bem para ver seu descanso; e tanto amor te tenho que quero eu perder, para que tu ganhes. Muito recomendo que não sejas menos agradecida que porfiada. Rogo que o seu apreço por mim nunca se desdoure, porque é considerada regra natural que todas as coisas, quando não se podem ter, sejam estimadas e depois de conseguidas costumam ser menosprezadas.

Perceba como a partir de hoje ficas minha devedora, cuja paga nunca se esqueça em teu agradecer. Perceba como por ti hoje corto o fio da bondade, que jamais mulher nenhuma em minha linhagem cortou. Porém, se violei alguma promessa, com o que fizer, serei desculpada, porque não terá nem fim nem começo. Para teu irmão, pela lealdade que lhe tenho em troca quero escrever, com a condição de que minha carta seja a pacificadora de seus tormentos. E se ele pretende pedir algo mais, atenta que perderá o que já possui.

Roga a Deus, pois, quando esta minha decisão concebi em minha vontade, pretendo levar comigo para sempre na sepultura. Não é grave a dor que ligeiramente parece e a morte acaba com o que no coração há de permanecer. Porém, é cruel que ele sofra pelo afeto alheio, e mesmo porque não posso desdizer-me, por arrependida, do que

outorguei. Por causa de tuas ânsias disfarçadas em alegre costume, quero pôr em prática o que tu me pediste, o qual dou início para tu vejas.

### Segue a primeira carta de Lucenda a Arnalte

Arnalte, não te fará menos alegre esta minha carta quando a leres que a mim me deixou triste quando a acabes de escrever. Não me queixaria de minha sina, se quando a comecei, aquela que escreve morrera, pois, de livre, quis ser prisioneira, retribuindo sem nada dever. Porém, não escrevo para que tu te orgulhes, nem porque mais não te escreva para que te incomodes; assim debes temperar a esperança do porvir com a glória presente.

E muito peço que com semblante temperado recebas esta carta; e que com atos contidos seja de ti festejada; e rogo que encubras com honra as expressões de júbilo; e com muito bom senso refreie os sentimentos de paixão.

Olha que quando tais vitórias os homens apregoam, fazem injustiça à honra das mulheres. Tu bem sabes o que cumpre fazer, para o que a mim me toca não saibas menos; e pois, para teu descanso, de senhora quis ser serva, nunca teu segredo nem agradecimento pereça. Nunca esqueças que de mim mesma quis ser inimiga para não te fazer meu inimigo. Recorda que quando tu comemorares a tua glória, eu chorarei a minha culpa, e para te fazer alegre não foi somente um único dano que causei. Antes, turvei a minha honra, pois dos prazeres alheios me fiz invejosa, jamais entendo alegrar-me.

Ó quanto recusei tomar do papel em minhas mãos! Porém, quem poderia defender-se de tuas porfias? Agora descansa teu sofrer, agora tuas dúvidas se dissolvam, agora tens do que te vangloriar, agora não tens do que te condoer.

Soube por tua irmã que queria suicidar-te; por minha carta saberás o pesar com que isto recebi, porque quem de nenhum bem pode ser causa também não deve ser ocasião de nenhum mal, embora, para falar a verdade, mais suspeitei de teu engano que acreditei em tua intenção. Se pensaste em enganar-me, então conseguiste. Mas quero que saibas que disso eu sabia para que não me tomes por ludibriada e a ti por vencedor; aqueles que as leis de amor seguem, quando com cautela vencem, grandes vitórias pensam quando ganham.

Porém, não consideres a ti por manipulador, nem a mim tão pouco por vítima. Assim, decidi escrever mais por saber de teu sofrimento que pela possibilidade de engano. Embora estivesse em dúvida acerca da sinceridade de tua dor, a certeza, que tua irmã me afirmou, cujas lágrimas entristeceram meu coração de muitas maneiras, bastou para que eu me certificasse.

Exijo, no entanto, que, com o que fiz, te contentes, sem que nada mais me peças. Do contrário, a vontade que tens por vencida poderás perder; e como cortês, com minha carta te alegres, e não te esforces para visitar-me, para que de teu insistente pedir e de meu largo conceder não recebas castigo.

### Arnalte ao Autor

Quando minha amorosa irmã retornou de sua missão, encontrou-me pensativo, imerso em meio às minhas preocupações. Quando voltei os olhos para o seu rosto, percebeu que eu a observava para reconhecer em sua face o resultado de sua visita. E

porque suas palavras me certificassem do resultado, sem muito se alongar, disse para que eu silenciasses a minha angústia, pois trazia a deliberação final.

Nesse momento, seu dizer e meu escutar concordavam num harmonioso prazer. Quando acabou de relatar tudo o que se passou com Lucenda, proferiu do fundo de seu coração o meu tão esperado alívio pela visita que realizara. A carta de Lucenda depositou em minhas mãos; meu coração se precipitou em grandes alterações; eu desejava tanto isso que somente porque a via podia acreditar. Gastei um longo tempo beijando a carta e as mãos de quem a trouxera. Quem visse a expressão de meu rosto, julgaria que me acometera uma enorme comoção. O matiz de minhas faces avermelhava sua brancura. As coisas que à minha irmã eu dizia, quem poderia imaginá-las? E se mais amor eu tivesse do que eu já lhe tinha, ali se duplicaria.

Depois que nossa alegre conversa arrefeceu, comecei a ler a carta a mim endereçada, todavia seus argumentos me trouxeram desesperança e prazer. Ao terminar, permaneci calado um longo tempo; e quando começava a alegrar-me, suas palavras de desesperança não me deixavam, e quando começava a entristecer-me o muito amor que lhe tinha não me permitiam. Faltava-me decisão para o que deveria fazer. E mais angustiado pelo medo de sofrer do que satisfeito por receber a retribuição, decidi responder a carta nesta maneira presente:

#### Responde Arnalte a Lucenda

Lucenda, recebi a tua carta e o júbilo que dela senti é impossível de dizer, porém se ao vê-la me alegrei, ao lê-la me entristeci, porque, fechada, mostrava o meu remédio, e, pelo conteúdo, confirmava o meu dano. Ao julgar a tua intenção por tuas palavras, vislumbro o sofrimento que há de vir e, em nada, alivia a dor presente. E por este motivo não posso o quanto quero, pois com a vã glória de ser teu enriqueces meus sofridos pensamentos, embora com o que dizes os bens de minha satisfação destróis.

Dizes, Lucenda, que te pesa o meu sofrer, porém negas com ações o que dizes com palavras; se tu de mim te condoesses, farias o que dizes, sem fazer o que fazes. Mas como farsante, enganas com a vontade e atormentas com a esperança. Por que tanta mentira a quem é tão teu? Tu me dás esperança e te esquivas das ações. Mais queria que tu não acreditasses em minha dor do que, acreditando, não o remediasses.

Dizes-me mais: que temperadamente goze de teus favores, porque as comoções deles ordenam mistérios intermitentes. Se assim fosse, com só o sofrer para me bastar, nem tu me castigarias nem eu penaria, porque sempre se cumprem as minhas ações ao som do segredo, sem sair um ponto de seu caminho. Teus favores não vêm tão doces que, deixada a rudeza da aparência, amargos não fiquem, nem menos tão humildes que sua alforria não liberte os grilhões que eles colocam. Tu debes dissolver as minhas preocupações e o teu descuido, pois mais eu desejo ocultar meu amor do que tu encobrir a tua tirania.

Suplico que não me desesperes tão grandemente com tuas palavras e não de todo queiras horrorizar-me. Que baste ter roubado a melhor parte de minha vida. Olha que minhas lágrimas pedem remédio; e se tardas, encontrarão a morte, a qual eu me haveria infligido, pois menos de minha fama que de mim mesmo me preocupo. Segundo a dureza do meu sofrer, eu entendo que sou o primeiro e o último no padecer; porém tenho-o por bem, porque a minha dor segue a tua formosura e é tão latente mais por razão que por vontade.

Entretanto, ao ver minha sina e tua ingratidão, nem posso alegrar-me, nem a ninguém queria ver alegre. Antes queria ver a todos tratados pelo amor, como eu fui; e

ao ver minha lealdade tão muita e teu agradecer tão pouco, não duvides que não desejo voltar para onde espero partir definitivamente, porque a morte ou o necessário esquecimento costuma aplacar os desejos. Agora, confirmo ainda mais minha ausência, pois de todo me desesperava por teu olhar, o qual não faria se alguma esperança me desesses, porque a ausência me ajudaria a suportar a minha dor.

Para que não exista ocasião para prejuízo tão grande, suplico que desejes me ver; e para que não penses que eu poderia pedir algo que te prejudiques, não te peço que me fales em lugar em que a solidão não guarde o segredo, mas em alguma parte em que a minha irmã possa ser a mediadora. E isso eu suplico para te fazer mais honrada que para me remediar; para que em meu sofrer vejas o teu poder e para que em meu enrubescer e fraqueza conheças os efeitos de tua formosura. Se consentires que meus olhos sob tuas ordens e licença te olhem, poderás libertar meu coração prisioneiro de seus sofrimentos. Com esta dádiva, não ficando menor em honra, poderás iluminar a minha vida, considerando, se assim o mandares, como te adoraria.

Não sei o que digo. Estou prostrado a teus pés, os joelhos no chão e os olhos postos em ti. E desse jeito, penso como tu te vangloriarias por teu altivo merecimento e, como eu, com que acatamento te olharia. Eu não espero parar de te adorar, nem mesmo me cansar de tanto pensar em ti. Cansa-me apenas quando tu me ofendes com tua desesperança.

#### Arnalte ao Autor

Quando selei a minha carta, embora minha amada irmã padecesse, segundo seu honesto viver, por entender que a solicitação era muito desrespeitosa, supliquei, não com menos vergonha que dor, que pedisse a Lucenda para me valer. E como estivesse cheia de compaixão pelo grande amor que me votava, contrariando a sua própria vontade apenas para satisfazer a minha, para assim proceder lhe pedi. E porque o costume das desculpas é dilatar a dor, incontinentemente, foi para a casa de Lucenda, a qual, não recusando a sua visita, recebeu minha carta, porém, não porque desejasse depois me responder. E como ao ver a sua porfia minguasse a minha sanidade, não menos amorosa que solícita, não cessava jamais de buscar o meu remédio. Como as minhas faces declarassem minha pouca vontade de viver, ela passava seu tempo comigo, dizendo palavras de ânimo, mas, sofrendo, ao não ver o efeito de seus cuidados.

E como já estavam contados os meus passos até a morte, um dia Lucenda e minha irmã gastaram muito tempo conversando, mas de mim pouco falando. Entretanto, foi tanta a porfia de uma que, em se defender, a outra não teve forças. Em seus insistentes pedidos, suplicava a Lucenda para que aceitasse me ver. Minha irmã, pelo resultado da conversa, retornou com muita satisfação, trazendo novos e alegres alvitres.

Não devo dizer, pois nem se pode imaginar, o que ela mostrava nos olhos, ao sorrir, porque sentia o coração. Digo apenas que perguntem aos que sofrem por amor. Ali as angustias estavam alegres; ali os pensamentos estavam ufanos, vendo por seus esforços vencer por tão grande vitória; ali a alma e o coração festejavam as boas notícias de sua visita; ali não faltava presunção; ali nada possuía, mas também nada mais desejava.

Pois como já o tempo das pazes tivesse chegado, minha irmã e eu fomos pôr mãos à obra, e num mosteiro, para onde todos os olhares se dirigiam, encontramos Lucenda. Antes que o sol desse seu lume, num confessionário, onde o trato seria cumprido, me coloquei; e como ali com ela me encontrasse, comecei a falar nesta maneira:

### Arnalte a Lucenda

Lucenda, é tão grande a esta mercê que me quiseste fazer que, se eu fosse de mais valer ou ela de menos substância, nenhum serviço poderia satisfazer. E se o sofrer não fosse dado em troca do servir, já que recusaste acolhê-lo, embora – penso – eu a merecesse tanto, poderias bem vê-lo em mim padecer, porque verás desfiguradas a ele e a tuas fingidas ações. Não me hão bastado as minhas lágrimas a aumentar meu sofrimento, mas, por perceber as minhas faces, fizeram temerosos a muitos devotados ao amor. Assim sendo, eu suplico que arrependida do passado emendes o porvir.

Não sejas persistente em teu desprezo. Coloca com tuas ações mil guerras em paz. Não sei porque, podendo, deixaste de ser honrada. Todas assim desejam, mas tu recusas. Bem parece que eu tinha maior necessidade de tuas graças que tu vontade de meus serviços. Ó quanto recebi por minha muita lealdade a tua pouca esperança! Como vês, a força de minha sanidade se enfraquece. Quanto tu menos te compadecias de meu sofrimento, mais meu sofrimento me atormentava. Se eu pudesse pôr em palavras o que senti na alma, quanta culpa por meu sofrer te causarias. Nunca ninguém padeceu uma dor tão grande. Nunca se teve por tanta memória tanto esquecimento. Meu afeto e teu menosprezo destroem minha sanidade.

Tudo isso, Lucenda, digo para que mais e mais aprecies o meu querer, e para que em meu sofrimento conheças a minha firmeza; pois nem por todo o meu sofrer jamais pensei em mudar, nem me vi cansado de padecer. Antes, sempre me encontrei vencido, porque tu vencias, porém não por pequena causa, que eu não tinha menos razão para sofrer que tu formosura para afligir-me. Assim, tu, ao saber, como eu soube te querer, grande injustiça cometerias a tua virtude e a minha lealdade. Entretanto, se em tua condição novo costume pusesse, restituiria com tuas dádivas os bens que com tuas desesperanças destruístes. E para que, arrependida, comeces a agir, consinta que eu beije as tuas mãos pela graça recebida, e fique por aqui minha insistência em pedir e em incomodar; e se veres que faço o contrário, retribui com meu sofrer e teu desprezo.

### Responde Lucenda

Arnalte, se eu soubesse tão bem responder como tu sabes te queixar, eu me encontraria tão alegre pelo que disseste como triste pelo modo como agi; porém a tua presença e a minha vergonha me tomam tão estreitamente, que não sei o que dizer. Nem quero saber, pois com o que fiz enfraqueci a minha honra, nem pouco poderei robustecê-la com o que disser, quanto mais para aliviar-me do fardo que me atribuis. Minha bondade sem argumentos basta, pois, para não te ofender, já me coloquei em perigo.

Dizes que se eu me arrependesse dos sofrimentos que causei, tua dor seria compensada pelas presentes alegrias. Eu devo arrepender-me, com maior razão, mais de minha fraqueza que de teu sofrimento, porque teu padecer era sustentado pela honra e o meu pela desonra. Tu, como homem, sofreste e eu, como mulher, nem isso poderia. Que maior desconcerto pode haver em aceitar falar contigo! Sem o prejuízo da infâmia que adiante espero, o presente condena o meu bom nome, porque temo que tua vitória não poderás deter-se no calar. A comoção costuma vencer o bom senso e, se assim for, isto será às minhas custas. Ó quanto mais tua porfia pôde que a minha defesa! Quem quererá acreditar no bem querer que te votava! Ó, no desejo dos homens, quanto o que querem



conseguem! Ó, mulheres, me acreditem e se guardem desses arroubos! E porque eu me vejo enganada por mim mesma, assim eu aconselho. Ó quem poderia pensar que assim as forças de meu propósito tinham de enfraquecer? Lucenda, tu és agora a derrotada, e tu, Arnalte, o vencedor. Porém, percebe, que as glórias de tua vitória saibas guardar, e recorda-te que melhor é o segredo quanto mais se enfraquecem as suspeitas.

Tu rogas que eu consinta para que beijes a minha mão. Se a presunção não considera, apenas contenta, com a condição que a mim de importunada e a ti de importuno, renuncie a esta recompensa. E como se firma este contrato entre mim e ti, que assim se guarde, te peço. E dou por testemunho a tua irmã, o teu consolo e a minha algoz para que, se quiseres quebrá-lo, sofras as conseqüências de tudo que daqui em diante passares.

#### Arnalte ao Autor

Quando Lucenda acabou o seu discurso, me deixando com prazer beijar as suas mãos, fomos instados pelo tempo, pois, como a igreja já se enchia de gente, com muita pressa nos despedimos. Assim, sem mais tardar, Lucenda e as suas damas de companhia por sua parte, e eu e a minha irmã pela nossa, nos dirigimos aos nossos respectivos aposentos.

Se eu tivesse de escolher entre governar o mundo inteiro e perenizar o breve momento que tive, aqueles que muitos amam podem julgar. Como a minha querida irmã visse meu grande desconsolo, com todas as suas forças, se esforçava para que eu voltasse a mim mesmo. E, desejando me ver plenamente recuperado, pensou em rogar que eu fosse descansar com ela a um certo lugar, localizado junto a cidade de Tebas, pois a recreação do ócio poderia ajudar. Eu, com alegre vontade, me prontifiquei a satisfazer a sua vontade. E imediatamente pusemos em ação o nosso acordo. Como o lugar era muito abastado de caça, ordenei que minhas aves fossem levadas para lá, para que eu sob as graças de Lucenda e com os meus passatempos pudesse voltar a mim. Depois que ali nossos aposentos foram feitos, fui requerido às festas organizadas por minha irmã. E assim com os muitos deleites ia recobrando as forças perdidas.

E num dia nublado que saí para caçar, vi muitos sinais e presságios que me certificaram o mal vindouro. Foram tais que como eu aquele aziago dia de manhã me levantasse, um sabujo meu entrou em meu quarto e, junto aos meus pés, deu três latidos temerosos. Como eu em agouros acreditasse muito pouco, não me preocupando com tal mistério, tomando um açaor na mão, continuei pelo caminho planejado. Ao mesmo tempo que eu procurava a caça, entre muitas coisas que pensei, trouxe à memória como aquele cavaleiro Elierso, de cuja conformidade em afeto entre nós eu contava, havia muito tempo que a conversa sua e minha estava em calma, porque nem queria me ver nem perguntava por mim.

Como a condição dos demais homens não guarda muita firmeza na amizade, preocupei-me com isso, julgando todos os argumentos e acreditando que ele não nutria muita compaixão por meu sofrimento, e assim de mim se furtava. E quando esse tal pensamento de mim afugentei, o açaor que na mão trazia subitamente caiu morto. E para que nada passe sem atenção, não quero negar, pois, sem dúvida, meu coração foi tomado de grandes sobressaltos.

Após presenciar tais coisas, abandonei a caçada, até que cheguei a um monte distante, de onde olhava para a cidade, para ver se conseguia identificar a casa de Lucenda entre as outras. E ali permanecendo, o estrondo de muitos atabales e de trombetas chegou a meus ouvidos. E como o tempo depressa avançasse naquele lugar

alto, pensei o que aquilo poderia ser. Estava seguro que bem se poderia tratar da consecução de minhas suspeitas. Daquele monte distante eu podia ver a casa de Lucenda, entre os raios de sol que já deixava de iluminar de todo os rincões. Assim, pela noite que se aproximava, resolvi que dali deveria partir, retornando ao lugar onde estava meu acampamento. Quando atingi a porta de minha pousada, vi que minha irmã, não como era de seu costume, saiu para me receber. Fiquei de muitas maneiras surpreso. Após aproximar-me dela, percebi sua boca emudecida e sua face chorosa. Estava tão entristecida, que nem atrevo a descrever. Ao vê-la assim, eu me comovi, pois ela nem conseguia falar, temendo que eu ouvisse más notícias por suas palavras.

Porém, quebrei seu longo silêncio, indagando pela causa de sua tristeza. Ela não pôde responder por causa de suas torrenciais lágrimas. Depois que o muito chorar deixou livre a sua fala, com sobrada cortesia e com as devidas vênias, ela me disse que Lucenda havia se casado com aquele meu amigo e que a cerimônia acabava de se realizar.

Ali, então, os sinais de mau agouro fizeram sentido. Ali, o estrondo que ouvi na cidade me foi revelado. Ali, sem palavras fiquei; e enfraquecidas as forças e crescido o sofrimento, dei comigo mesmo ao solo. Foi o golpe tão terrível que minha irmã e os meus amigos me julgaram por morto. Quando recobrei os sentidos, comecei a dilacerar as minhas carnes com as minhas próprias mãos, e de muitos cabelos enchi o solo. Embora a semelhantes atos as mulheres sejam mais aptas, os homens se vêm submetidos a elas nos rigores do sofrer de amor. Depois que os cuidados de minha irmã e dos meus puseram os meus tormentos em calma, de muito e muito negro luto me vesti, fazendo também que meus criados assim se vestissem.

E como uma serviçal de Lucenda, de quem ela tinha grande confiança, de sua parte a mim viesse, com rogos de desculpas pelo casamento, alegando que se casara mais por insistência de parentes que por sua vontade. Após eu haver escutado com atenção e satisfeita a minha curiosidade, ficou com dobrada culpa. E diante dela, antes que voltasse de sua missão a Lucenda, providenciei para que se fizesse um manto de luto para cobrir o meu corpo e o meu coração, no qual mandei bordar uns versos em seda negra, as quais desta maneira diziam:

Desiste, pois quis ser  
Prisioneira de seu cativo,  
Que vive porque vivo.

A serviçal, por sua grande nobreza, muito se condeou de minha dor. A divisa do manto guardou na memória; e assim se foi e me deixou com tanto sofrimento do matrimônio de Lucenda quanto com incômodo do caso pela traição dele recebida. Quando ela partiu, concluí que ela atinou a maldade de Elierso e do eu que faria. Sem mais tardar, enviei a ele um desafio, cujos argumentos assim diziam:

#### Desafio de Arnalte a Elierso

Elierso, para que teus erros secretos venham a público, não quero calar as palavras em minha boca; e para que a outros teu castigo seja exemplo, eu te desafio; e também para que tua culpa receba o castigo que merece, quero te vencer com as minhas próprias mãos e com as palavras te desmascarar. Isto, com o esforço de combater a tua maldade e por confiar em meus argumentos. Que teu erro te envergonhe e que nenhuma desculpa te salve.

Recorda quanta amizade em estreita afeição tivemos por tanto tempo. Traz à memória quanta confiança eu em ti depositava, confessando todos os meus segredos, sem nada negar e sem nada esconder. Que a causa deles era Lucenda, eu não negarei. Antes que ambos buscássemos o meu remédio, tu me dizias, com tanta pouca fé em meu valor e com muitos argumentos para enganar-me, que ela de mim se agradava. Tu fingias ser sincero, ao mesmo tempo em que a cortejavas para que ela, deixando de ser minha senhora, fosse a tua. Em tuas promessas depusitei muita esperança, pensando que tu falavas mais com verdade do que com engano.

Agora, às escondidas de mim, tu a recebeste por esposa, fazendo de ti o possuidor de meus méritos. Sem mesmo nem disfarçar, perdeste a tua honra por causa dela. Pelo bem que me separou de ti, eu não me queixo, porque em tuas ações jamais o encontrei; antes, quanto mais minha vida minguava tanto mais crescia a tua vontade. Porém, queixo-me porque quiseste ser traidor e tão inimigo de tua vontade, sobretudo, sabendo tu quanto as ações da amizade são conformes com a verdade. Por isto não observar e por tua notória desfaçatez quiseste enlamear a tua memória. Mais a ti que a outro o que tu fizeste te concerne, porque assim como no branco mais se conhece o negro, assim em tua excelente linhagem mais teu erro se destaca.

E para que de velha falta nova vergonha recebas, te desafio e faço saber que com as armas que quiseres escolher te matarei ou expulsarei do campo ou farei conhecer que cometeste o ato mais torpe que se pode pensar. Com a ajuda de Deus, minhas mãos e tua maldade me concederão inteira vingança. Por isso, escolha as armas que desejares escolher, indica o local e determine o dia; eu, ao conhecer a tua resposta, lá estarei.

#### Responde Elierso a Arnalte

Arnalte, recebi o teu desafio e, segundo o que nele li, posso dizer que se tens tão gloriosas as ações como desmedidas as palavras, neste debate que comesças te julgo mais por vencedor que por vencido. Porém, ao contrário do que pensas, não encontrarás menor fúria em minhas mãos que eu descortesia em tua língua. Segundo o que teus argumentos dizem, nós nascemos, tu para o dizer e eu, para o fazer. Causaste com soberbo falar que as outras pessoas se riam do que tu dizes e que os teus parentes chorem pelo que eu farei, pois grande injustiça seria se com a morte não recebesse castigo, segundo com quanta razão merecida a tens.

Dizes, para que meu erro pareça claro, que me recorde da amizade com que me revelaste teus segredos. Se tal negasse, muito contra a virtude iria. Porém, eu soube melhor guardar a amizade que tu conservá-la e se, em público, não me afrontares, que tu fiques satisfeito com o segredo de minha culpa, a qual sabendo, mais por sincero que por fingido me julgarias, porque mais por remédio teu que por proveito meu recebi a Lucenda por esposa, acreditando que seu casamento para teus males seria um atalho. E como eu em disposição de muito sofrer e pouco viver a visse, pensei em fazer o que fiz, para que a desesperança pudesse restituir a sua sanidade. De qualquer maneira os que por aparência julgarem, mais por duvidosa que por certa terão a minha desculpa.

Entretanto, como a intenção salva ou condena, a ela me refiro; e como a verdade disto mais que nas palavras se há de mostrar, deixe a sentença para o dia de nosso embate. Ali verás quanto ganharias em calar e quanto perdeste em falar, porque tua soberba será julgada por minha lei.

E porque em atos semelhantes, é preciso encurtar os argumentos e alargar a ação, digo que, para repor a verdade dos fatos e para o contrário do que dizes defender-me, eu escolho as armas desta maneira: a brida, armados os corpos e as cabeças como é

de costume, e os braços direitos sem armas nenhuma; as lanças iguais em tamanho, os cavalos com vestimentas e pescoceira e testeira. Por isso, quando quiseres, escolhe o campo e determine o dia, pois a vontade Dele há de ser juiz entre tua injustiça e meu direito. Eu vou te matar ou expulsar do campo ou vencer com as ditas armas.

#### Arnalte ao Autor

Assim, como as armas fossem determinadas por Elierso, fui ao rei e relatei toda a informação certa do que se passou. Como a falsidade de Elierso soasse de maneira inusitada, para que averiguasse a verdade daquela sua vitória ou a minha, concordando com as leis estabelecidas sobre os desafios, ficou contente de tudo se resolver em combate. Quando todos os preparativos para o feito se aprontassem e chegada a ocasião do transe por mim determinada, Elierso e eu viemos diante do rei.

Depois de haver passado em revista e constatado que nós trazíamos as armas iguais, esquecendo as palavras ditas no passado, prestamos atenção na ação presente. Cavalgamos, então, um em direção ao outro e na força dos encontros mostramos o ódio das vontades. Como Elierso era tão hábil cavaleiro como bom de pontaria, feriu meu braço que estava desarmado. O meu golpe igual a ele não fez, porque, posto que nos olhos lhe acertasse, não pude golpear em cheio para que algum sério dano causasse.

Assim, depois de nossas lanças se romperem com muita presteza, levando a mão às espadas, não com pouco denodo, começamos a combater. Tanto tempo durou a nossa lida que aqueles que ali testemunhavam estavam cansados de olhar; não menos estavam nossos esforços. Como a coragem crescesse, as nossas forças minguavam. E porque a prolixidade em tais coisas é mais incômoda que agradável, não quero descrever em detalhes a nossa contenda. Ao fim, Elierso foi vencido, trazendo à luz sua mentira e minha verdade. Porém, como Elierso tivesse em mais a honra que a vida, guardando as leis que herdou de sua alta linhagem, não querendo retirar o que disse, quis antes morrer com honra que viver sem ela.

Lucenda estava viúva e eu, vencedor. Elierso foi levado à morada derradeira debaixo da terra e eu me retirei aos meus aposentos, tentando curar as minhas chagas. Mas sabendo do pranto que Lucenda fazia pelo marido, pensei em escrever-lhe, oferecendo-me para casar com ela, se ela assim concordasse, considerando que esqueceria por minha companhia o sofrimento por seu falecido consorte. Os argumentos de minha carta foram estes:

#### Carta de Arnalte a Lucenda

Lucenda, não me tenhas em louca ousadia, porque te peço paz neste tempo de tanta guerra. Faço isso por ser maior tua virtude que meu erro e se sobre mim pesa a morte de teu marido, o ladrão de meus bens, somente Deus é o juiz. Se assim for, eu me entristeço por tua causa e, pelo teu perdão, imploro. Porém, se eu não errasse, nunca a virtude do teu perdoar poderia se provar, a qual sobre todas as coisas é muito considerada. E, ao me perdoar, serás elogiada. Matizei o pesar com a satisfação para que todas as tuas virtudes fossem conhecidas e postas a descoberto. Mas se não me perdoas, muito serás de repreender. Somente com esta dádiva poderás a mim e a ti apaziguar.

Solicitar aquelas outras virtudes que eu costumava demandar me será escusado, pois pela lealdade não as pude alcançar: “com incômodos como poderei?”. Não ousarei suplicar para a minha causa algo que te incomode, porque se o sofrimento pede, o temor

refreia. Embora tu, se quiseres seguir pela lei da razão, mais inimiga de ti mesma que de mim deves ser, porque se eu matei a teu marido, foi uma única morte a sua, porém tu, com muitas, mataste a seu assassino, do que eu jamais te vi arrependida. Assim, se não quiseres desobedecer o que foi instituído, por perdoado eu me considero.

As chagas que recebi de teu marido, embora os médicos as considerem letais, nem seu perigo temo, nem sua dor me atormenta, porque as graves feridas que tu me causaste com maior dor me atormentam. E, agora, de novo se renovam. Aqui, onde me recupero, curando as que ferem o corpo, mas não curam as da alma, penso em mil coisas, considerando alguma que pode me proporcionar o descanso para esta minha cansada vida. Porém, todas, como inimigas mortais, me desviam o olhar. Somente uma em que encontrei abrigo quero citar, para que recebas segurança e muita lealdade de minha parte, e é esta: as coisas que com a morte se perdem, tu bem sabes, a vida não deixa que se possam cobrar. Tão sem remédio é tal perda, que nem orações, nem prantos, nem promessas não a podem restituir. É esta regra tão igual a todos e tão notória. Tu deves entender que nem o poder de tuas forças, nem a mansidão de tuas lágrimas poderá trazer teu marido de volta.

De qualquer maneira, para mim faltou a lealdade que com ele tiveste, se tu por mal não o tens, tu queiras conceder a mim, pois sem ele te deixei; e se a cegueira de amor te fizer pensar que eu te mereço tanto quanto ele, invoca o bom senso alheio, porque os enganos de amor o teu vencido marido terá, e verás como os outros e o teu estarão em lados contrários. E se disso queres experiência certa, observa que quem pode vencer poderá merecer-te. Não quero falar em linhagem, pois tu bem sabes o que eu poderia dizer. Assim se devo cobrar pelo sofrimento, é porque tu sabes o quanto teu amor à vida me tem feito mais apaixonado. Se neste acordo concordares, suplico que me faças saber.

#### Arnalte ao Autor

Quando terminei a minha carta, chamei minha irmã, que estava tão triste pelas minhas chagas como alegre por minha vitória. De qualquer maneira, a morte de quem se via derrotado muito apesar a vencia. Depois de haver feito o relato de minha decisão, pedi seu parecer. Ela, com muito amor e grande cortesia, me respondeu, não havendo por mal o meu casamento com Lucenda, mas se, por um lado, recusava, por meu sofrer aceitava.

Depois que sua decisão e a minha estivessem de acordo, recebida a carta, dirigiu-se para Lucenda, e bem desanuviada de suas preocupações chegou a casa dela. Quando Lucenda a viu, rogou que quisesse aceitar às bodas que eu havia proposto. Minha querida irmã acabou por surpreender-se pela absolvição que ela tão prontamente me concedia. Lucenda, que mais com as ações que com as palavras quis responder, naquele momento estava com todos os seus parentes para celebrar as tristes exéquias. Todos saíram de seus aposentos e seguiam para acompanhá-la a uma instituição religiosa muito fechada que ela havia escolhido. Após as habituais cerimônias para tal ocasião terem terminado, minha irmã quis sua mensagem dizer, porque até ali ela não lhe havia dado nenhuma possibilidade.

Mas ela não quis ouvir, dizendo à abadessa que ela não havia escolhido aquele santo lugar para que a irmã de seu pior inimigo consentisse estar ali; e como minha irmã se visse desconcertada por meu pedido e pela irritação dela, saiu do mosteiro e veio a mim. Com cautela, quis esconder-me as tristes novidades, porém como foi vencido seu segredo por minha suspeita, houve por bem dizer-me a verdade. Assim, quem quer que

ame e que de tal notícia saiba, rogo que se socorra da morte. Eu assim procederia, se a insistência de meus parentes não me impedisse. Assim haveria por bem, porque a morte pode mais que minha sina.

Como todos os remédios me tivessem faltado e tudo me desesperasse, tendo já perdidas todas as esperanças, decidi invocar o socorro divino. E como eu fosse muito devoto de Nossa Senhora, fiz memória de suas angústias – para que meu sofrimento condoesse a alguém e para que, pelas suas, as minhas se libertassem –, compondo os seguintes versos, embora temeroso de que com minha rudeza e mais minguado saber tocasse a excelência divina, aos quais desta maneira dei começo:

### INVOCAÇÃO A NOSSA SENHORA

Virgem, digna de louvor,  
A quem todo mundo adora,  
Com esforço e com ardor,  
Em teu precioso amor,  
Assim começarei, Senhora.  
Tu que costumavas alegrar  
As pessoas tristes, doloridas,  
Te peço para ajudar  
Para que eu possa cantar  
Sem angústia as tuas feridas.

Para que macerem sem medo  
As que em minha alma se debatem,  
Que farei exausto se não cedo  
Sofrer o justo, assim concedo,  
Com que ofendem e combatem.  
Mas, tu, Rainha, que nos guia,  
Não recuses em remediar  
Para que eu possa em meus dias  
Esquecer as tristezas minhas  
E das tuas me lembrar.

Começa a Primeira Angústia  
Triste e Dolorosa

A triste angústia primeira  
Em que agora contemplo  
Que Tu, Senhora, sofrera,  
Foi quando o Menino oferecera,  
Ao velho honrado no templo;  
O qual velho Simeão  
Que em virtude de Deus falava,  
Te anunciou a Paixão  
Que vossa salvação  
O filho teu esperava.

O qual te disse: “Confortes  
 Em lágrimas teu certo gozo,  
 Pois que com tormento forte,  
 Para dar a vida a nossa morte,  
 Há de ser teu filho morto;  
 E suas injúrias tamanhas  
 Te darão mortal paixão,  
 E suas chagas tão estranhas  
 Traspasarão as entranhas  
 E abrirão teu coração”.

### Contempla

Quando tu tal notícia ouviste  
 Virgem, tão altiva de cordura,  
 Com a dor que sentiste,  
 Com face mortificada e triste  
 Tomaste o filho com doçura  
 E começaste a falar,  
 Queixando-se de sua cruz:  
 “Se tal dor não podia calar  
 Para em tanta angústia passar  
 Nunca deveria dar à luz”.

“Ó imagem gloriosa!  
 Ó filho, para sofrer tal sorte,  
 Ó que coisa tão temerosa,  
 Que viva eu dolorosa,  
 Temendo por vossa morte?  
 Ó angústia em que me afundo!  
 Ó corpo cheio de luz!  
 Mas errais bem profundo  
 Para viver no mundo  
 Que para estar na cruz”.

Ó velho, a quem prometera  
 O Filho a glória eterna  
 Que mercê recebera  
 Se deixasses a quem concedera  
 Dar-lhe morte sempiterna!  
 Porém pela minha sorte  
 A dor nele a suportes,  
 A desonra grave e forte  
 Da paixão de sua morte  
 Me dará infinitas mortes”.

### A Segunda Angústia

A segunda angústia tua,  
 Mãe, virgem e donzela,  
 Para que a rudeza destrua  
 Dá-me graça para que conclua  
 O que tu passaste nela;  
 A qual foi quando amargaste  
 Ao Filho que o mundo é seu  
 E três dias andaste,  
 A ele, dilacerada e triste, buscaste,  
 Com o velho esposo teu.

Quem viesse, Virgem sagrada,  
 Para melhor recontá-lo,  
 A honestidade turvada,  
 A comoção sossegada,  
 Com que andavas a procurá-lo!  
 Quem te visse como andavas  
 Olhando para ver o teu espelho!  
 Quem visse o quanto cansavas  
 Tu a pressa que davas  
 E o velho de muito velho!

#### Glosa

Quem olharia a cor  
 Das chagas que te maculavam!  
 Quem visse o descolor  
 Que a angústia e a dor,  
 Senhora minha, te dilaceravam!  
 Quem te viu, te absolve,  
 Chorando dizer assim:  
 “Não sei o que me consome,  
 Minha vida cedo se dissolve,  
 Em tal perdição está meu fim!”

#### Outra

Quem te ouvisse, pois me guias,  
 Estas palavras de exemplo  
 Que ao santo Menino dizias  
 Quando depois de três dias  
 Encontraste já no templo!:  
 “Filho meu, tanto sofrimento,  
 Que será de ti? Onde te perdemos?  
 Em te procurar grande tormento  
 E angústia e lamento  
 Teu pai e eu padecemos”.



### A Terceira Angústia

A terceira angústia e aflição  
 Te foi tão forte  
 Que com grave paixão  
 Traspassou teu coração  
 Com a adaga da morte.  
 Esta foi, Senhora, quando  
 Madalena e São João  
 Vieram a ti chorando,  
 Pedindo e implorando  
 As dádivas de teu galardão.

Tirando com raiva esquiva  
 seus cabelos em tomento,  
 dizendo: “Mãe cativa,  
 anda aqui se queres ver viva  
 ao lume de teus lamentos  
 E de veste pressa dar,  
 A maior que tu poderás,  
 Pois se vamos devagar,  
 Segundo o vimos tratar,  
 Nunca vivo o verás”.

“Faz teus pés apressados,  
 Corre, pois tanto o amavas,  
 Para que não encontres quebrados  
 Aqueles olhos sagrados  
 Em que tu te olhavas;  
 E ao chegar, com pressa,  
 Quem te fale te dirás,  
 Que nos versos não meças,  
 Como é teu filho reconheças,  
 Pois no rosto não poderás”.

### O Autor

Quando tu tal coisa ouviste,  
 Virgem sagrada, preciosa,  
 Fora da razão saíste,  
 E contigo na terra persiste  
 Com ânsia cruel raivosa;  
 E depois que já persiste,  
 Senhora, de endurecida,  
 E depois que já insiste  
 Como eras a mais triste  
 Que no mundo foi nascida.

Foste com dor coberta

Pelo rosto que encontravas,  
 Perto de morrer quase certa,  
 De frio suor coberta,  
 Do cansaço que levavas;  
 E com ânsias que passavas  
 De teus cabelos desfazias  
 E sempre desmaiavas,  
 E as donas que encontravas  
 Desta maneira dizias:

“Amargas as que filhos criastes,  
 Vedes minha dor desigual,  
 A que maridos lamentastes,  
 A que amastes e desejastes,  
 Chorai comigo meu mal;  
 Olhai que mal tão forte,  
 Olhai que desdita é a minha,  
 Olhai que infeliz sorte,  
 Que lhe estão dando a morte  
 A um filho que eu tinha.

O qual meu consolo era,  
 O qual era minha salvação,  
 O qual sem dor concebera,  
 O qual, amigas, pudera  
 Dar coração ao coração;  
 Nele tinha marido,  
 Filho e irmão e esposo;  
 De todos era querido;  
 Nunca homem foi nascido  
 Nem se encontra tão formoso”.

#### A Quarta Angústia

A quarta angústia chegou  
 E com cruel espada  
 A alma trespassou  
 E a morte chegou  
 Foi, Virgem atribulada,  
 Quando a teu filho consagrado  
 Por grandes paixões  
 Encontraste crucificado,  
 Ferido, desconjuntado,  
 Em meio de dois ladrões;

Ao qual, com ânsia e dor,  
 De vê-lo assim disseste:  
 “Filho meu e meu Senhor,  
 quem pintou vossa cor

Com matiz sangrento e triste?  
Filho eterno, infinito,  
Para que quis criar-vos?  
Filho precioso, bendito,  
Que culpa qual delito  
Tanta dor pode dar-vos?

Vós a ninguém incomodastes,  
Filho, coluna do templo,  
Sempre os bons amastes,  
Sempre, filho, predicastes,  
Doutrinas de grande exemplo;  
Sempre, filho, foi encontrada  
Em vossa boca verdade;  
Pois, por que é assim tratada  
Vossa carne delicada  
Com tão grande crueldade?

Ó imagem a que retém  
Os anjos a adorar!  
Ó minha morte, agora vem!  
Ó minha sanidade e meu bem!  
Quem vos pode assim parar?  
Ó que tanto bem eu visse,  
ou que tanto bem eu livrava,  
que antes que vos assistisse  
deste mundo eu saísse  
para que nunca assim os olhava!

Com esta morte presente,  
Filho, por mando do Pai,  
Dais salvação eternamente  
A toda humana gente  
E matais a vossa mãe.  
Vida morta viverei,  
Com ânsias muito desiguais.  
Filho meu, que farei?  
Com quem me consolarei?  
A quem me queixarei de meus ais?

Ó morte, que sempre tens  
Descanso quando sucedes!  
Ó inimiga dos bens!  
A quem te foge lhe vens,  
A quem te quer lhe persegues.  
Ó cruel, que sempre deste  
Muito tormento aflitivo!  
Pois ofender-me quiseste,  
Mataras a mãe triste,  
Deixaras o filho vivo”.

## A Quinta Angústia

Assim desta dor chorosa  
Já não sei se mais árdua,  
Com devoção dolorosa  
Vingamos, Virgem preciosa,  
A quinta angústia tua;  
A qual quem não despregasse  
De dentro de sua memória,  
Embora às escuras caminhaste,  
Eu vos digo que nunca erraste  
O caminho da glória.

Esta foi quando deixaram  
O corpo feito em pedaços  
Da cruz os que o amaram,  
E depois que o abaixaram  
Tu o tomaste em teus braços;  
O rosto dele qual regavas  
com lágrimas que vertias,  
o qual morrendo olhavas,  
ao qual mil beijos lhe davas,  
ao qual, Senhora, dizias:

“Ó filho, rei de verdade,  
Ó gloriosa excelência!  
Qual danada vontade  
Teve tanta crueldade  
Contra tão grande paciência?  
Ó rosto humilhado,  
Ó rosto tão macerado,  
Ó rosto tão dilacerado,  
Mais para ser adorado,  
Que para ser observado!

Ó sagrada formosura  
Que assim se pode perder!  
Ó dolorosa criatura,  
Ó mãe tão sem ventura,  
Que assim foi possível ver!  
Ó morte que não me aterra,  
Pois dela tenho fome,  
Ó corpo cheio de guerra,  
Ó boca cheia de terra,  
Ó fel que consome!

Ó cabelos consagrados,  
Ó pés chagados, feridos,

Ó membros desconjuntados,  
 Como estais desfigurados,  
 Como estais escarnecidos!  
 Ó filho, que tanto é plena  
 De dor esta desculpa,  
 Pois para todos é boa cena,  
 Vos receberei a pena,  
 Pois Eva causou a culpa!

Aquele nó cortar  
 Desta morte que improviso  
 Vos deu tão agudo desatar,  
 Nem a triste mãe matar,  
 Nem poder mais do Pai o siso.  
 Porém a dor esquivo  
 Sobre vós fez concerto,  
 Meu amor será cativo,  
 Meu sofrer estará vivo,  
 Pois meu bem já está morto.

Estas chagas, ao notá-las,  
 Renovo nelas minha dor,  
 Eu padeço, sem passá-las,  
 Maior dor em olhá-las  
 Não Vós em padecê-las com ardor;  
 Desde hoje sem outras manhas,  
 Filho meu, meus amores  
 Serão com ânsias estranhas  
 Dilaceradas minhas entranhas  
 De todas vossas dores.

Ó Vós, gentes que passais  
 Pelas ruas, eu vos imploro  
 E rogo que me digais,  
 Pois que meu sofrer olhais,  
 Se há igual ao meu choro!  
 Diga-me agora quem queira,  
 De quantos pesares vistes,  
 Olhando bem a maneira,  
 Se erguerei a bandeira  
 Das solitárias e as tristes”.

#### A Sexta Angústia

A angústia de morrer  
 Sexta, de mal sem repouso,  
 Foi quando com duro sofrer  
 Foste à sepultura descer  
 A teu filho glorioso.

Quem imagina que irias  
Ver tua última guerra,  
Quem imagina que sentirias  
Quando seu corpo verias  
Meter debaixo da terra!

Quem te ouvisse a soluçar,  
Dizendo ao que tu pariste:  
“Deixai convosco entrar,  
Para que estejam num lugar  
O filho e a mãe triste;  
Que não terei por golpe forte  
De entrar convosco, consciente estou,  
Pois acabara minha sorte,  
E juntarmos na morte  
O que a vida separou.

Ó Madalena coitada  
Cheia de entranhável amor,  
Triste, sozinha, lacerada,  
Olha que rica morada  
Lhe dão a tu Salvador;  
Diga, mulher sem alegria,  
Que remédio nos daremos?  
Quem nos terá por companhia?  
Quem nos acalantarà cada dia?  
Com quem nos consolaremos?

Eu ficarei, terra, pois tais  
Me tomastes por reféns,  
Donde hoje com ânsias mortais  
Muito amiga com males letais,  
Inimiga dos bens.  
Ó corpo tão sem ardor,  
Ó meu filho, Jesus amado,  
Ó sagrado Redentor,  
Ó meu bem e meu Senhor!  
Que será de mim sem teu cuidado?

Ó filho que o mundo guia!  
Quero já deixar-vos eu,  
Pois a sorte minha,  
Não quereis a companhia,  
Da mãe que vos concebeu;  
Meu comer será gemer,  
Meu beber será lamento,  
Meu viver será morrer,  
Meu falar será dizer:  
Nunca houve maior tormento.

Filho meu, em conclusão,  
 Beijo vosso santo rosto,  
 E já eu, com grande razão,  
 Trago em mim a paixão,  
 Descansai, Senhor, com gosto.  
 Ó angústia triste, larga!  
 Como não falais, meu Deus?  
 Pois eu de Vós trago esta carga  
 A triste mãe e amarga  
 Que se despede dos seus.

Ó sina, de tudo consumir,  
 Ó triste sofrer e doloroso!  
 Qual razão pode destruir  
 Para que me possa eu partir  
 De Vós, meu filho precioso?  
 De cuja causa não melhora,  
 Que estou em justa razão,  
 Porém, já que vou embora,  
 Convosco, filho meu, nesta hora,  
 Com a alma e com o coração”.

#### A Sétima e Última Angústia

Terminamos, pois já passaste,  
 a tua angústia postrimeira,  
 a qual foi quando tornaste  
 a tua casa e o deixaste  
 ao filho teu à tua soleira;  
 que foi tão forte paixão  
 a que tu passaste nela,  
 que não vejo coração  
 de nenhuma condição  
 que não tome parte dela.

Pensem em nossos dias,  
 Virgem, cheia de tormento,  
 As lágrimas que vertias  
 E quantas vezes volvias  
 A olhar o monumento;  
 Pensem no que sentiste,  
 Que em pensando morro eu,  
 Quando, Senhora, saíste  
 E a cruz preciosa viste  
 De onde teu filho morreu.

Pensem, Virgem sagrada,  
 O que tua alma sentiu,  
 Quando a viste pintada

Das lágrimas consagradas  
 Que de seu corpo saiu;  
 Contemplem todos os zelos  
 Que nisto não contemplaram,  
 O que sentirias em vê-los  
 Aqueles santos cabelos  
 Que pelo chão ficaram.

Pensem o que sentirias  
 Quando de ali partiste,  
 Pensem para onde irias  
 Quando, Rainha, não tinhas  
 Casa certa donde dormiste;  
 Pensem com devoção,  
 Estejamos sempre contigo,  
 Como quantos ali estão  
 Cada qual de paixão  
 Te queria levar consigo.

Pensem, com grande fervor,  
 Como com tão tristes modos  
 Foste à casa de amor,  
 Onde ceou o Senhor  
 Com seus discípulos todos;  
 Chorem nossos corações  
 Pensando no que passaste;  
 Pensem com mil paixões  
 Nestas tristes razões  
 Que chegando ali deixaste.

#### Finaliza

Disseste, com grande sentir,  
 A toda a gente honrada  
 Que contigo quis seguir:  
 “Por que quiseste vir  
 Com mulher tão louvada?  
 Já que não posso vos conceder  
 As graças por minha tristeza,  
 O Filho queira vos valer,  
 Porque quisestes vos condoer  
 Da Mãe sem avareza”.

#### Oração

Assim, Virgem, por estas mortes  
 E tristes angústias tuas,  
 Te peço com ânimo forte,



Que meus males desconcertes  
 E minhas dores destruas.  
 Faz-me tuas penas padecer,  
 Faz-me a minha dissipar,  
 Porque O que quis morrer  
 Foi mais manso no sofrer  
 E é muito justo em castigar.

Tua, dor com cuidado,  
 Planta, Rainha, em mim,  
 Porque se, por meu pecado,  
 Do mundo tenho cuidado,  
 Terei descuido de ti;  
 E aquelas chagas que magoam  
 Aos que pensá-las querem,  
 Faz que bem viver façam,  
 Para que minhas obras desfaçam  
 O que minhas culpas fizeram.

E ele que te deu tal paixão  
 Limpe de mim a malícia,  
 Porque está em meu coração  
 Pequena a contrição,  
 E é muito grande sua justiça;  
 Pede-lhe que queira ouvir  
 Minhas preces Sua Majestade,  
 Pois quis, para nos remir,  
 Ser menos no existir  
 E maior em humildade.

Fim

A ti, Rei, que sem duvidar  
 Com a glória nos requeres,  
 Peço para me ajudar,  
 Para que me possa salvar  
 Querendo o que tu queres;  
 Faz que pare diante  
 De meus pecados, que suporte,  
 Por que de agora em diante,  
 Nem minha fraqueza o plante,  
 Nem tua justiça o corte.

Arnalte ao Autor

Quando as minhas angústias cessaram, por causa de meu desmerecer, não fui atendido por Nossa Senhora. E como entendi que nem em Deus, nem em Lucenda, nem em pessoa alguma encontrava a cura para a minha dor, decidi retirar-me para um lugar

onde ninguém me pudesse ver. Minha irmã, ao saber de minha partida, sofria uma dor dilacerante e, para me demover de meu propósito, começou assim a dizer:

#### Belisa a Arnalte

Ó, meu irmão, por que tomaste uma decisão tão inusitada, esquecendo a razão e seguindo a vontade? Pelo amor deste único Deus, eu peço que tu abandones tão desvairada resolução e não queiras escutar os murmúrios alheios, que te povoam de falsos juízos. Não deseje que de muitas sentenças teu bom senso se julgue, muito menos traga tão vergonhosa infâmia a teu bom nome. Perceba que os que te virem partir, dirão que ages mais por temor dos parentes de Elierso do que por sofrimento de amante apaixonado. Pensa nos inconvenientes resultados deste ato antes que comece a fazê-lo. Olha que o arrependimento costuma vir, quando o remédio vai embora. Não queiras que, com tua partida, pereça a nobreza de tua linhagem.

E se isso não te constrange, imploro que recordes de minha solidão. Bem sabes tu que minha honra é conservada pela tua. Bem sabes tu que, partindo, mais por estrangeira que por teba serei considerada. Bem sabes tu que a morte de nossos pais e parentes próximos me deixou sozinha. Porém, nunca me queixei de solidão para ti, antes, pelo contrário, sempre me vi muito bem acompanhada. Perceba o que perdes por perder a tantos amigos. Não esqueças da boa educação que recebeste do rei. Recorda da natureza dos teus. Lembra de teus bens materiais e de todas as tuas propriedades. Abandona esse teu errante caminho. Aceita meu prudente conselho. Não faças coisas das quais, depois, estarás arrependido. Olha que os montes não sabem elogiar. Olha que as bestas feras não conhecem a bondade. Olha que as aves não têm sentimento. Assim, teus feitos, já gloriosos, ou aqueles que pretendes fazer, quem poderá louvá-los? Tu já sabes que pelo elogio mais o esforço nos perigos se esforça. E se esta lei não guardas, tua fama e tuas obras perecerão com sofrimento.

Assim, se angústia ou sofrimento tiveres, quem te ajudará a suportá-los pelos lugares solitários? Não abandones aqueles de onde nasceste. Olha que poderão reputar a tua decisão ao desespero, se quiseres trocar o nome de desesperado pelo de virtuoso. Muito por tal incúria serás infamado. Nem tu encontrarás lá com quem te consolar, nem eu aqui a quem cuide de mim. E, depois de tua partida, dos parentes de Elierso espero ser mais ofendida que honrada.

Queira agora pôr em sossego a teu sofrimento. Com equilíbrio te aconselhe, e verás quanto bem em meu conselho e quanto prejuízo em tua partida encontrarás. Não queiras submeter o teu generoso coração a tanta fraqueza. Não queiras pôr tua honra em perigo. Não desejes que tu e eu compartilhemos da mesma chaga. Entenda que quem com pressa dispõe, com vagar se arrepende.

#### Resposta de Arnalte a Belisa, sua irmã

Não penses, minha irmã, que não considereirei todas as coisas que disseste, antes que tomasse a minha decisão. Recebi grande pesar de cada uma em particular e, de todas juntas, sofri um tormento mortal. Tu não serás a única que ficará com o coração em pedaços. O resto pouco me importa, porque as feridas de amor me desculpam e isentam do castigo. Mas, quem fica não sabe e não sente, pois a dor, dos que não sentem, é nenhuma. Assim, se os gentis homens me salvam, não importo que os descortes me condenem, pois a reconhecida bondade não pode receber nenhuma

ofensa, de maneira que os juízos sobre minha vida, mais por falsos que por verdadeiros serão considerados.

Tu me dizes, Senhora, que alguém poderia atribuir a minha partida mais ao temor dos parentes de Elierso do que ao meu sofrimento, receando assim receber a mesma vingança que ele recebeu. Não creias tu que ninguém o diga, em especial, sabendo que a persistência enaltece a virtude de muito amar. Assim, não sou eu tão malquisto nem tão pouco conhecido que para desfazer as falsas sentenças não baste a minha fama.

Dizes para eu me lembrar de meus criados, bens e propriedades. Aos meus tanto farei, que todos os que me quiserem seguir levarei comigo, mais para que tenha lugar para mostrar a sua lealdade que por necessidade que deles tenha, pois é o que, nestes tempos sinistros, deve estar mais de pé. Os bens materiais desde hoje os faço teus.

Não penses que vou te deixar abandonada e em tão grande solidão, porque já tenho procurado quem te faça companhia. Das mãos do rei terás um marido que seja digno de tua honra e que te acompanhe em acatamento e contentamento. Assim, eu te deixo mais em disposição de honra que em desabrigo. O que rogo é que o teu bom senso esforce a tua fraqueza, para que no momento de minha partida o teu sofrer não duplique o meu. E a última coisa que espero pedir é esta: que assim faças; eu te imploro do fundo de meu coração.

Para não mais incomodar e não deixar de responder ao que disseste acerca de abandonar a minha decisão, suplico que, em meu nome e no teu, queiras vingar o que Lucenda me fez, divulgando a minha perdição e a crueldade dela. E se, ao final, ela estiver arrependida, essa nossa vingança estará completa, pois, para ela, não restará nenhuma esperança e nenhum remédio.

#### Arnalte ao Autor, voltando ao primeiro propósito

Depois de muito falar à minha irmã, nos despedimos. E eu, ao haver me curado de minhas chagas, fui ao rei, ao qual supliquei que desse início ao casamento de minha irmã. Ele, com grande satisfação, assim outorgou. Porém, depois que tal acordo foi estabelecido, ele muito insistiu que eu ali permanecesse. Mas, como sua demanda e minha vontade estivessem tão em desacordo, ao fim de nosso diálogo ficamos em total desavença. E como ele já soubesse de minha determinação, pelo sofrimento que lhe causava me ver partir, não quis ficar, mostrando seu desagrado por alguém que retribuía uma dádiva daquela maneira.

Assim sem mais dar lugar a protelações, aceitou conceder a mão de minha irmã em casamento. Depois que as cerimônias dos sponsórios foram celebradas com muita honra, coloquei em marcha a minha resolução. E quando chegou o dia assinalado para a partida, o rei e toda a sua corte vieram me acompanhar à saída. As coisas que na despedida se passaram, já que não se poderão dizer sem incômoda arenga, prefiro calar – se me for permitido. Enfim, as lágrimas de minha querida irmã e as minhas para sempre se distanciaram.

Como o rei e os seus consortes voltassem a cidade, eu e os meus serviçais seguimos nosso desconsolado caminho. Entretanto, como, em mim, se precipitassem a carga de muitos pensamentos, entre as muitas coisas sobre as quais refleti, foi se tinha sido de bom augúrio a decisão que tomei, pois considerava como a minha desgraçada sina me havia feito distante das pessoas. Percebi que era de bom alvitre viver entre as bestas feras, conquanto fosse diferente a maneira como cada um desempenhasse a sua própria condição.

Após haver caminhado muitos dias, ao passar por esta áspera e solitária montanha, percebi que ali bem caberia minha morada. Como na precariedade de tal lugar faltasse qualquer comodidade, mandei construir as fundações e os acabamentos desta rústica casa. Os matizes lembram o que Lucenda me fez padecer. E aqui permaneço, onde porque não morro, morro, e onde nem a alegria me requer nem eu a demando.

Assim, veja aqui, meu Senhor, os destroços que recebi das batalhas de amor. Se fui impertinente, suplico que me perdoes. Se meu discurso causou tardança a tua viagem, conquanto tu não irás receber a retribuição desse homem tão infeliz, volte a seguir o teu caminho, porque a tua vontade poderá ordenar ao obedecer. Assim, manda preparar a tua partida ainda hoje. Porém, muito recomendo, a pesar de já tê-lo por demais incomodado, que, ao conversar com alguém, lembre-se de referir às minhas dilacerantes chagas de amor.

#### Retoma o Autor o discurso às Damas

Dessa maneira, Senhoras, o cavaleiro Arnalte me deu conta de sua dolorosa vida. E se eu fui tão incômodo como ele triste, melhor liberdade é refletir acerca de seus males do que colocá-los por escrito. Contudo, por obedecer às vossas súplicas, quis minha consciência que isso eu desconhecesse. E quis mais em favor de suas lágrimas do que em atender ao conselho de meus medos. Olhem em nossas dádivas não os argumentos, mas a intenção, pois minha condenação foi dada por vosso amor. Minha pretensão foi apenas fornecer algum passatempo. Entretanto, quando, já cansadas de me ouvir e de falar, tendes cortesias razões, não pretendeis que eu seja alvo de vossas burlas, para que às minhas custas os cavaleiros mancebos da corte festejem vossas mercês, a cuja virtude remeto minhas faltas.

**PRISÃO**

**DE**

**AMOR**

O seguinte tratado foi escrito a pedido do Senhor Don Diego Hernández, Alcaide dos Donceles, e de outros cavaleiros cortesãos. Chama-se Prisão de Amor. Foi elaborado por Diego de San Pedro.

Prólogo deste tratado chamado Prisão de Amor.

Muito virtuoso Senhor,

Conquanto me sobre sofrimento para calar, não me falta sabedoria para ver o quanto seria melhor, para mim, depreciar o que calasse, em vez de arrepender-me do que dissesse. Posto que assim eu considere, conquanto saiba a verdade, sigo a opinião geral; e como faço o pior, nunca fico sem castigo, porque se com rudeza me equivoco, pago com a vergonha. Verdade é que, no presente tratado, não tenho tanto encargo, pois me esforcei em fazê-lo mais por necessidade de obedecer que com vontade de escrever. Aconselharam-me a dedicar, a Vossa Mercê, alguma obra ao estilo daquele discurso que enviei à virtuosa Senhora Dona Maria Manuel, pois lhe pareceria menos mal que aquilo que coloquei em meu outro tratado. Assim, para cumprir esse pedido, pensei em fazê-lo, havendo por melhor errar no dizer que no desobedecer. E, não menos, concordei dedicá-lo a Vossa Mercê para que o favoreça como senhor e a corrija como erudito.

Para determinar o que primeiro deveria vir, estive em grandes dúvidas: por causa de vossa erudição, temia; por vossa virtude, ousava – em uma, medrava o medo; em outra, procurava a segurança; e, por fim, escolhi o mais danoso para a minha vergonha e o mais proveitoso para o que devia.

Poderei ser repreendido, se no que agora escrevo, repetir alguns argumentos aos quais em outros escritos já me referi. Assim suplico a Vossa Mercê que me perdoe, porque como fiz outro tratado semelhante a este, não é de se espantar que me falte a memória; e se tal acontecer, por certo, mais culpa tem nisso meu esquecimento que minha vontade.

Em verdade, Senhor, ao considerar isso e outras coisas que se podem encontrar no que escrevo, eu estava decidido a abandonar o metro e a prosa, para livrar de trabalhos minha rudeza de juízo e meu espírito, todavia parece que quanto mais penso em fazê-lo, mais me oferecem argumentos para não poder cumpri-lo. Suplico a Vossa Mercê que, antes de condenar a minha falta, julgue a minha intenção, para que receba o pagamento, não segundo minha razão, porém segundo meu propósito.

## Começa o Tratado

Depois de terminada a guerra do ano passado, ao passar o inverno em minha pobre choupana, numa certa manhã, quando já o sol desejava iluminar a terra, por uns vales profundos e escuros que se fazem na Serra Morena, vi sair a meu encontro por entre uns arbustos, onde meu caminho se fazia, um cavaleiro, de presença tão feroz quanto espantoso de ver, coberto todo de pêlos como se fosse um selvagem. Trazia na mão esquerda um escudo de aço muito forte e, na direita, uma imagem feminina entalhada numa pedra muito preciosa, a qual era de tão extrema formosura que me turvava a vista. Saíam dela diversos raios de fogo, que fazia iluminar o corpo de um homem que o cavaleiro à força trazia depois de si, o qual com um doloroso gemido de momento a momento repetia:

“Por lealdade ao meu amor, eu posso suportar tudo”.

E, quando emparelhou comigo, disse-me com mortal angústia:

“Caminhante, por Deus, te peço que me sigas e me ajudes em tão grande sofrimento”.

Eu, que naquela ocasião tinha mais motivo para temer que razão para responder, ao pôr os olhos naquela inusitada visão, fiquei imóvel, pesando muitas dúvidas no coração: deixar o caminho que percorria, parecia-me loucura; não satisfazer o rogo daquele que assim sofria, parecia-me desumanidade; em seguir-lhe havia perigo; e em deixar-lhe, fraqueza. Com essa indecisão, não sabia escolher o melhor. Porém, quando já aquele espanto deixou minha irresolução em algum sossego, percebi o quanto eu era mais obrigado à virtude que à vida; e, descontente de mim mesmo pela dúvida em que estive, segui o caminho daquele que solicitava meu auxílio.

Apressei meu passo e, sem muito tardar, alcancei-lhe e ao que à força lhe trazia. Assim, seguimos todos os três por uns lugares não menos trabalhosos de caminhar, quanto difíceis e solitários. E, conquanto o rogo do prisioneiro fosse a causa para que eu o seguisse, todavia, para dar combate ao que lhe escoltava, faltavam-me instrumentos e para pedir-lhe favores, merecimento. De fato, faltavam-me opções. No entanto, depois de pensar em inúmeras saídas possíveis, achei melhor iniciar alguma conversa, porque do modo como ele me respondesse, assim eu poderia decidir; e com esta intenção supliquei-lhe, com a maior cortesia que pude, que me quisesse dizer quem era.

Ao que ele me respondeu:

“Caminhante, segundo minha natural condição, nenhuma resposta queria dar-te, porque meu ofício mais é para proceder com rigor do que bem responder; mas como sempre me criei entre homens de boa educação, usarei contigo da gentileza que aprendi e não de minha natural ferocidade. Tu saberás, portanto o que queres saber: eu sou o primeiro oficial da casa do Amor; meu nome é Desejo, com a fortaleza deste escudo proíbo as esperanças, e com a formosura desta imagem causo as aflições, e com elas incendeio as vidas, como podes ver neste prisioneiro que levo à Prisão de Amor, de onde somente com a morte ele espera se livrar”.

À medida que estas coisas ia me dizendo o cavaleiro algoz, subíamos uma serra de tanta altura que, ao prosseguir, aos poucos minhas forças desfaleciam, e quando com muito trabalho chegamos ao alto dela, acabou sua resposta. E como vi que mais conversa eu desejava ter com ele, quando comecei a agradecer-lhe pela mercê recebida, subitamente desapareceu de minha presença. Como isto se passou na ocasião que a noite chegava, nenhum tino pude tomar para saber aonde me guiou; e como a escuridão e a pouca informação da terra me fossem contrárias, decidi por próprio alvitre não sair daquele lugar.

Ali comecei a maldizer a minha sorte, ali perdia toda a esperança, ali aguardava a minha perdição, ali em meio a minha comoção nunca me arrependi do que tinha feito, porque é melhor perder agindo com virtude do que ganhar deixando de fazê-la. Assim, estive toda a noite em tristes e torturantes divagações; e quando a luz do dia amanheceu sobre os campos, vi perto de mim, no ponto mais alto da serra, uma torre de altura tão grande que parecia chegar ao céu. Era feita com tal artifício que do espanto inicial nasceu em mim o deslumbramento. E, ao seu lado, embora a ocasião fosse mais para temer do que para observar, olhei a originalidade de sua construção e de seu acabamento.

O fundamento sobre o qual estava assentada era uma pedra de constituição tão forte e tão naturalmente preciosa que eu nunca tinha visto outra igual assim; sobre ela estavam firmados quatro pilares de mármore avermelhados muito belos de olhar. Eram de tal maneira altivos, que eu me admirava de como se podiam equilibrar. Estava sobre eles uma torre talhada em três quinas, a mais inexpugnável que se pode imaginar; em cada quina, ao alto, uma imagem de nossa humana criação, de metal, pintada cada uma de uma cor: uma de marrom claro e outra de negro e a outra de pardo. Tinha cada uma delas uma corrente na mão presa com muita força. Vi ainda mais ao alto da torre um capitel sobre o qual estava uma águia que tinha o bico e as asas muito brilhantes, com uns raios de luz que saíam de dentro da torre para iluminá-la. Pude ouvir duas sentinelas que em todos os momentos prestavam vigilância. Eu, que de tais coisas certamente me espantava, não fazia idéia do que pensar, nem mesmo do que de mim deveria fazer. E estando comigo mesmo em grandes dúvidas e confusão, vi atada nos ditos mármorees uma escada que chegava à porta da torre, a qual tinha a entrada tão difícil que parecia que nenhum homem a pudesse subir. Porém, já decidido, quis antes perder por subir que salvar-me por ficar; e, arrostando meu destino, comecei a subida; e a três passos da escada encontrei uma porta de ferro, da qual me certifiquei mais pelo toque das mãos que pela luz do olhar, segundo as trevas em que estava. Próximo, então, à porta, encontrei um porteiro, ao qual pedi licença para entrar, e que me respondeu que permitiria, entretanto que me convinha deixar as armas antes de continuar. Quando eu lhe entreguei as que trazia, segundo reza o costume dos caminhantes, ele me disse:

“Amigo, bem parece que dos costumes dessa casa sabes pouco. As armas que te peço e te convém entregar são aquelas com que o coração costuma defender-se da tristeza, assim como Descanso e Esperança e Contentamento, porque sem tais condições ninguém pode satisfazer a exigência que me solicitas”.

Ao saber de sua intenção, sem deter-me em fazer juízos sobre exigência tão inusitada, respondi-lhe que eu vinha sem aquelas armas e que disso lhe assegurava. Assim, quando disso se certificou, abriu a porta; e com muito esforço e desatino cheguei ao alto da torre, onde encontrei outro porteiro que me fez as mesmas perguntas do primeiro; e depois que soube de mim o que o outro sabia, deu lugar para que eu entrasse, e tendo adentrado a um dos aposentos da casa, vi no meio dele uma cadeira de fogo, na qual estava sentado aquele cujo rogo foi a causa de minha perdição. Como ali, por causa da comoção que eu desencarregava com os olhos a língua, mais entendia em olhar maravilhas do que em fazer perguntas.

Embora a vista não pudesse ir muito longe, vi que as três correntes das imagens, que estavam no alto da torre, tinham atado aquele infeliz, e que ele sempre se incendiava, mas sem nunca consumir-se totalmente. Observei mais: duas senhoras carpideiras com rostos chorosos e túrgidos lhe serviam e adoravam, colocando-lhe na cabeça uma coroa de pontas de ferro, com crueldade e sem nenhuma piedade, trespassando-lhe todo o cérebro. Depois disso, percebi que um homem negro, vestido de cor amarela, vinha diversas vezes flechá-lo e vi que ele se defendia dos golpes com um



escudo que subitamente lhe saía da cabeça e lhe cobria até os pés. Vi mais: quando lhe trouxeram de comer, três serviçais muito diligentes puseram-lhe uma mesa negra, os quais lhe davam a comida com grave pesar; e voltando os olhos a um lado da mesa, vi um velho ancião sentado numa cadeira, sustentando a cabeça sobre uma das mãos em maneira de homem pensativo.

E nenhuma dessas coisas poderia ver, devido à escuridão da torre, se não fosse por um claro resplandecer que saía do coração do preso e que a iluminava toda. Ele, então, como me viu atônito por presenciar essas coisas tão misteriosas, percebendo como era propício o tempo para pagar-me com suas palavras o pouco que me devia e para dar-me algum descanso, misturando robustos argumentos com piedosas lágrimas, começou desta maneira a dizer-me:

### O Prisioneiro ao Autor

Alguma parte do coração desejava ter livre de sentimento para condoer-me de ti, segundo meu dever e teus méritos; porém tu bem podes ver em minha comoção que não tenho poder para sentir outra dor senão a minha. Peço que te contentes, não com o que faço, mas com o que desejo. Eu fui o responsável por tua visita. Aquele que tu viste ser trazido prisioneiro sou eu, e por causa da comoção por que tu passaste, tu não pôdes me reconhecer. Retorna a teu repouso, sossega teu juízo, para que estejas atento ao que te quero dizer. Esta tua visita foi para remediar-me, meu discurso será para dar-te consolo, embora eu dela saiba pouco. Quem sou eu, quero dizer-te; dos mistérios que vês, quero informar-te; a causa de minha prisão quero que saibas; que me libertes quero pedir-te – se por bem o tiveres. Tu saberás que sou Leriano, filho do duque Guersio, que Deus perdoe, e da duquesa Coleria. Minha origem é este Reino onde estás, chamado Macedônia. Ordenou minha sorte que me enamorasse de Laureola, filha do rei Gaulo, aquele que agora reina, e de quem eu deveria antes evitar que procurar.

Porém, como os impulsos irracionais do coração não se podem nos homens desculpar, em lugar de desviá-los com a razão, ratifica-os com a vontade, e assim de Amor fui vencido, o qual me trouxe a esta sua casa, chamada Prisão de Amor. E como ele nunca perdoa, ao ver alçadas as velas do meu desejo, pôs-me no estado em que me vês; e para que possas observar melhor seu fundamento e tudo o que viste, debes saber que aquela pedra sobre a qual a prisão está fundada é minha lealdade, que determinou sofrer a dor de seu pesar, por bem de seu mal. Os quatro pilares que se assentam sobre ela são meu Entendimento e minha Razão e minha Memória e minha Vontade, os quais mandou Amor comparecerem em sua presença antes que me sentenciasse; e por fazer em mim reta justiça perguntou a eles se cada um consentia que me prendesse, porque se algum não consentisse me absolveria do castigo. Ao que responderam todos dessa maneira.

Disse o Entendimento:

“Eu consinto a dor do castigo por bem da causa. Por esse argumento, é meu voto que se prenda”.

Disse a Razão:

“Eu não somente dou consentimento à prisão, mas também ordeno que morra, pois melhor lhe caberá uma morte ditosa que uma vida em desespero, de acordo com a pessoa por quem há de sofrer”.

Disse a Memória:

“Como o Entendimento e a Razão consentem, porque sem morrer não pode estar livre, eu prometo nunca esquecer”.

Disse a Vontade:

“Então que assim seja, eu quero ser a chave de sua prisão e determino de sempre querer”.

Assim, ouvindo Amor que quem havia de me salvar me condenava, deu como justa esta sentença cruel contra mim. As três imagens que viste ao alto da torre, pintadas cada uma de sua cor, de marrom claro e negro e pardo, a primeira é a Tristeza e a segunda Ansiedade e a outra Castigo. As correntes que tinham nas mãos são suas forças, com as quais me tem atado o coração para que nenhum descanso eu possa receber. O grande brilho que a águia, pousada sobre o capitel, tinha no bico e nas asas é meu Pensamento, do qual sai tão intensa luz que basta para iluminar as trevas desta triste prisão e para quem nela permaneça. É tanta a sua força que chegar à águia nenhum impedimento faz o grosso murro. Dessa forma, andam ele e ela em par, porque são as duas coisas que mais alto sobem, por isso que a minha prisão está na maior altura da Terra. As duas velas que ouves tremular com tal cuidado são Desventura e Desamor; trazem tal aviso para que nenhuma esperança me possa entrar com remédio. A escada íngreme por onde subiste e pela qual me puseram onde me vês é a Angústia.

O primeiro porteiro que encontraste é o Desejo, o qual abre a porta a todas as tristezas, e por isso te disse que deixasses as armas da felicidade, se por acaso as trazia. O outro que aqui na torre encontraste é o Tormento, o qual aqui me guarda, continuando a tarefa que tem o primeiro, porque são complementares. A cadeira de fogo em que me vês sentado é minha sincera afeição, cujas labaredas sempre ardem em minhas entranhas. As duas damas que me dão – como podes observar – a coroa do martírio chamam-se: a primeira Ânsia e a outra Paixão; e satisfazem a minha lealdade com a presente recompensa. O velho que vês sentado, representando o tão dolente pensamento, é o pesaroso Cuidado, que junto com os outros males, lançam ameaças à minha vida. O negro de vestes amarelas, que se esforça para me tirar a vida, chama-se Desespero; o escudo que me sai da cabeça, com que de seus golpes me defendo, é meu juízo, o qual, vendo que vou com desespero a matar-me, diz-me que não o faça, porque, visto o que merece Laureola, antes devo desejar longa vida por padecer que a morte para acabar; a mesa negra que me põem para comer é a Firmeza sobre a qual me alimento e penso e durmo, na qual sempre estão os manjares tristes de minhas divagações. Os três solícitos servidores que me serviam são chamados Sofrimento e Castigo e Dor: um traz a humilhação com que me alimento; o outro, a desesperança em que vem a refeição; e o outro traz a comoção, e com ela, para beber, traz a água do coração aos olhos e dos olhos à boca.

Se te parece que sou bem servido, tu o julgarás; se remédio é mister, tu o verás. Eu muito implorei que a esta terra vieste, para me encontrar e para que te compadeças de mim. Não te peço outro favor senão que saiba Laureola por ti que me viste. Se por acaso desejares disso se recusar, porque me vês em tempo que me faltam os sentidos para que te agradeças, não te desculpes, pois maior virtude é redimir os atribulados que apoiar os prósperos. Assim sejam tuas ações que nem tu te queixes de ti pelo que não fizestes, nem eu, pelo que poderias fazer.

#### Resposta do Autor a Leriano

Em tuas palavras, Senhor, demonstraste que pode Amor cercear a tua liberdade, mas não tua virtude, a qual se prova porque, como posso ver, deves ter mais ânimo para morrer do que para falar, e por prover em minha fadiga forçaste tua vontade, julgando pelos sofrimentos passados e pela humilhação presente, que eu deveria ter pouca

esperança, o que sem dúvida assim era; causaste minha perdição como desejoso de remédio, mas a remediaste como perfeito de juízo.

De fato, causou-me menos prazer em te ouvir do que dor em te ver, porque em tua face se percebe teu sofrimento e em teus argumentos se conhece tua bondade. Sempre na pior fortuna vêm em socorro os virtuosos, como tu agora a mim fizeste; ao ter presenciado as coisas desta tua prisão, eu duvidaria de minha salvação, crendo ser feitas mais por arte diabólica que por condição enamorada. O pedido, Senhor, que me fizeste, eu o tenho em obrigação. Estou muito contente em saber quem tu és, pois o sofrimento por ti recebido foi pelo bem empregado. O significado alegórico de todas estas figuras foi-me prazeroso saber, posto que por diversas vezes as observei, mas como não as pude ver com o coração, quando assim o tinha, não as conheci, e agora que está livre, eu as reconheço.

Manda-me, Senhor, que faça Laureola saber como tu estás, no entanto penso em grandes inconvenientes. Um homem de país estrangeiro, de que forma poderá se dedicar a semelhante tarefa? E não somente há este porém, mas também outros mais: a rudeza de meu engenho, a diferença de língua, a nobreza de Laureola, a gravidade do assunto. Dessa forma, em outra coisa não encontro recursos senão somente em minha vontade, a qual vence a todos os referidos inconvenientes, que para teu serviço a tenho tão oferecida como se houvera sido teu leal servidor desde que nasci. Farei de bom grado o que me pedes. Peço apenas a Deus que conduza tal missão como o desejo, para que tua liberdade seja testemunha de minha diligência. Em tanta afeição te tenho que muito me obrigou a amar a tua nobreza, que eu haveria teu remédio por recompensa de meus esforços. Apesar de todas as coisas que vejo, debes apaziguar teu sofrimento com minha esperança, porque quando eu voltar, se algum bem te trouxer, tenhas alguma parte viva com que possas senti-lo.

### O Autor

E logo que acabei de responder a Lariano dessa forma que está escrita, informei-me do caminho de Suria, cidade onde estava naquele momento o rei da Macedônia, que era a meia jornada da prisão de onde parti. Depois de percorrer o trajeto, cheguei à corte e depois que devidamente me instalei, fui ao palácio para ver os usos e costumes da gente cortesã, e também para olhar as formas de cortesia, para saber onde cumpria ir ou estar ou aguardar para o objetivo que desejava empreender. Assim procedi por vários dias para aprender melhor o que mais me convinha; e quanto mais estudava as maneiras que tinham, menos disposição me dava para o que desejava; e tendo buscado todas as possibilidades que seriam de proveito, percebi que a mais indicada era comunicar-me com alguns dos principais jovens cortesãos que ali freqüentavam. Como geralmente entre esses se costuma cultivar a boa educação, assim me trataram e me deram guarida, tanto que em pouco tempo eu fui tão estimado entre eles como se fosse mesmo um compatriota, de tal forma que meu nome caiu nos ouvidos das damas.

Assim pouco a pouco travei contato com Laureola e, para ela, ao ter contato comigo, por mais proximidade, eu lhe contava coisas maravilhosas da Espanha, coisa de que ela muito gostava. Assim estando íntimo dela como se eu fosse um de seus leais servidores, julguei que poderia já dizer o que quisesse; e um dia que a vi numa sala, longe das outras damas, coloquei-me de joelhos e disse-lhe o seguinte:

### O Autor a Laureola

Não é menos conveniente aos poderosos o perdão, quando não se cumprem suas vontades, que aos pequenos a vingança, quando são injuriados; porque uns se emendam pela honra e os outros perdoam pela virtude, a qual se aos grandes homens é devido, mais e muito mais às generosas mulheres, que têm o coração nobre por seu nascimento e a piedade natural por sua condição.

Digo isso, Senhora, pois o que te quero dizer é que encontre ousadia em tua grandeza, a qual não podes ter sem magnificência. Verdade é que hesitei acerca do que deveria falar em primeiro lugar, porém para findar as minhas dúvidas, considerei melhor – se desumanamente me quisesses tratar – padecer castigo por dizer que atormentar-me por calar.

Tu, Senhora, saberás que caminhando um dia por umas serras íngremes, vi que por mandado de Amor traziam prisioneiro a Leriano, filho do duque Guersio, o qual me rogou que em nome de seu sofrimento lhe ajudasse. Por esta razão, deixei o caminho destinado a meu repouso para libertá-lo de sua dor. E depois que largamente com ele caminhei, encontrei-o metido numa prisão, doce para a sua vontade e amarga para sua vida; de onde todos os males do mundo medram: Dor lhe atormenta, Paixão lhe persegue, Desesperança lhe destrói, Morte lhe ameaça, Castigo lhe acicata, Pensamento o desconsola, Desejo o atribula, Tristeza lhe condena, Lealdade não lhe salva. Soube dele que tu és a culpada de tudo isso. Julguei, segundo pude perceber, que a maior dor era a que se calava no coração mais do que aquela que com lágrimas se descortinava; e agora diante de ti, considero justo seu tormento. Com os suspiros que lhe apertavam as entranhas me rogou que te fizesse sabedora de seu mal. Seu rogo foi de lástima e minha obediência de compaixão. Por causa do sofrimento dele, eu te julguei cruel, porém, em teu acatamento, te vejo piedosa, o qual se explica, primeiro, pela tua formosura e se confirma, depois, pela tua nobre condição.

Se a dor que lhe causas com o merecer, poder-se-ia remediar com a tua piedade, então tu serias entre as nobres mulheres, de todas que já existiram, a mais elogiada. Pare e pense o quanto é melhor que te elogiem porque perdoaste e que não te culpem porque infligiste castigo. Pense em que encargo se aplica Leriano, que mesmo sua paixão te presta serviço. Assim se lhe perdoas, te dá causa para que possas fazer o mesmo que Deus, porque não é de menor estima o perdoar que o criar; do mesmo modo farás tanto em livrá-lo da morte, como Deus em dar-lhe a vida. Não sei que desculpas tu poderias dar para não perdoá-lo, se não crês que matar é virtude. Ele não te suplica que lhe faças outro bem senão que lhe alivies de seu mal; se fosse algo difícil, podes acreditar que eu não te pediria; que por melhor terá o castigo, se tu fores a causa do castigar.

Se tu condenas meu atrevimento pelas palavras que proferi, a dor daquele que me envia, me absolve da culpa, a qual é tão grande que nenhum mal me poderia vir que iguale a este que ele me causa. Suplico que a tua resposta esteja em conformidade com a virtude que possuis, e não com o ódio que demonstras, para que tu sejas elogiada e eu considerado um bom mensageiro, e o prisioneiro Leriano libertado.

#### Resposta de Laureola

Assim como foram teus argumentos temerosos de dizer, assim também são difíceis de perdoar. Tu és de Espanha, mas se tu fosses da Macedônia, tua argumentação e tua vida acabariam em um só tempo. Embora não recebas o castigo que mereces por ser estrangeiro e, não menos, pela piedade que a mim atribuíste, como em casos

semelhantes tão devida é a justiça, a clemência que foi por ti solicitada poderia causar dois bens: um, que as mulheres de baixa condição escarmentassem; outro, que as de nobre estirpe fossem estimadas e consideradas segundo merecem.

Porém, se tua ousadia pede castigo, minha mansidão consente que te perdoe; o que vai contra todo o direito, porque não somente pelo atrevimento deverias morrer, mas pela ofensa que à minha bondade fizeste sobre a qual puseste dúvida. Se viesse ao conhecimento de alguns, o que me disseste mais acreditariam no descuido que em mim encontraste do que no sofrimento que viste em Leriano. Com razão assim se deve pensar, ao considerar que é tão justo que minha grandeza te cause medo como seu equívoco ousadia.

Se mais insistir em demandar a liberdade dele, procurando seu remédio, encontrarás perigo para ti; e aviso, mesmo que sejas espanhol, ganharás uma sepultura macedônia. E porque em deter-me em conversa tão rude ofendo minha língua, nada mais digo, pois, para o que cabe a ti, o que eu já disse tanto basta. E se alguma esperança te sobra só porque conversamos, em tal caso tu terás uma breve existência; mais ainda, se pensares em usar de mais alguma embaixada.

### O Autor

Quando Laureola terminou de falar, vi que, embora fosse breve nas palavras, nutria longa irritação, a qual lhe secava a língua. E depois de despedir-me dela, comecei a pensar diversas coisas que gravemente me atormentavam. Pensava quão distante estava de Espanha, recordava-me da tardança que fazia, trazia à memória a dor de Leriano, desconfiava de sua sanidade, e visto que não poderia cumprir o que prometi fazer sem perigo de minha existência ou de perder a sua liberdade, resolvi seguir meu propósito até acabar a vida ou levar alguma esperança a Leriano. Com esta decisão, voltei o outro dia ao palácio para ver que rosto encontraria em Laureola, a qual, quando me viu, tratou-me da mesma maneira de antes, sem que nenhuma mudança fizesse, mas desta segurança levantei muitas suspeitas. Pensava se o fazia para não se esquivar de mim, não havendo por mal que retomasse a conversa que tivemos. Ela acreditava que, ao assim dissimular, eu haveria de retornar ao meu propósito e emendar meu atrevimento, de maneira que eu não sabia a qual de meus pensamentos devia dar fé.

Enfim, passado aquele dia e outros muitos, encontrava em suas atitudes mais causa para ousar que razão para temer e, com este crédito, aguardei o tempo mais propício, quando lhe fiz outro pedido, mostrando medo, embora não o sentisse, pois em tal negócio e com semelhantes pessoas convém fingir comoção. Em tais assuntos, a irritação é tida por desacato e parece que não se estima nem se aceita a grandeza e a autoridade de quem ouve, nem o atrevimento de quem diz. E para não cair neste erro, falei com ela não segundo irritação, mas segundo apreensão. Finalmente, eu mesmo lhe disse tudo o que me pareceu que convinha para remédio de Leriano.

Sua resposta foi de tal forma como da primeira, salvo que houve nela menos ódio. Embora em suas palavras havia menos prevenção para o que eu devesse calar, todavia em sua reação encontrava licença para que ousasse dizer. Todas às vezes que tinha oportunidade lhe suplicava que se condoesse de Leriano e todas às vezes que lhe dizia, que foram diversas, encontrava rudeza no que respondia, mas sossego no que demonstrava. E como me advertia de tudo o que esperava proveito, percebia nela algumas coisas em que se reconhece o coração apaixonado. Quando estava sozinha, mantinha-se pensativa; quando estava acompanhada não muito alegre; era-lhe a companhia aborrecida e a solidão agradável. Mais vezes se queixava de estar mal por

evitar os prazeres. Quando era observada, fingia alguma dor; quando a deixavam, soltava longos suspiros. Se mencionavam o nome de Leriano, desatinava do que dizia, ficava subitamente corada e depois empalidecia, sua voz tornava-se rouca, a boca secava; por muito que encobria suas mudanças, forçava-lhe a paixão piedosa à dissimulação discreta. Digo piedosa porque sem dúvida, segundo o que depois demonstrou, ela considerava essas alterações mais de piedade do que de amor. Porém, como eu achava o contrário, vendo nela tais sinais, tinha em minha conta alguma esperança, e com tal pensamento parti-me para Leriano; e depois que em detalhes lhe contei tudo o que se passou, disse que se esforçasse para escrever a Laureola, aconselhando-o a enviar-lhe uma carta. E posto que ele estivesse mais propenso a fazer um balanço de suas desventuras que pôr por escrito um relato acerca de sua paixão, escreveu os argumentos, os quais vão a seguir:

#### Carta de Leriano a Laureola

Se tivesse alguma razão para escrever-te como para querer-te, sem medo ousaria fazê-lo; mas, ao tomar consciência que escrevo para ti, me turva o bom senso e se perdem os sentidos; por isso, antes que começasse a escrever, tive para comigo grande confusão; minha lealdade dizia que ousasse, tua grandeza que temesse: no primeiro, encontrava esperança e, no outro, desesperava; ao fim, cheguei a esta conclusão. Mas, ai de mim!, que cedo comecei a condoer-me e tarde a queixar-me, porque em tal situação estou, que se alguma mercê de ti eu merecesse não haveria em mim coisa viva para requerê-la, senão somente a lealdade. O coração está sem força e a alma sem poder e o juízo sem memória. Porém, se alguma mercê tu me quisesses fazer, bastava que a estes argumentos te impusesse a responder e retribuir minha lealdade para restituir as outras coisas que destruíste. Eu mesmo me culpo porque te peço a recompensa de haver feito serviço, embora recebas em conta do servir o penar. De qualquer forma, por muito que pagues sempre pensarei que me estarás em dívida.

Poderias retrucar como pensei em atrever-me a escrever. Não te surpreendas, que tua formosura causou a afeição, e a afeição o desejo, e o desejo a dor, e a dor o atrevimento. Se pelo que eu fiz, julgas que mereço a morte, mande-a lançar sobre mim, pois muito melhor é morrer por tua causa que viver sem esperança de ti. E falando a verdade, se tu não me desses a morte, eu mesmo me mataria para encontrar nela a liberdade que na vida procuro, mas temo que tu tivesses de ficar infamada por assassina. Assim, mal-aventurado seja o remédio que a mim me livra da dor e a ti causa a culpa. Por evitar tais inconvenientes, eu suplico que faças de tua carta a recompensa de meus males, que, embora não me mate pelo que a ti concerne, não poderei viver pelo que sofro, e ainda ficaras condenada. Se algum bem me quiseres fazer, não tardes; do contrario, poderá ser que tenhas tempo de te arrepender, mas não lugar de me remediar.

#### O Autor

Embora Leriano, segundo seu grave sentimento, desejasse se estender usando da erudição e não da humilhação, não escreveu mais largamente, porque para fazer saber a Laureola de seu mal bastava aquilo que dizia. As cartas devem alargar-se apenas quando se crê que há vontade suficiente para lê-las quem as recebe, como para escrevê-las quem as envia. E porque estava livre de tal presunção não se estendeu mais em sua carta, a qual, depois de acabada, recebi com tanta tristeza ao ver as lágrimas com que Leriano

me dava que pude senti-la melhor que contá-la. Depois de despedir-me dele, parti-me para Laureola. E quando cheguei onde ela estava, encontrei a oportunidade certa para poder falar, mas, antes que lhe desse a carta, anunciei estes argumentos:

#### O Autor a Laureola

Primeiro, nada digas – eu suplico –, mas receba a dor daquele teu prisioneiro por desengano da minha indiscrição, pois, onde quer que me encontre, tive antes a intenção de servir que importunar. De fato, Senhora, Leriano sente mais o incômodo que tu recebes que a paixão que ele padece; e este tem pelo maior sofrimento que há em seu mal do que o desejo de desculpar-se. Todavia, nele, se a vontade, para não incomodar, deseja sofrer, a alma, por não padecer, queria libertar-se: uma lhe diz que se cale e a outra lhe faz falar. E, premido pela dor, confia em tua virtude e que seus males lhe trarão à tua presença, acreditando, pelo peso de seu sofrer, que por outra te causará compaixão.

Perceba por quantas coisas merece de ti a recompensa: para esquecer seu sofrimento pede a morte; para que não se diga que tu a consentiste, deseja a vida; para que tu a faças, chama bem-aventurada a sua dor; para não senti-la deseja perder o juízo; para louvar tua formosura desejava ter os próprios e os alheios. Olha, quanto lhe és obrigada, pois elogia a quem lhe destrói; tem em sua memória todo o teu bem, mas tu és a ocasião de todo seu mal.

Se, por ventura, sendo eu tão desafortunado, clama por minha intercessão o que merece por lealdade, suplico que recebas uma carta sua, e se quiseres lê-la, a ele farás mercê pelo que há sofrido e tu a ti mesma culparás pelo que há causado, vendo claramente o mal que lhe fica nas palavras que envia, as quais, embora a boca haja ditado, foi a dor que as ordenava. Que Deus te dê tanta glória no céu como tu mereces na terra, que recebas a carta e a respostas, pois somente com essa mercê lhe poderás redimir. Com ela darás ânimo a sua fraqueza; com ela suavizarás seu tormento; com ela favorecerás sua firmeza. Assim, ele estará num estado que nem queira mais bem nem tema mais mal. E se isto não desejares fazer por quem deves, que é ele, nem por quem o suplica, que sou eu, em tua virtude tenho esperança, pois, segundo o teu costume, não saberás fazer outra coisa.

#### Resposta de Laureola ao Autor

Em tanta dificuldade me põem tuas porfias que muitas vezes duvidei sobre o que faria em primeiro lugar: desterrar a ti dessa terra ou a mim de meu renome em dar-te oportunidade de dizer o que quiseres. Cheguei à conclusão de nada fazer, por compaixão tua, porque se é má a tua missão, tua intenção é boa, pois a trazes para remédio do remetente; nem tão-pouco eu o quero queixando-se de mim, porque não poderia ele ser livre da dor sem que a mim fosse imputada a culpa.

Se eu pudesse remediar seu mal sem macular minha honra, com mais satisfação, pois tu assim solicitas, eu o faria; mas tu bem sabes o quanto as mulheres devem ser mais obrigadas ao renome que a própria vida, a qual devem estimar em menos por razão do mais, que é a bondade. Pois, se a vida infeliz de Leriano, há de ser com a morte desta, tu julgas a quem com mais razão devo ser piedosa, a mim ou a seu mal. É dessa maneira que todas as mulheres devem proceder. E em muito mais maneiras, aquelas de real nascimento, sobre as quais se voltam os olhos de todas as pessoas, porque antes se

vê nelas qualquer pequena mácula, o que, como nas de baixa estirpe, é grande feiúra. Se tuas palavras estão de acordo com a razão, como tu podes me pedir coisa tão injusta? Muito tens que me agradecer, pois, várias vezes, compartilhei contigo meus pensamentos; assim procedi porque, se me incomoda esse teu pedido, me apraz tua condição, e tenho o prazer de mostrar minha escusa com justos argumentos para resguardar-me de culpa.

A carta que me pedes para receber fora bem escusada, porque não têm menos força minhas defesas que confiança suas porfias. Já que tu és o mensageiro, agrada-me recebê-la. Porém, não esperes resposta, nem se esforce em pedi-la, nem menos ouse falar mais nisto, para que não te queixes de meu ódio como te vanglorias de meu sofrimento.

Por duas coisas me culpo de haver-me detido tanto contigo: uma, porque a natureza da conversa me deixou muito irritada e a outra, porque poderias pensar que evito falar nela e assim acreditarás que me recorde de Leriano. Disso, eu não me espantaria, pois como as palavras são imagens do coração, irás feliz pelo que julgaste e levarás a boa esperança do que desejas. Para não ser condenada por tuas pressuposições, se tais tiveres, torno a requerer que seja esta a última vez que me fales neste caso; do contrário, poderá ocorrer que te arrependas e que procurando a salvação alheia te falte remédio para a sua.

#### O Autor

Em tamanha confusão me colocavam as palavras de Laureola. Quando pensava que mais a compreendia, menos sabia de sua vontade. Quando nutria mais esperança, causava-me maior frustração; quando estava seguro, colocava-me maiores medos; seus desatinos cegavam minha compreensão. Por ela ter recebido a carta, fiquei satisfeito; mas a conclusão de seu discurso me desesperou. Eu não sabia que caminho seguir e em que esperança me fiar, e como homem desatinado, parti-me para Leriano com a desculpa de lhe dar algum consolo, enquanto procurava a melhor solução que convinha a seu mal. Ao chegar onde ele estava, comecei a lhe dizer:

#### O Autor a Leriano

Pela mensagem que trago se conhece que onde falta a sorte não aproveita a diligência. Encomendaste teu remédio a mim, mas tão contrária me há sido a sorte que só posso desprezar a mim mesmo, porque não me pode ser o futuro satisfatoriamente tão favorável, o que, no passado, me foi inimiga. Neste caso, boa desculpa tivera para ajudar-te, porque se eu era o mensageiro, tu era o assunto.

As coisas que com Laureola passei nem pude entendê-las, nem saberia dizê-las, porque são de condição nova. Mil vezes pensei em vir dar remédio a teu sofrimento e outras tantas em te dar a sepultura. Todos os sinais de vencida vontade eu vi em sua face; todos os queixumes de mulher sem amor eu vi em suas palavras. Julgando-a, alegrava-me; ouvindo-a, entristecia-me. Às vezes, acreditava que o fazia de propósito e, às vezes, porque estava aborrecida. A despeito de tudo isso, ao vê-la hesitar, acreditava em seu aborrecimento, porque quando o amor prende, faz o coração constante, e quando o deixa livre, mudável. Por outro lado, pensava se o fazia porque estava com medo, por temor do rigor de seu pai. Que dirás? Que recebeu tua carta, e ao recebê-la, me afrontou



com ameaças de morte, se mais em teu caso lhe falasse. Olha, que coisa tão grave parece num ponto essas duas diferenças.

Se em detalhes tivesse de contar tudo o que aconteceu, antes faltaria tempo para dizer do que coisas para relatar. Suplico que esforce teu bom senso para enfraquecer a tua paixão, pois, como estás agora, mais hás de merecer sepultura que consolo. Se ela não te dá nem mesmo uma chance, acabarás por deixar teus ossos em memória de tua lealdade, o qual não deves fazer, pois para satisfação de ti mesmo mais convém viver, sofrendo, que morrer para que cesse a dor. Digo isso, porque te vejo celebrar a tua dor. E em conformidade com essa dor, grande prêmio é para ti que se diga que tiveste coragem para sofrê-la. Os fortes nas grandes adversidades mostram maior coração. Nenhuma diferença haveria entre bons e maus, se a bondade não fosse posta à prova. Perceba que com larga vida tudo se alcança; tem esperança em tua lealdade, que a opinião de Laureola poderá mudar, mas nunca a tua constância.

Não quero dizer tudo o que para tua consolação pensei para enobrecer tuas lágrimas, entretanto em lugar de apaziguar tuas ânsias, incendeio-as. Quanto te parece que eu possa fazer, ordena-o, que não tenho menos vontade de servir tua pessoa que remediar tua saúde.

#### Resposta de Leriano

Não posso esconder o estado em que estou; a privação de meus sentidos tu já conheces; a hesitação de minha língua tu já observas; e por isso não te espantes se em minha resposta houver mais lágrimas que concerto, as quais são doce manjar de minha vontade, porque é Laureola que as arranca de meu coração. As coisas que com ela passaste, tu, que tens livre o juízo, não as entende. Que farei eu, que para outra coisa não tenho estado vivo senão para louvar sua formosura? Para chamar bem-aventurada a minha sina, queria que estas fossem as últimas palavras de minha vida, porque são em seu louvor. Que maior bem pode haver em meu mal que desejar essa mulher? Se fora tão ditoso na recompensa que mereço como na dor que padeço, quem me poderia igualar? Melhor me cabe, a mim, a morte, pois dela ela se servirá, que viver – se, por causa disso, ela há de ser infamada. O que mais sentirei falta, quando morrer, será saber que perecem os olhos que a viram e o coração que a contemplou, o qual, segundo quem ela é, rodopia fora de toda a razão. Digo isso, para que vejas que suas ações, em lugar de diminuir o amor, aumentam a lealdade.

Se no coração prisioneiro as vozes de reconforto fizessem fruto, aquelas que tu me deste bastariam para encorajar-me. Porém, como os ouvidos dos infelizes possuem fechaduras da paixão, não há lugar por onde entrem na alma as palavras de aconchego. Para que possa sofrer meu mal – como dizes –, dá-me tu o ânimo e eu colocarei a vontade. Esses assuntos de honra que pões diante de mim, conheço-os com a razão e nego-os com eles mesmos. Declaro que os conheço e aprovo, se há de usá-los algum homem que não sofra por amor; todavia digo para comigo mesmo que os nego, pois penso, embora seja grande a dor, que escolhi a morte honrada.

A tarefa que recebeste de mim e a resposta que dela me trouxeste me obrigam a arriscar a vida por ti todas às vezes que forem necessárias. Ao menos, por ela me resta viver, que se faça aquilo que ela deseja e não o que posso. Muito suplico, pois esta será no final a boa ação que tu me poderás fazer e eu receber, que queiras levar a Laureola uma carta minha, com notícias para que se alegre ao saber como me despeço da vida e para não mais lhe causar incômodo. A mensagem que levarás a ela, quero começar em tua presença, e as razões dela sejam estas:

### Carta de Liriano a Laureola

Se a recompensa de meus ímpetos havia de ser minha sepultura, já estou em tempo de recebê-la. Não acredites que morrer me desagrade, pois é de menor prejuízo aborrecer do que dar liberdade. Mas, que farei? Quem extirpará em mim a esperança de te ver? Terríveis palavras para se ouvirem. Indagarás como tão rápido, em um ano ou um pouco mais que sofro por ti, desfaleceu meu sofrimento: não te debes espantar que tua pouca esperança e minha muita paixão poderiam bastar para atenuar a dor de meu padecer. Não poderia pensar que tal coisa acontecesse, se tuas ações demonstram o contrário.

Sempre insisti acreditar mais em teu bom coração do que em tua teimosa vontade. Como quer que seja, se minha vida recebe o dano, minha sorte tem a culpa. Estou espantado como de ti mesma não te ressentes: eu te dei minha liberdade, te ofereci meu coração e não quis nada para mim, porque queria ser todo seu. Como alguém gostaria de te servir ou ter amor, se souber que tu não cuidas devidamente do que te pertence? Por certo, tu és tua própria inimiga. Se tu não quiser me remediar, pois assim eu haveria de me salvar, então deverias fazê-lo para que não te condenes. Se em minha perdição houver algum bem, desejo que te pese dela; entretanto se o meu pesar te houver de dar pena, eu a tudo hei de recusar, pois nunca em vida te prestei algum serviço e não seria justo que morrendo te causasse incômodo.

Os que colocam os olhos no sol, quanto mais olham mais se cegam: e assim quanto mais eu contemplo tua formosura, mais eclipsados tenho os sentidos. Digo isso para que não te espantes com essas mal traçadas linhas. Verdade é que em tal ocasião, escusado seria esse desencargo, porque, segundo penso, estou mais disposto em dar fim a vida que desculpar as razões.

No entanto, eu desejava apenas que o que tu havias pedido te fosse concedido, para que não ocupasses tua inteligência em coisa tão fora de tua condição. Se consentes que eu morra para que se proclame que tu pudeste matar, mal te aconselhaste, pois para tudo pelo que passei, bastava a tua formosura. Se consideravas que eu não era merecedor de tuas mercês, era porque eu pensava alcançar por lealdade o que por desmerecer perdi, e com este pensamento ousei tomar tal precaução. Se por acaso te agrada considerar que eu poderia remediar meu sofrimento sem a tua ofensa, era porque nunca pensei pedir mercê que te causasse constrangimento. Como eu haveria de desfrutar um bem que a ti causasse algum mal? Apenas, primeiramente, pedi tua resposta e, depois, uma recompensa.

Para evitar me estender, suplico, já que acabas com a minha vida, que honres a minha morte, pois, se para o lugar aonde vão as almas desesperadas há algum reconforto, não pedirei outra coisa, senão alívio, por saber que honraste as minhas cinzas e para usufruir o pouco tempo de tão grande glória.

### O Autor

Após haver terminado de escrever a carta que Liriano me ditava, eu, com os olhos marejados pelas palavras de muitas lágrimas, sem falar, despedi-me dele, considerando aquela – segundo pensei – a última vez que o esperava ver. Já em marcha, coloquei um sobrescrito à sua carta, para que ele se certificasse que Lauréola a quisesse receber. E chegando onde ela estava, resolvi lhe entregar a carta; ela, acreditando que

era de outra pessoa, aceitou; e tão pronto começou e acabou de ler. Durante todo aquele tempo que lia nunca deixou que eu visse seu rosto, porém vi que quando acabou de ler, ficou tão muda e comovida como se uma grande dor lhe tivesse acometido. Como percebeu que sua comoção a mim não passava despercebida, para se certificar, me fez perguntas e observações fora de todo o propósito. E para livrar-se da companhia que em semelhante ocasião é perigosa e para que as reações em público não denunciasses seus secretos pensamentos, retirou-se e assim esteve toda aquela noite sem tocar nesse assunto. Porém, no outro dia de manhã, mandou me chamar e depois que disse quantos argumentos bastassem para desengano de seu consentimento à dor de Lariano, afirmou que lhe tinha escrito uma carta, parecendo desumanidade perder por tão pouco preço um homem assim. E o júbilo pelo que eu ouvia me incitava a agradecer de modo desatinado, mas não vou mencionar a doçura e a sinceridade que houve em sua argumentação.

Quem quer que a ouvisse, poderia reconhecer que ela havia utilizado de pouco esforço; de irritada estava entusiasmada, de comovida aparentava rubor. Tinha tal alteração e tão sem alento a voz como se esperasse a sentença de morte; de tal maneira lhe tremia a voz, que não podia simular o medo com a descrição. Minha resposta foi breve, porque o tempo para alongar-me não me permitia, e depois de beijar-lhe as mãos recebi sua carta, os argumentos da qual eram estes:

#### Carta de Laureola a Lariano

A morte que tu, sofrendo, esperavas, eu a merecia por culpada se nisto que faço pecasse minha vontade, o que certamente não é assim. Eu escrevo mais por salvar a tua vida que por satisfazer o teu desejo. Entretanto, para minha tristeza, este desengano apenas reverte em meu proveito, porque se deste crime eu fosse acusada, não teria outro testemunho para salvar-me senão a minha intenção; e por ser o argumento tão forte não se levaria em conta o que se disse. Com este receio e a pena sobre o papel, ergui as mãos para o céu, fazendo juiz de meu fim Aquele a quem a verdade das coisas é manifesta.

Todas às vezes que hesitei em responder foi porque sem a minha condenação tu não podias ser absolvido, como agora parece, posto que apenas tu e o portador de minha carta sabem que escrevi. Que sei eu dos juízos que vocês dois darão sobre mim? Acho que estão certos: somente temo as minhas próprias suspeitas.

Rogo muitíssimo que estejas mais alegre com minha resposta em meio de teu sofrer e que te recordes da fama de quem o causou. Aviso-te disso para que semelhantes favores sejam proclamados, tendo mais acatamento à vitória deles que a fama de quem os dá. Melhor me estivera ser admoestada pela crueldade que temerosa por ser piedosa; tu o sabes; e por remediar-te agi de outra forma. Tu já tens o que desejavas e eu, o que temia. Por Deus, peço que resguarde minha carta com a tua lealdade, porque se é tão certa, como confessas, não se extravie nem de ninguém possa ser vista; porque quem visse o que escrevi pensaria que te amo e pensaria que meus argumentos anteriores foram proferidos mais para dissimular a verdade do que por sinceridade. O que é mentira, pois, de fato, escrevo mais com intenção piedosa – como já havia dito – do que com apaixonada vontade. Para te fazer crer nisso queria estender-me, mas para evitar suspeitas, me despeço, pois para que as minhas ações recebessem a justa recompensa havia de fazer a vida outro tanto.

## O Autor

Tendo recebido a carta de Laureola, decidi partir-me para Leriano, cujo percurso quis fazer acompanhado para ter comigo alguém que a ele e a mim ajudasse no êxito de minha missão. E, para me dar ânimo na tarefa que ia empreender, convoquei os maiores aliados de meu intento que eram Contentamento e Esperança e Descanso e Prazer e Alegria e Diversão. Se os guardas da prisão de Leriano quisessem me impedir a entrada, para assumir posição vantajosa, pensei em avançar conforme ordem de guerra. Com tal arranjo, feito um batalhão de toda minha a companhia, continuei meu caminho. Ao chegar a um monte de onde se vislumbrava a prisão, os vigias viram meu pendão, que era verde e vermelho, e em lugar de se defenderem, puseram-se em fuga tão grande que quem mais rápido fugia mais perto imaginava que se deparava com o perigo. Como Leriano atentou subitamente para tal balbúrdia, não atinando o que estava ocorrendo, pôs-se a uma janela da torre – para falar a verdade, mais com fraqueza de espírito que com esperança de socorro. Como viu aproximar essa tão formosa gente em prontidão de ataque, não só municiada de grande aparato, mas também de enorme virtude, ao reconhecer o que era, perdeu os sentidos e desfaleceu dentro da casa.

Eu, que não tinha tempo a perder, quando cheguei às escadas por onde costumava entrar, enviei Descanso à frente, o qual deu surpreendente luz às trevas. E, ao subir, imaginando que ele estivesse em grande alegria, encontrei-o à beira da morte; pensei que era ocasião para chorá-lo e muito tarde para dar-lhe remédio. Porém, acudiu logo Esperança, que era ali a mais diligente, e, depois de jogar-lhe um pouco de água no rosto, conseguiu fazê-lo voltar a si, e ainda para mais animar-lhe, entreguei a carta de Laureola. Enquanto ele lia, todos os que eu trazia comigo procuravam recuperá-lo: Alegria lhe alegrava o coração, Descanso lhe consolava a alma, Esperança lhe devolvia os sentidos, Contentamento lhe aclarava a vista, Diversão lhe restituía as forças, Prazer lhe avivava o entendimento. De tal maneira o trataram que quando acabou de ler o que Laureola lhe escreveu estava tão curado como por nenhum tormento houvesse passado. Como constatei que minha diligência restituira a sua liberdade, abracei-lhe muitas vezes, congratulando-me com ele de corpo e alma; ele, por sua vez, dava a entender que não haveria recompensa suficiente para tal esforço, segundo o que valiam os meus préstimos. De tal maneira era sua gratidão que não eu sabia responder-lhe como eu desejava e conforme a situação requeria.

Depois que muitas conversas entre nós se sucederam, ele tomou a decisão de ir à corte, mas antes de para lá se dirigir esteve alguns dias numa vila de sua propriedade para refazer as forças e preparar os atavios para sua partida. Quando se viu em melhor disposição, pôs-se em marcha; e ao saber a corte de sua chegada, todos os grandes senhores e jovens cortesãos saíram a recebê-lo. Mas como aquelas velhas cerimônias lhe fossem habituais, mais alegria lhe causava a glória secreta que a honra pública, e assim foi acompanhado até o palácio.

Quando beijou as mãos de Laureola, sucederam-se muitas coisas de se espantar, em especial, para mim, que sabia o que entre eles existia: nele, o estertor da comoção; nela, o enrubescer das faces; nem ele sabia o que dizer, nem ela o que responder; pois tanta força tem o sentimento da paixão que sempre traz o bom senso e a discrição sob o jugo de sua bandeira, o que ali pude constatar por clara experiência.

E a despeito de suas reações, ninguém levantou nenhuma suspeita de que havia qualquer pendência entre eles. Pérsio, filho do senhor de Gavia, olhou-a alimentando o mesmo pensamento que Leriano nutria. E como as suspeitas do ciúme esquadrinham as coisas secretas, tanto ficou atento dali em diante para as conversas e para os sinais deles que deu crédito ao que suspeitava, e não somente deu certeza ao que via – que não era

nada –, mas ao que imaginava – que era tudo. Com este malvado propósito, sem mais hesitar nem tardar, chamou o rei a um lugar discreto e revelou-lhe assertivamente que Laureola e Leriano se amavam e que se viam todas as noites depois que ele dormia, e que lhe fazia saber pelo que devia à sua honra e ao seu serviço.

O rei, enervado por de tal coisa, esteve cismado e pensativo sem logo determinar o que responder, e depois que muito pesou sobre o caso, teve por verdade, acreditando, segundo a virtude e autoridade de Pérsio que não mentiria sobre coisa tão séria. Porém, apesar disso tudo, antes que deliberasse, quis ter certeza do que deveria fazer; e depois de colocar Lareola numa prisão mandou chamar a Pérsio e disse-lhe que acusasse de traição a Leriano segundo suas leis, de cujo mandamento foi muito afrontado. Como a gravidade do assunto lhe forçava a outorgá-lo, respondeu ao rei que aceitava sua ordem e que dava graças a Deus pela confiança nele depositada, para que fossem as suas mãos testemunho de sua bondade. E como semelhantes inquéritos se costumam fazer na Macedônia por proclamas e não em presença do rei, Pérsio o enviou a Leriano com os argumentos seguintes:

#### Proclama de Pérsio a Leriano

Se a louvável fama procede das virtuosas ações, então justo é que a maldade tenha castigo para que a virtude se sustenha; e com tanta diligência deve ser a bondade amparada para que os inimigos dela, se por vontade não a obrarem, por medo a cultivem.

Declaro isso, Leriano, pois o castigo que receberás do crime que cometeste será a punição para que tu pagues e exemplo para que outros temam; pois, se a tais coisas desse lugar, não seria menos favorecida a malícia nos maus que a nobreza nos bons. Por certo, mal te aproveitou a limpeza do sangue que herdaste; teus antepassados te ensinaram a seguir a bondade, mas tu preferiste cometer traições; os ossos deles se levantariam contra ti se soubessem como enlameaste por tal erro suas nobres ações. Porém, já é chegado o tempo de receberes, pelo que tu fizeste, o fim derradeiro à tua existência e a mácula à tua fama. Mal-aventurados aqueles que, como tu, não souberam escolher morte honesta!

Sem guardar o serviço de teu rei e a obrigação de teu sangue, tiveste desavergonhada ousadia para enamorar-te de Laureola, com a qual em seu quarto, quando o rei estava dormindo, diversas vezes falou, ao escurecer, para perpetrar a perfídia de continuar a tua nobre linhagem. Com esses argumentos te acuso de traidor e por isto te quero matar ou expulsar do campo de batalha, ou te fazer confessar por tua boca a verdade de minhas palavras, que serão, enquanto o mundo durar, exemplo de lealdade. E atrevo-me a tanto, confiando em tua desfaçatez e em minha verdade. Escolha as armas da maneira que desejares e eu, da parte do rei, dar-te-ei salvo conduto.

#### Resposta de Leriano

Pérsio, maior seria a minha sorte que a tua malícia se o crime de que me acusas com maldade não te desse o castigo que mereces por justiça. Se fosses tão nobre como maldoso, para livrar-te de tal perigo, antes deverias saber as minhas intenções que julgar as minhas ações. Pelo que até agora conheço de ti, tu te preocupavas mais em parecer bom que sê-lo de verdade. Considerando a ti um amigo verdadeiro, os meus segredos eu confessava, e, segundo parece, eu confiava em tua virtude, porém tu usavas de teus

ardis. Com a bondade que demonstravas, fundou a amizade; assim a falsidade que encobria causou a inimizade. Ó inimigo de ti mesmo!, com razão posso dizer, pois por teu testemunho deixarás a consciência intranquã e acabarás a vida com minguã. Por que injuriaste a Laureola, pois, se toda a bondade do mundo se perdesse, somente a bondade dela bastaria para torná-la a recuperar? Tu dizes palavras claramente mentirosas e eu defendo uma causa justa. Ela ficará livre de culpa, com honra, e não enlameada de vergonha.

Não quero responder às tuas desmesuras, porque encontro por mais honesto caminho vencer-te com meu caráter do que satisfazer-te com palavras. Somente quero levantar o que concerne ao caso, pois ali está a força de nosso debate. Acusa-me de traidor e afirmas que entrei muitas vezes no quarto de Laureola quando o rei repousava. A um e a outro te digo que mentes, embora não me recuso a confessar que com vontade enamorada a observava. Porém, se a força do amor ordenou o pensamento, a lealdade virtuosa causou sua pureza; com vistas a ser dela favorecido e não do contrário pensei. E para mais contradizer-te direi que não só não entrei no quarto dela, mas também que jamais lhe dirigi palavras de amor. Pois quando a intenção não erra, a salvo está o que se julga; e porque a certeza disto há de ser com a morte de um de nós e não com a língua de ambos, fique para o dia do combate a sentença, que, confiando em Deus, se dará a meu favor, porque tu jogas com malícia e eu luto com argumentos; e assim a verdade se determina com justiça.

As armas que a mim são de assinalar sejam a brida – segundo nosso costume –; nós, armados de todas as peças, os cavalos com paramentos e pescoceira e protetor de cabeça, lanças de tamanho igual e uma única espada, sem nenhuma outra das armas usuais, com as quais, defenderei a verdade de minhas palavras, ou te matarei ou te farei retirar o que disse ou te jogarei para fora do campo.

### O Autor

Como a má sorte, invejosa dos bens de Lariano, usasse com ele de sua natural condição, deu-lhe tal revés quando se viu na maior prosperidade. Suas desventuras causavam surpresa a quem as viu e convidam ao sofrimento a quem as ouve.

Agora deixando seu padecer para falar em seu valor, depois que respondeu ao proclama de Pérsio, conforme está escrito, o rei, ao saber que já estavam combinados na batalha, escolheu o campo. Assinalado o lugar onde se confrontariam e ordenadas todas as coisas que em tal duelo se requerem, segundo as diretrizes da Macedônia, ao rei, sentado num cadafalso, vieram os cavaleiros, cada qual acompanhado e paramentado como convinha. E observadas em igualdade as honras entre eles, entraram no campo. Quando os escudeiros os deixaram sozinhos, avançaram um sobre o outro; a força dos golpes mostrava a virtude dos ânimos. Como as lanças se quebraram nos primeiros encontros, puseram mão às espadas e tanto combatiam que qualquer um teria inveja do que obravam e compaixão do que padeciam.

Finalmente, para não me deter mais nisso por parecer que é relato de velhas estórias, Lariano cortou a mão direita de Pérsio, e como a melhor parte de sua pessoa visse perdida, disse-lhe:

“Pérsio, para que não pagues com tua vida a falsidade de tua língua, debes retirar o que disse”.

Pérsio, então, respondeu:

“Faça o que há de fazer, que mesmo que me falte o braço para me defender não me falta o coração para morrer”.

Ouvindo Leriano essa resposta foi a ele com tal ímpeto que quase o matou; e como alguns cavaleiros parentes dele lhe vissem perto da morte, suplicaram ao rei que mandasse levantar o bastão, que eles lhe confiaram para que fizesse justiça se claramente se encontrasse culpado. O rei assim lhes outorgou. E ao se dispersarem, Leriano não sem razão se sentiu injustiçado, não podendo atinar por que o rei havia ordenado tal coisa. Depois que foram autorizados a sair, retiraram-se do combate iguais em cerimônia, embora desiguais em fama, e assim foram conduzidos aos seus respectivos aposentos, onde estiveram aquela noite. No outro dia de manhã, depois de consultar seus conselheiros, Leriano concordou em ir ao palácio para suplicar e requerer ao rei em presença de toda a sua corte que lhe mandasse restituir a sua honra, fazendo justiça de Pérsio, o qual era de condição maldosa e de personalidade ardilosa. Enquanto Leriano concordava com o que lhe diziam, Pérsio fez chamar três homens muito de acordo com a sua confiança, e que tinha por muito próximos, fazendo-lhes jurar que guardassem segredo; deu a cada um muito dinheiro para que dissessem e jurassem ao rei que viram Leriano falar com Laureola em lugares suspeitos e em ocasiões desonestas, o que se prontificaram a afirmar e jurar até perder a vida.

Não quero mencionar o que Laureola pensava de tudo isso, para que a paixão não me perturbe os sentidos e para acabar o que comecei; porque não tenho agora por menos novo o sofrimento do que quando estava lá presente. Então, voltando a Leriano, que mais da prisão dela se condoía que de sua vitória se vangloriava, quando soube que o rei era já de pé, foi ao palácio, e em presença dos cavaleiros de sua corte, falou desta maneira:

#### Leriano ao Rei

Por certo, Senhor, com maior ânimo sofreria o castigo de tua justiça que a vergonha de tua presença, se ontem não levasse a melhor na batalha, pois se tu tivesses por bem a falsa acusação e Pérsio ficasse de todo livre, à vista de todos, eu lhe daria a recompensa que merecia. Esta é a grande diferença que há entre prometer e cumprir. A razão por que mandaste nos dispersarmos não posso atinar, em especial, tocando a ti o mesmo debate, pois mesmo que de Laureola desejassem vingança, como generoso não te faltaria a piedade de pai, uma vez que neste caso restou bem certo a verdade de sua inocência. Se o fizesses pela compaixão que tinhas de Pérsio, tão justo seria que a tivesses de minha honra como da vida dele, sendo tu desta pátria. Se por ventura o consentiste por estar incomodado com a súplica de seus parentes, quando lhes outorgastes a mercê, deverias lembrar dos serviços que os meus te fizeram, pois sabes com quanta constância de coração quantos deles em muitas batalhas e combates perderam a vida por teu serviço. Nunca formaste uma hoste sem que pelo menos a terceira parte não fosse dos nossos.

Suplico que com razão me outorgues a honra que das minhas mãos me tiraste. Perceba que guardando as leis se conservam os súditos. Não consintas que viva um homem que tão mal resguarda as preeminências de seus antepassados, para que o seu veneno não corrompa os que com ele andam. Por certo, não tenho outra culpa senão a de ter sido amigo do culpado, e se por este indício mereço castigo, faça justiça, embora minha inocência dela me absolva, pois conservei sua amizade acreditando-lhe bom e não lhe julgando mau. Se lhe dás a vida para servir-te dele, digo que ele será o mais leal murmurador que possas encontrar no mundo.

Pensa em ti mesmo, pois és obrigado a aplicar a igual justiça; que isto julgues com a prudência que tens e sentencies com a justiça que usas. Senhor, as coisas de

honra devem ser claras e se a ele perdoas por rogos ou por ser o mais nobre em teu Reino ou por que te agrada, não ficarei nos juízos das gentes por desculpado de tudo, pois se uns crêem na verdade por razão, outros a turvam com a malícia. E acrescento que, em teu Reino, a virtude deve ser premiada. Sempre a fama leva longe a virtude. Como soará nos ouvidos dos outros povos o que se sucedeu, se ele não tiver um castigo público? Por Deus, Senhor, limpe a minha honra e a minha vida da mácula, e para o que é meu ordene o que quiseres.

### O Autor

Esteve o rei atento a tudo o que Leriano quis dizer; e quando ele terminou o discurso, respondeu que consultaria seus conselheiros sobre o que deveria fazer, pois em tal assunto com vagar se havia de proclamar a sentença. Verdade é que a resposta do rei não foi tão doce como deveria. Se não outorgava liberdade a Laureola – até onde pude perceber, ele desconfiava que algo, de fato, havia acontecido –, seria somente porque Leriano pensou em servi-la, embora não tivesse sido feliz em sua intenção, portanto, de qualquer maneira, sendo culpado em sua suspeita. E assim para aparar as aristas entre seus familiares e os de Pérsio, enquanto deliberava sobre o caso, mandou-lhe ir a um vilarejo de sua propriedade, chamado Susa, que distava duas léguas da corte. O que ele logo fez com alegre coração, tendo já a Laureola por desculpada, coisa que ele tanto desejava.

Como Leriano se havia despedido do rei, Pérsio, que sempre se esforçava em ofender sua honra por condição e em defendê-la por malícia, chamou os conjurados antes que Laureola ganhasse liberdade, e disse-lhes que cada um por sua vez fosse ao rei e dissessem como crédito, para não deixar dúvidas, que ele acusou a Leriano com verdade, do qual eles eram testemunhas, pois lhe viram falar muitas vezes com ela em particular; o que eles fizeram da maneira que lhes foi dito. De tal forma souberam dissimular e assim afirmaram seu testemunho que comoveram ao rei, o qual, depois de haver sobre isso muito pensado, mando-os chamar. Quando vieram, fez a cada um por sua vez perguntas muito agudas e sutis para ver se encontraria algo contraditório ou desconforme no que respondessem. Como costumavam gastar suas vidas na prática da falsidade, quanto mais falavam melhor sabiam confirmar sua mentira. Por isso o rei lhes deu inteira fé e, por cuja informação, considerando Pérsio por leal servidor, acreditava que mais por sua má sorte que por sua pouca verdade havia levado a pior na batalha. Ó Pérsio, quanto melhor em ti estivera uma só morte porque a merecia tantas vezes!

Querendo o rei que pagasse a inocência de Laureola pela traição dos falsos testemunhos, concordou que fosse sentenciada à morte. Quando essa notícia chegou a Leriano, esteve por pouco a perder o bom senso; e com arrebatamento e paixão desesperada concordava de ir à corte para libertar Laureola e matar a Pérsio ou perder por isso a vida. E eu, por considerar aquela solução mais de perigo que de esperança, devolvi-lhe à razão e demovi-o de tal empreitada. Como estava indeciso por causa do estado em que se encontrava, quis servir-se de meu parecer no que houvesse de deliberar; assim aconselhei-o que não dispusesse com alteração para não se arrepender com pesar; e depois que em meu fraco juízo cheguei a algo mais seguro, disse-lhe o que se segue:

### O Autor a Leriano



Assim, Senhor, desejava eu ser discreto para elogiar teu bom senso como poderoso para redimir teu mal, para que fosses alegre como eu desejo e louvado como tu mereces. Digo isso pelo notório sofrimento que em tal ocasião demonstras, pois, como vi teu juízo embargado de paixão, eu soube que serias julgado por tuas ações, não segundo o que pensas, porém segundo o que sentes. E com esse discreto conhecimento, quis antes errar por meu simples e livre conselho que acertar pelo teu, impulsivo e empedernido. Muito pesei sobre o que nesta tua terrível sorte se deve fazer e cheguei à conclusão que, segundo minha humilde opinião, o primeiro que se cumpre ordenar é teu repouso, o qual te desanuviará do caso presente.

Para mim, a primeira solução que tomaste será a última coisa que farás, porque como é grande o feito que há de empreender, com grande vagar se deve determinar. Sempre do duvidoso se há de tomar o mais seguro, e, se trabalhas para matar a Pérsio e libertar a Laureola, deves antes ver se é coisa da que poderás safar-te; pois como é de mais estima a honra dela que a tua vida, se a ação não surtir efeito deixarias a ela condenada e a ti desonrado. Perceba que os homens agem e a sorte julga. Se as coisas saem bem são elogiadas por boas, e se mal, havidas por desvairadas. Se libertas a Laureola, dir-se-á que cometeste uma ousadia e, se não, que pensaste loucura.

De qualquer forma, tem o espaço de nove dias a partir do qual se dará a sentença. Aplica todos os outros remédios que suscitam a esperança, e se neles não a encontrares, disponhas o que tinhas planejado, que em tal demanda, mesmo que perdas a vida, aumentarás a tua fama. Porém, nisso, há uma coisa que deve ser provida antes que tomes alguma atitude – e é esta: vamos supor que conseguiste sitiar a prisão e retirar dela a Laureola; se a trazes a tua terra, ela será condenada da culpa; onde quer que a deixes não a livrarás do castigo. Perceba que aqui há maior mal que o primeiro. Parece-me que para sanar isso deves agir de outra maneira, a qual se deve executar dessa forma: eu chegarei de tua parte a Gálio, irmão da rainha, que em parte deseja tanto a liberdade da prisioneira como tu mesmo, e lhe direi o que tens planejado, e suplicarei para que a salve do castigo e da morte; e para Laureola, que esteja pronta para o dia em que fores com alguma gente libertá-la. Se for a tua sorte que consigas salvá-la, tu deves colocá-la sob tua proteção à vista de todo o mundo, em testemunho de sua bondade e de tua honestidade. E que assim resguardada, enquanto que o rei sabe de um e provê o outro, proteja-a em sua fortaleza de Dala, de onde poderá vir o feito a bom termo – mas como disse –, isto se há de tomar por última solução.

Entretanto, o que antes convém negociar é isto: eu irei à corte e falarei com o cardeal de Gaula e todos os cavaleiros e prelados que ali se encontrarem, o qual com alegre vontade suplicará ao rei que outorgue a vida a Laureola. E se nisto não encontrar remédio, suplicarei à rainha que com todas as honestas e principais mulheres de sua casa e cidade lhe peçam a liberdade de sua própria filha, de cujas lágrimas e petição não poderá, a meu ver, negar piedade. E se nem assim eu encontrar esperança, direi a Laureola que lhe escreva certificando sua inocência. E se mesmo ainda tudo me for contrário, rogarei ao rei para que tu envies uma pessoa de sua confiança para enfrentar em armas as três malvadas testemunhas. E se ainda assim nada disso fizer efeito, tu provarás tua força, na qual por ventura encontrarás a piedade que no rei eu buscava. Porém, antes que parta, parece-me que deves escrever a Laureola, esforçando seu medo com a segurança de sua vida, a qual inteiramente lhe podes dar; porque assim se dispõe no céu o que se obra na terra; é impossível que Deus não receba suas inocentes lágrimas e suas justas tuas petições.

O Autor

Somente um ponto de meu parecer não convenceu Lariano, porque considerou que sua própria solução para resolver o problema era mais nobre; porém tudo isso lhe fazia tremer o coração, pois temia que o ódio do rei mandasse dar a sentença antes do prazo; mas disso não me surpreendi, porque os muito apaixonados se fiam cegamente no mais duvidoso e contrário, e o que mais desejam têm por menos certo. Concluindo, ele escreveu para Laureola com muita dúvida se ela de fato desejava receber sua carta, cujos argumentos diziam assim:

#### Carta de Lariano a Laureola

Antes pusesse as minhas próprias mãos em mim mesmo para acabar com a minha vida que no papel para começar a te escrever, se as minhas ações tivessem sido a causa de todo o teu sofrimento, como o é minha má sorte, a qual não pode ser tão contrária que não me ponho em estado de bem morrer, segundo o que para salvar-te tenho concordado. Se em tal intento eu morresse, tu estarias livre da prisão e eu de tantas desventuras: assim, será uma morte causa de duas liberdades.

Suplico: não me sejas inimiga por aquilo que padeces, pois – como tenho dito –, não tem culpa o que eu fiz, mas o que minha sina determina. Podes bem crer, por grandes que sejam tuas angústias, que eu sinto maior tormento pensando nelas que tu nelas mesmas. Agradeceria a Deus que não te houvesse conhecido, que, mesmo que fosse perfídia o maior bem desta vida, que é haver-te visto, fosse bem-aventurado em não ouvir nem saber o que padeces. Tanto me habituei a viver triste que me consolo com as mesmas tristezas porque tu é a causa delas. Entretanto, o que agora sinto nem recebe consolo nem repouso, porque não resta ao coração nenhum sossego. Não acrescentes à dor que padeces a morte que temes, pois as minhas mãos te salvarão dela. Eu procurei remédios para temperar a ira do rei. Se neles faltar esperança, em mim a podes ter, pois por tua liberdade eu tudo farei, pois será a minha memória, enquanto o mundo durar, um exemplo de fortaleza. E se não te parece grande coisa o que digo, porque, sem levar em conta o que tu vales, a injustiça de tua prisão faz justa a minha ousadia. Quem poderá resistir as minhas forças, pois tu as inspiras? O que não ousará o coração empreender, estando tu nele? Somente um mal há em tua salvação, que se compra por pouco preço, segundo o que mereces, que é a perda da minha vida; e não somente isso é pouco, mas o que eu posso desejar também não é nada.

Reforça tua fraqueza com minha esperança; e não te consumas em demasia em preocupações, porque poderia ser que desfalecesses. Daqui, retiro duas grandes decorrências que poderiam recrescer: a primeira e mais principal, seria a tua morte; a outra, eu seria a maior desonra de todos os homens, não podendo te salvar. Confia em minhas palavras, tem esperança em minhas promessas, não sejas como as outras mulheres, que de pequenas causas recebem grandes temores. Se a condição feminina te causar medo, tua discrição te dá fortaleza, que bem podes receber de minha segurança. O que farei será prova do que digo, suplico que acredites em mim. Não te escrevo tão longamente como desejava por prover o que a tua vida cumpre.

#### O Autor

Depois que Lariano terminou, coloquei-me a caminho; e, com a sua carta em mãos, parti-me com a maior pressa que pude. Ao chegar à corte, trabalhei para que

Laureola a recebesse, e decidi primeiro entregar a carta a ela antes que nenhuma outra coisa fizesse, por dar-lhe algum reconforto. E como para vê-la me fosse negada licença, soube do quarto onde ela dormia. Ali, descobri uma janela tão forte quanto fechada, mas com uma fresta. Ao cair da noite, dobrei a carta muito delicadamente, coloquei-a em uma lança e com muito esforço joguei-a lá dentro. E outro dia de manhã, como dissimuladamente por ali andava, aberta a janela, vi Laureola e vi que me viu, embora pela espessura da fresta não a pude bem distinguir. Finalmente ela respondeu, e, mais à noite, quando ouviu as minhas pisadas jogou a carta no chão, a qual ao recebê-la, sem me dizer uma palavra – pelo perigo que nisso para ela havia –, concordei em ir-me, e percebendo que eu me distanciava, ela asperamente disse:

“Olha aqui a recompensa que recebo da piedade que tive”.

E porque aqueles que a escoltavam permaneciam perto de mim, não me atrevi a responder. Tanto me magoou aquela resposta que falei a mim mesmo que, se fora seguido, pelo rastro de minhas lágrimas poderiam encontrar-me. O que ela respondeu a Leriano foi isto:

#### Carta de Laureola a Leriano

Não sei, Leriano, o que te responder, senão que nas outras pessoas se elogia a piedade por virtude e, em mim, se castiga por vício. Eu fiz o que devia fazer, segundo as leis da caridade, e tenho o que mereço, segundo a desventura. Não foi, por certo, a tua sorte nem as tuas ações a causa de minha prisão, nem meu querer a ti ou a outra pessoa nesta vida, senão de mim mesma, que por livrar-te da morte me carreguei de culpa, embora na compaixão que tive, mais dor há que encargo, pois remediei como inocente e pago como culpada. Porém, ainda me agrada mais a prisão sem culpa que a liberdade; justamente por isso mesmo dói-me em sofrê-la e descanso em não merecê-la.

Eu sou, entre aquelas que vivem, a que menos deveria estar viva. Se o rei não me salvar, espero a morte; se tu me libertares, a morte será tua e dos teus: de maneira que, por uma parte ou por outra, deparo-me com a dor. Se não me remediares, hei de ser morta; se me libertes e me levas embora, serei condenada; por isso, rogo muito que trabalhes em salvar a minha fama e não a minha vida, pois uma se acaba e a outra permanece. Procura – como dizes que fazes – quem amanse o ódio do rei, pois, conforme te referes, não posso ser resgatada sem a destruição de minha honra. E deixando isso a teu conselho, sei que julgarás o melhor, resguardando a recompensa que mereço pelo bem que realizei.

Os grilhões que se põem aos que causaram mortes me escravizam, porque a tua prisão escusei. Com grossas correntes estou atada, com ásperos tormentos me machucam, com inexpugnáveis guardas me vigiam, como se eu tivesse forças para poder escapar. Meu sofrimento é tão agudo e minhas dores tão cruéis, que sem que meu pai dê a sentença, perpetrando a vingança, morrerei nesta dura prisão. Estou atônita: como de tão cruel pai nasceu filha tão piedosa. Se lhe igualasse na condição não lhe temeria na justiça, posto que injustamente a desejou fazer.

Ao que tange a Pérsio não te respondo para que não se emporcalhe a minha língua, como há feito de minha fama. Verdade é que mais desejaria que de seu testemunho se desdissesse que não morresse por ele. Mas embora eu assim considere, decida tu, que, segundo o teu juízo, não poderás errar no que decidires.

O Autor

Estive muito em dúvida quando recebi esta carta de Laureola: sobre enviá-la a Lariano ou esperar entregá-la eu mesmo. Enfim, achei melhor solução não enviá-la, por dois inconvenientes que encontrei: um, era porque nosso segredo se punha a perigo ao confiá-lo a alguém; o outro, porque as lástimas dela lhe poderiam causar tal comoção que mudaria rapidamente o que com ele concordei, o que poria tudo a perder.

Assim, voltando ao primeiro propósito, quando cheguei ao palácio, testei as vontades dos principais cortesãos para pôr a par das novidades aos que encontrasse em conformidade com a minha opinião; e nenhum encontrei de desejo contrário, salvo os parentes de Pérsio. E como isso houve por sabido, supliquei ao cardeal – como antes disse – que instasse rogar ao rei pela vida de Laureola, o qual me outorgou com o mesmo amor e compaixão que eu o pedia. Sem mais tardar, juntou com ele todos os prelados e grandes senhores que ali se encontravam, e posto em presença do rei, em seu nome e de todos os que iam com ele, fez-lhe um discurso nesta forma:

### O Cardeal ao Rei

Não sem razão os antigos príncipes soberanos solicitavam conselho sobre o que haveriam de fazer, segundo quantos proveitos nele encontrariam, e posto que fossem diversos, por seis razões aquela lei deve ser conservada. A primeira, para que melhor acertem os homens nas coisas alheias que nas suas próprias, porque o coração de quem toca o caso não pode estar sem ira ou cobiça ou afeição ou desejo ou outras coisas semelhantes para deliberar como se deve. A segunda, porque as coisas negociadas sempre dão mais certo. A terceira, porque se acertam os que aconselham, embora eles dão o voto, pertence a glória a quem recebeu o conselho. A quarta, pelo que se segue do contrário, que se por alheio bom senso se erra o assunto, o que pede o parecer fica sem encargo e quem o dá com a culpa. A quinta, porque o bom conselho muitas vezes esclarece as coisas duvidosas. E a sexta, porque não deixa tão frequentemente cair na má sorte e sempre nas adversidades põe esperança.

Por certo, Senhor, torto e cego conselho alguém pode dar a si mesmo estando atribulado de ódio ou paixão; e por isso não nos culpemos se viemos a incitar a força de tua ira; mais queremos que claramente nos repreendas porque te causamos irritação que arrependido nos condenes porque não te demos conselho.

Senhor, as coisas decididas com deliberação e com acordo buscam proveito e elogio para quem as faz, e as que com ódio se fazem com arrependimento se pensam. Os sábios como tu, quando agem, primeiro deliberam antes de dispor e estão conscientes de todas as coisas que podem ocorrer, assim do que esperam proveito como do que temem revés. Se de qualquer paixão se encontram acometidos, não sentenciam em nada até verem-se livres; e embora os feitos se dilatam têm-no por bem, porque em semelhantes casos a pressa é danosa e a tardança segura; e têm o gosto de fazer o justo, pois pesam todas as coisas; e antes que as façam, seguindo a razão, estabelecem honesto seguimento. Virtude é dos prudentes pôr à prova os conselhos e por fraca certeza não dispor, e no que parece duvidoso pesar a sentença, porque não é tudo verdade o que tem semelhança de verdade. O pensamento do sábio quer concorde, quer mande, quer ordene sempre considera o que pode acontecer, e sempre como zeloso de sua fama se guarda do erro; e para não cair nele tem memória do passado, para tomar o melhor dele e governar o presente com temperança e contemplar o porvir com cuidado para ter aviso de tudo.

Senhor, tudo isso dizemos para que lembres de tua prudência e decidas no que agora estás, não por estar com ódio, mas por ser sábio. Assim, retoma a tranqüilidade, que force o natural de teu bom senso ao acidente de tua ira. Fomos informados que queres condenar Laureola à morte. Se a bondade não merece ser injustiçada, em verdade tu serias juiz injusto. Não queiras macular tua gloriosa fama com tal sentença, que, embora haja nela correção, antes serias, se o desses, infamado por pai cruel que elogiado por rei justiceiro. Acreditaste nas palavras de três maus homens. Por certo tanta razão havia para enjeitar a vida deles como para crer em seus testemunhos. Perceba que estão em tua corte mal infamados; concordam com toda a maldade, sempre se vangloriam das razões que sustentam e dos enganos que cometem. Assim, por que dás mais fé à informação deles que ao juízo de Deus, o qual no embate entre as armas de Pérsio e Leriano se mostrou claramente? Não sejas verdugo de teu próprio sangue, que serás entre os homens muito admoestado; não culpes a inocência por conselho do ódio.

E se parece que, pelas ditas razões, Laureola não pode ser salva, suplicamos, pelo que deves a tua virtude, pelo que obriga tua realeza e pelos serviços que havemos feito, que nos faça mercê da vida dela. E porque menos palavras bastariam, segundo tua clemência, para fazê-lo, não acrescentamos senão que penses quanto é melhor que perca tua ira que tua fama.

#### Resposta do Rei

Por bem aconselhado estivera de vós, se não soubesse ser tão necessário vingar as desonras como perdoar as culpas. Não era mister dizer-me as razões por que os poderosos devem receber conselho, pois aquelas e outras que deixastes de dizer tenho eu por conhecidas. Mas bem sabeis que quando o coração está embargado de paixão, estão fechados os ouvidos ao conselho. Em tal ocasião, as frutíferas palavras, em lugar de amansar, aumentam o ódio, porque reverdecem na memória a causa dela; porém digo que se eu estivesse livre de tal impedimento, creio que disponho e ordeno sabiamente a morte de Laureola, com a qual quero mostrar por causas justas, determinadas segundo honra e justiça.

Se o erro desta mulher ficasse sem castigo, eu não seria menos culpado que Leriano de minha desonra. Vindo a público que tal coisa perdoei, seria dos vizinhos desprezado e dos súditos desobedecido, e de todos mal estimado, podendo ser acusado de mal conservar a generosidade de meus antecessores; e tanto se estenderia esta culpa, se não fosse castigada, que poderia enrubescer a fama dos antepassados e a honra dos presentes e o sangue dos pósteros; pois somente uma mácula na linhagem basta para comprometer toda uma geração. Perdoando a Laureola, seria causa de outras maldades maiores que a reboque de meu perdão se fariam. Mais quero suscitar o medo por cruel que favorecer o atrevimento por piedoso; e serei estimado como convém e como os reis merecem.

Conforme o pendor da justiça, observem quantos argumentos há para que seja sentenciada. Bem sabeis que estabelecem nossas leis que a mulher que for acusada de tal pecado morra por ele, pois já veis quanto mais me convém ser chamado rei justo que piedoso. Eu seria muito conhecido se, em lugar de guardar a lei, a quebrasse, pois a si mesmo se condena quem ao que erra perdoa. Igualmente se deve guardar o direito, e o coração do juiz não se há de mover pelo favor nem amor nem cobiça, nem por nenhum outro acidente. Sendo reta, a justiça é louvada, e se é instável, criticada. Nunca se deve distorcê-la, porque de tantos bens é causa: mete medo aos maus, sustém os bons,

pacífica as diferenças, dissolve as querelas, escusa as contendas, media os debates, assegura os caminhos, honra os povos, favorece os pequenos, enfrenta os grandes. É para o bem comum em grande maneira muito proveitosa. Assim, para conservar tal bem e para que as leis se estabeleçam, justo é que em meus próprios assuntos seja aplicada.

Se desejais tanto a liberdade de Laureola e tanto sua bondade louvais, forneçais um testemunho de sua inocência como há três de sua culpa, e ela será perdoada com razão e louvada com verdade. Dizeis que deveria dar tanta fé ao juízo de Deus como ao testemunho dos homens; não vos espanteis de assim não fazê-lo, pois considero o testemunho por certo e o juízo acabado, uma vez que, embora Leriano tenha levado o melhor na batalha, podemos julgar o meio e não saber o fim. Não respondo a todas as observações de vosso discurso para não fazer muito largo processo e no final deixá-los sem esperança. Muito desejaria aceitar vosso rogo por vosso merecimento. Se não o faço, considerando-o por bem, é porque não menos deveis almejar a honra do pai que a salvação da filha.

### O Autor

A desesperança causada pela resposta do rei foi para os que a ouviam motivo de grave tristeza; e como eu, também entristecido, vi que aquele remédio me era contrário, busquei o que acreditava ser mais proveitoso: suplicar à rainha para que rogasse ao rei a salvação de Laureola. E dirigindo-me a ela com essa decisão, como aquela que tanto participava da dor da filha, encontrei-a numa sala, pois vinha saber o que eu desejava dizer-lhe, acompanhada de muitas e generosas consortes e damas de companhia, cuja autoridade bastava para alcançar qualquer coisa, por injusta e grave que fosse; quanto mais aquela, que não com menos razão o rei deveria acatar, se a rainha pedisse. Ela, com os joelhos ao chão, disse ao rei palavras assim tão sábias para culpar-lhe como tão piedosas para amansá-lo.

Mencionava a moderação que convém aos reis; repreendia-lhe a persistência de sua ira; recordava-lhe que era pai; falava-lhe razões tão discretas para ouvir como dolorosas para sentir; suplicava-lhe que se de tão cruel juízo dispusesse, deixaria Laureola tão mais digna da vida, querendo satisfazer-se com matá-la e ocupando muitos de seus dias; provava-lhe que a morte da inocente extinguiria a fama do juiz, o viver da prisioneira e os bens daquela que diante dele suplicava. Mas tão endurecido estava o rei em seu propósito que não o demoveram nem as razões que ela proferiu, muito menos as lágrimas que derramou. E assim voltou a sua câmara com pouca força para chorar e menos ainda para viver.

Percebendo que a rainha não encontrava mercê no rei, cheguei a ele desesperado, sem temer seu ódio, e disse-lhe – para que desse sua sentença com reta justiça – que Leriano nomearia uma pessoa que desafiasse as três falsas testemunhas, o que ele por si mesmo faria, embora diminuísse seu merecer, para que Deus mostrasse como justamente deveria agir. Respondeu-me que deixasse de mencionar os assuntos de Leriano, pois só em ouvir nome dele lhe crescia o rancor.

Voltando à rainha, como soube que para a vida de Laureola não havia remédio, dirigiu-se à prisão onde ela estava e beijando-a diversas vezes dizia tais palavras:

### A Rainha a Laureola

Ó bondade acusada com malícia! Ó virtude sentenciada com ódio! Ó filha nascida para a dor de sua mãe! Tu serás morta sem justiça e de mim chorada com razão! Mais poder houve em tua sina para condenar-te que tua inocência para fazer-te inocente. Viverei sentindo a tua falta e em companhia do padecer que em teu lugar deixas, o qual, por compaixão, vendo-me ficar sozinha, por consorte me deste. Com a tua sentença acabarão duas vidas: a tua sem causa e a minha por direito; e o que viverei depois de ti me será maior morte do que a que receberás, porque muito mais atormenta desejá-la que padecê-la. Agradeceria a Deus que fosses chamada filha de uma mãe que morreu e não da que te viu morrer. Das gentes serás chorada enquanto o mundo durar. Todos os que de ti tinham notícia haviam por pequena coisa este Reino que haverias de herdar, segundo o que merecias. Pudeste caber na ira de teu pai, e dizem os que te conhecem que não caberia em toda a terra o teu merecer. Os cegos desejavam a visão para te ver e os mudos o falar para louvar-te e os pobres riquezas para servir-te. A todos era agradável e a Pérsio foste odiosa. Se mais algum tempo eu viver, ele receberá de suas ações a justa recompensa, e embora não me restem forças para outra coisa senão para desejar morrer, para vingar-me dele tomá-las-ei emprestadas da inimizade que lhe tenho, conquanto isto não me satisfaça, porque não poderá curar a dor da mácula a execução da vingança.

Ó filha minha! Por que, se a honestidade é prova de virtude, não deu o rei mais crédito a tua presença que aos falsos testemunhos? Nas palavras, nas atitudes, nos pensamentos, sempre mostraste coração virtuoso. Assim, por que consente Deus que morras? Não encontro por certo outra coisa senão que pode mais a mansidão de meus pecados que o merecimento de tua sinceridade, e quis que meus erros compreendessem tua inocência. Põe, filha minha, o coração no céu; que não te doa deixar o que se acaba pelo que permanece. Queira o Senhor que padeças como mártir para que sejas feliz como bem-aventurada. De mim, não tenhas esperança, se fosse suficiente ir onde tu fores, sem tardança eu te tiraria daqui. Que lástima tão cruel para mim que tantos suplicaram ao rei por tua vida e não puderam todos defendê-la e poderá um punhal acabá-la, o qual deixará o pai com a culpa e a mãe com a dor e a filha sem a vida e o Reino sem herdeira!

Detenho-me tanto contigo, luz minha, e digo palavras tão lastimosas que te devoram o coração, porque desejo que morras em poder da dor para não te ver morrer na do verdugo por justiça, o qual, embora derrame teu sangue, não terá as mãos tão cruéis como o rei a condição. Como não se cumpre meu desejo, antes que me vá, receba os últimos beijos de tua piedosa mãe, e assim eu me ausento de teu olhar e de tua vida e de mais querer a minha própria.

### O Autor

Quando a rainha acabou seu discurso, não quis esperar a resposta da inocente para não padecer em dobro a tristeza; e assim ela e as senhoras de quem foi acompanhada se despediram com o maior pranto de todos os que no mundo são feitos. E depois que foi embora, enviei a Laureola um mensageiro, suplicando para que escrevesse ao rei, pois acreditava que haveria mais força em suas piedosas palavras que nas petições de quem havia trabalhado por sua liberdade, o que logo coloquei em marcha com maior comoção que esperança. A carta dizia nesta maneira:

### Carta de Laureola ao Rei

Pai, soube que me sentencias à morte e que se cumprirá daqui a três dias o término de minha vida. Até onde sei, os inocentes devem temer não menos a sorte que os culpados a lei, pois minha sorte me tem em semelhante estreiteza que me pudera atribuir a culpa que não tenho, a qual conhecerias se o ódio te deixasse enxergar a verdade.

Bem conheces a virtude que as crônicas passadas publicam dos reis e rainhas de quem eu procedo. Por que, sendo eu nascida de tal sangue, acreditaste mais nas falsas mentiras que na natural bondade? Se te agradas matar-me por vontade, obra o que por justiça não tens, porque a morte que tu me deres, embora por causa de temor a recuse, por razão de obedecer a consinto, havendo por melhor morrer em tua obediência que viver em teu desamor. Porém, ainda, suplico que, primeiro, recordes que é preciso certeza, porque, como Deus é verdade, nunca fiz coisa para que merecesse castigo. Mas declaro, Senhor, que agindo assim, tão conveniente é a piedade de pai como o rigor de justo. Sem dúvida, eu desejo tanto minha vida pelo que a ti toca como pelo que a mim cumpre, pois de qualquer forma sou tua filha. Atenta, Senhor, que quem age com crueldade seu próprio perigo procura; mais seguro de cair estarás sendo amado pela clemência que temido pela crueldade. Quem querer ser temido, forçado é que tema. Os reis cruéis de todos os homens são desamados; e estes, às vezes, procurando com o que se vinguem, encontram a perdição. Os súditos de tais senhores mais desejam a mudança dos tempos que a conservação de seu estado; os inocentes temem sua própria condição e os maus sua justiça; seus próprios familiares contra eles tramam e procuram sua morte, usando o que deles aprenderam.

Digo, Senhor, tudo isso porque desejo que se sustente tua honra e tua vida. Má esperança terão os teus em ti, vendo-te contra mim; aos que temem darás em exemplo qualquer ousadia, pois quem não está seguro nunca assegura. Ó quanto estão livres de semelhantes ocasiões os príncipes em cujo coração está a clemência! Se por eles convém que morram seus naturais, com vontade se põem por sua salvação ao perigo; velando-lhes de noite, guardando-lhes de dia. Mais esperança tem os benignos e piedosos reis no amor das gentes que na força dos muros de suas fortalezas. Quando saem à praça, os que mais tarde os bem-dizem e louvam mais cedo pensa que erra. Pois reconheça, Senhor, o dano que a crueldade causa e o proveito que a mansidão procura; e se ainda parecer melhor seguir a opinião de teu ódio do que a de seus conselheiros, mal-aventurada seja a filha que nasceu para pôr em suspeita a vida de seu pai, uma vez que suscitarás o escândalo com tão cruel ação. Ninguém confiará em ti nem tu em ninguém deves confiar, para que com tua morte não procure ninguém a segurança. E o que mais lamento sobretudo é que darás contra mim a sentença e farás de tua memória a justiça, a qual será sempre lembrada mais pela causa dela que por ela mesma. Meu sangue ocupará pouco lugar, mas a tua crueldade toda a Terra. Tu serás acusado de pai cruel e eu serei chamada filha inocente. Deus é justo e Ele esclarecerá toda a verdade. Assim ficarei livre de culpa depois que houver recebido o castigo.

#### O Autor

Depois que Laureola acabou de escrever, enviou a carta ao rei através de um daqueles que lhe vigiavam; e tão amada era daquele e de todos os outros guardas, que lhe dariam liberdade se fossem tão obrigados a ser tão piedosos quanto leais. Quando o rei recebeu a carta, depois de havê-la lido ordenou muito irritado que ao mensageiro que a tirassem diante dele. Vendo essa cena, comecei de novo a mal-dizer minha sorte. O



meu tormento era tão grande que chegou a ocupar o coração de dor, mas não a memória para esquecer o que convinha fazer. E no mesmo instante, porque havia mais tempo para o castigo que para o remédio, falei com Gálio, tio de Laureola, – como estou dizendo – e disse-lhe como Leriano queria tirá-la à força da prisão; por isso, suplicava que mandasse juntar alguns soldados para que, resgatada da prisão, a tomasse em seu poder e a pusesse à salvo, porque se ele consigo a levasse poderia dar lugar ao testemunho dos maus homens e a acusação de Pérsio. Como não lhe fosse menos querida que a rainha a morte de Laureola, respondeu que aceitava o que eu dizia; e como sua vontade e meu desejo estavam em conformidade, dei pressa a minha partida antes que a notícia se espalhasse, a qual pus logo em ação.

Ao chegar onde Leriano estava, dei-lhe conta do que fiz e do pouco que consegui; e depois de falar, entreguei-lhe a carta de Laureola, com a compaixão das palavras dela e com o pensamento do que esperava fazer, trazia tanta revolta no coração que não sabia o que responder. Chorava de lástima, não sossegava de rancoroso, desconfiava segundo sua sorte, esperava segundo sua justiça. Quando pensava em libertar Laureola, alegrava-se; quando duvidava se o poderia fazer, emudecia. Finalmente, dirimidas as dúvidas, ao saber a resposta que Gálio me deu, começou a prover o que para o assunto cumpria. Como homem prevenido, enquanto eu estava na corte juntou quinhentos homens de armas sem que nem seus familiares, nem ninguém soubesse. O qual arranjou com discreta consideração, porque se com seus aliados se comunicasse, uns, para não desonrar ao rei, diriam que era mal o que fazia, e outros, por assegurar sua riqueza, que o devia deixar, e outros, ainda, por ser o caso perigoso, que não o devia empreender.

A despeito desses inconvenientes e porque por ali poder-se-ia saber o que tramava, quis atacá-lo somente com seus soldados. E restando apenas um dia para a sentença de Laureola, a noite anterior juntou todos os seus cavaleiros e disse-lhes o quanto eram mais obrigados os bons a temer a vergonha que o perigo. Ali, lembrou como pelas proezas que realizaram vivia a fama dos heróis do passado; rogou que por cobiça da glória dos virtuosos não se preocupassem com os vivos; trouxe à memória o prêmio de bem morrer; e mostrou quanto era loucura temê-lo não podendo desculpá-lo. Prometeu muitas recompensas; e depois de fazer um longo preâmbulo, disse para que os havia convocado, os quais a uma só voz juraram morrer por ele.

Assim reconhecendo Leriano a lealdade dos seus soldados, julgou-se por bem acompanhado e dispôs sua partida ao anoitecer. Ao chegar a um vale perto da cidade, esteve ali em emboscada toda a noite, onde deu forma no que havia de fazer. Ordenou a um capitão que, com cem homens de armas, fosse à pousada de Pérsio e que matasse a ele e a quantos em sua defesa se pusessem. Ordenou também que outros dois capitães estivessem cada um com cinquenta cavaleiros a pé em duas ruas principais que saíam da prisão, aos quais mandou que tivessem o rosto contra a cidade, e que a quantos viessem, defendessem a entrada da prisão, enquanto que ele com os trezentos que restavam trabalharia para libertar a Laureola. E ao que deu encargo de matar a Pérsio disse que, em terminando, se fosse juntar a ele. Planejava começar a proeza ao amanhecer. Havia de sair ao ataque prontamente. Para que os cavaleiros não recebessem dano, ordenou que aquele mesmo lugar-tenente e os que foram com ele se adiantassem à emboscada e dessem de frente com os inimigos. Nesse ínterim, os outros, com a proteção de cinquenta homens a pé, tomariam os cavalos. Depois de combinado tudo isso, começou a amanhecer. Ao se abrirem os portões, avançou com seus soldados e ao entrarem todos dentro da cidade, cada um teve por encargo o que havia de fazer.

O capitão que foi dar combate a Pérsio, vencendo a quantos topava, não parou até que o encontrou, justamente quando se começava a armar, onde muito cruelmente

suas maldades e sua vida acabaram. Leriano, que foi à prisão, acrescentando ao ódio a virtude da coragem, tão duramente pelejou com os guardas que não se passaria adiante senão por cima dos mortos que ele e os seus derrubavam. E como nos perigos mais a bondade se acrescenta por força das armas, chegou até onde estava Laureola, a qual libertou com tanto acatamento e cerimônia como em ocasião segura o pudesse fazer; e de joelhos ao chão, beijou-lhe as mãos como filha de seu rei.

Estava ela, pela fresca comoção, tão sem força que mal podia caminhar: desmaiava-lhe o coração, falecia-lhe a cor, nenhuma parte viva tinha. Depois que Leriano a libertou da desditosa prisão, que tão bem mereceu tomar, encontrou a Gálio com um batalhão de gente que a estava esperando e em presença de todas as gentes a entregou. E como ainda seus cavaleiros pelejavam com os que ainda de rompante vinham, colocou-a num estrado que Gálio tinha adornado, e depois de beijar-lhe as mãos outra vez, foi ajudar e socorrer sua gente, voltando sempre a ela os olhos até que da vista a perdeu; ela foi conduzida, sem nenhum obstáculo, por seu tio a Dala, a referida fortaleza.

Voltando a Leriano, o alvoroço chegou aos ouvidos do rei, que convocou os homens às armas e, ao soar das trombetas e dos tambores, armou-se toda a gente cortesã e da cidade. Como a ocasião demandava que Leriano se mostrasse ao campo de batalha, começou, estando sempre à vanguarda, a combater as tropas régias, animando os seus com palavras de incentivo, porém, a despeito de sua muita firmeza de coração, sofria muitas baixas por causa da multidão de inimigos. E por guardar a maneira honesta que requer à retirada, ia ordenando com menos pressa que o caso pedia; assim, perdendo alguns dos seus e matando a muitos do inimigo, chegou onde deixara os cavalos. Sem receber revés nem ameaça de perigo, ele e todos os seus cavaleiros se puseram em marcha, o que por sorte não faria se antes não houvesse tomado as precauções necessárias.

Postos todos – como se disse – a cavalo, colocou à frente a infantaria e seguiu o caminho de Susa, de onde havia partido. E como se aproximavam três batalhões do rei, ordenou que apertassem o passo com tal disciplina e ordem, que ganhava tanta honra na retirada como no ataque. Ia sempre para as últimas fileiras fazendo voltas quando a ocasião pedia, não só para entreter os inimigos, mas também para conduzir suas hostes em mais segurança. Enfim, não restando senão duas léguas – como se diz –, até Susa, pôde chegar sem perder nenhum dos seus – proeza de grande espanto –, porque com cinco mil homens de armas vinha o rei em seu encalço, o qual, muito incendiado na coragem, ergueu naquele momento um cerco sobre o lugar com propósito de não se levantar dali até que dele tomasse vingança. Leriano, ao ver que o rei assentava acampamento, repartiu seus soldados por estâncias, segundo sábio guerreiro. Onde estava o muro mais fraco, punha os mais ávidos cavaleiros; donde havia meios para dar combate ao acampamento régio, punha os mais ligeiros; onde via mais chances de invasão inimiga por traição ou engano, punha os mais fiéis; em tudo provinha como sábio e em tudo ousava como varão.

O rei, como aquele que pensava levar o combate até o fim, mandou fortalecer o acampamento e aumentar as provisões; ordenadas todas as coisas que cumpriam às hostes, mandou aproximar os batalhões do muro do vilarejo, o qual guarneceu de muito boa gente, e parecendo-lhe, segundo acicatava o ódio, grande tardança esperar vencer Leriano pela fome, embora fosse o vilarejo muito forte, concordou em invadi-lo, o qual provou com tão bravo coração o mister de haver nesse assalto muito de esforço e de diligência. Andava à frente com cem cavaleiros que para aquilo tinha convocado: onde via fraqueza, incentivava; onde via coragem, elogiava; onde via algo mal guarnecido, provinha. Concluindo, porque já me alongo, o rei ordenou a retirada do combate com

perda de grande parte de seus cavaleiros, em especial dos jovens da corte, que sempre procuram o perigo por glória. Leriano foi ferido no rosto, e não menos perdeu muitos homens valorosos.

Passado assim este combate, o rei voltou à carga outras cinco vezes em espaço de três meses, de maneira que faltavam já duas partes de sua gente, o que colocava em dúvida a execução de seu intento, embora nem no rosto nem nas palavras nem nas ações ninguém poderia suspeitar, porque no coração do general se esforçam seus comandados. Finalmente, como Leriano soube que outra vez o rei se atirava ao combate, para pôr ânimo aos que lhe restavam, fez um discurso nesta forma:

#### Leriano a seus cavaleiros

Em verdade, cavaleiros, se vós fosseis poucos em número, então não serieis muitos em fortaleza, segundo nossa má sorte. Porém, como é mais estimada a vossa virtude que a multidão de gente, antes receio a necessidade de sorte que de cavaleiros, e com esta consideração somente em vós tenho esperança; pois é posta em vossas mãos a nossa salvação, tanto por sustentação da vida como por aumento da fama nos convém pelejar. Agora se nos oferece causa para deixar a bondade que herdamos aos que hão de vir, que mal-aventurados seríamos se por fraqueza em nós mesmos se acabasse essa herança. Assim pelejais para que livres de vergonha vosso sangue e meu nome. Hoje se acaba ou se confirma nossa honra. Saibamos defender e não envergonhar, que muitos maiores são as recompensas das vitórias que as ocasiões de perigo.

Esta penosa existência que vivemos não sei por que se deva muito querer, que é breve nos dias e larga nos trabalhos, a qual nem por temor se acrescenta nem por ousar se encurta, pois quando nascemos se limita seu tempo; por onde é escusado o medo e necessária a ousadia. Não nos pode nossa sorte pôr em melhor estado que na esperança de honrada morte ou gloriosa fama. A cobiça de louvor e a avareza de honra apagam outras proezas maiores que a nossa. Não temamos os grandes reforços que chegaram ao acampamento régio, pois nas dramáticas afrontas aqueles em menor número se multiplicam; aos simples espanta a multidão de muitos e aos sábios esforça a virtude dos poucos. Grandes virtudes temos para ousar: a bondade nos obriga, a justiça nos impele, a necessidade nos premia. Não há coisa por que devamos temer e há mil para que devamos morrer.

Todos os argumentos, leais cavaleiros, que vos disse, eram escusados para crescer-lhes a fortaleza, pois com ela nascestes; mas quis falar porque em todo tempo o coração se deve ocupar em nobreza – nas proezas com as armas, na solidão com os pensamentos, em companhia com as palavras, como agora fazemos, e não menos porque recebo igual glória com a vontade amorosa que mostrais como com as bravas ações que fazeis. E porque me parece – segundo se desenha o combate –, que somos constrangidos a deixar com as ações as conversas, cada um se posicione em sua fileira.

#### O Autor

Com tanta constância de ânimo foi a resposta dos cavaleiros a Leriano que ele se achou ditoso por encontrar-se à altura deles; e porque já se aproximava o momento, foi ordenado que cada um fosse defender a parte que lhe cabia. Pouco depois que chegaram, ouviram soar no acampamento régio os atabaques e as trombetas e em pequeno espaço estavam juntos ao muro cinqüenta mil homens, os quais com muito

vigor deram início ao combate, onde Leriano teve oportunidade de mostrar sua virtude, e, segundo os de dentro defendiam, acreditava o rei que ninguém deles faltava.

Durou o combate desde o meio-dia até à noite, quando se dispersaram. Foram feridos e mortos três mil dos soldados do rei e tantos outros dos de Leriano, que de todos os seus não lhe havia restado senão cento e cinqüenta, e em seu rosto – pelo esforço –, não mostrava haver perdido nenhum, e em seu sentimento – pela paixão – parecia que todos lhe haviam saído da alma. Esteve toda aquela noite inteirando-se dos mortos e louvando os vivos, não dando menos glória aos que sepultava do que aos que via. E no outro dia, ao amanhecer, ao tempo em que se rendem os guardas, concordou que cinqüenta dos seus dessem combate a uma hoste que um parente de Pérsio posicionara perto do muro, para que o rei não pensasse que lhe faltava coração ou soldados; e fez com tão firme ousadia que, desbaratada a hoste, mataram muitos dos defensores dela.

E como já Deus tivesse por bem que a verdade daquela pendenga se esclarecesse, foi preso naquele ataque um dos traidores que condenaram a Laureola, e posto em poder de Leriano, mandou que todas as maneiras de tortura fossem aplicadas nele, até que dissesse por que declarou falso testemunho, o qual sem nada hesitar confessou como tudo se passara. E depois que Leriano se informou da verdade, enviou-lhe ao rei, suplicando que salvasse a Laureola da culpa e que mandasse justiciar aquele e aos outros que de tanto mal haviam sido a causa. O rei, ao saber a verdade, acatou com alegre vontade por justa razão que para tal ele requeria. E para não deter-me nas prolixidades que neste caso passaram, dos três falsos homens se fez tanta justiça como fizeram de maldade.

O cerco foi logo levantado e o rei teve a sua filha por livre e a Leriano por desculpado, e ao chegar a Suria, enviou a Laureola todos os grandes de sua corte, os quais se apresentaram devidamente paramentados, conforme a honra do merecimento dela. Foi recebida pelo rei e pela rainha com tanto amor e lágrimas de júbilo como se haviam derramado de dor. O rei se desculpava, a rainha a beijava, todos a serviam, e assim se recuperavam com esfuziante alegria pela dor que passaram.

A Leriano mandou o rei que não entrasse por agora na corte até que pacificasse a ele e aos parentes de Pérsio, o que recebeu com constrangimento, pois não poderia ver Laureola; e não podendo fazer outra coisa, ficou inquieto. E ao ver-se distante dela, terminadas as operações de guerra, voltou-se à ânsia da paixão; e desejoso de saber em que lugar estava Laureola, rogou-me que fosse suplicar que desse alguma forma honesta para que a pudesse ver e falar. Tanto desejava Leriano guardar sua honestidade que nunca pensou em falar às escondidas para que suspeita alguma sobre ela pudesse recair, embora ele fosse merecedor de suas mercês.

Eu, que com prazer cumpria sua vontade, parti-me para Suria. Ao chegar lá, depois de beijar as mãos de Laureola, supliquei o que me mandara. Ela respondeu que em nenhuma maneira o faria, por muitas causas que me deu; porém eu, não estando contente com aquela resposta, todas as vezes que a via, lhe suplicava. Para concluir, respondeu-me enfim que não falasse mais naquilo, pois a desmesura recairia sobre mim.

Ao ver a sua irritação e seu modo de responder, fui a Leriano com grave tristeza, e quando lhe disse que de novo começava sua desventura, não escondeu que estava a ponto de desespearar. Ao vê-lo assim, para entreter-lhe, disse que escrevesse a Laureola, lembrando o que havia feito por ela e estranhando sua mudança. Assim se pôs imediatamente a escrever-lhe.

Antes, disse que certamente concordava comigo, mas que não tinha de lembrar o que havia feito por ela, pois aquilo não era nada, segundo o que ela merecia, e também porque era coisa de homens baixos cobrar o que fizeram; e não menos me disse que

nenhuma memória lhe faria da recompensa recebida, porque é proibido pelas leis do amor escrever exigindo satisfações pelo prometido, e pelo perigo que pode recrescer se a carta for interceptada. Entretanto, sem pensar nisso, escreveu a Laureola os seguintes argumentos:

#### Carta de Lariano a Laureola

Laureola, segundo tua virtuosa piedade, tu bem sabes de minha paixão e não posso crer que sem alguma causa a consintas, pois não peço coisa que tua honra enlameie nem a ti agrave. Se queres meu mal, por que duvidas? Pela sem-razão morro, sabendo tu que me ocupa o coração uma grande dor, que se pode sentir, mas não mostrar. Se consideras por bem, ao pensar que me satisfazes somente com este padecer que me causas, então basta apenas a ti concedê-lo, pois este seria o maior bem que posso esperar e com justiça procederias se o desses como recompensa. Infeliz de mim!, pois foi tua formosura que a causou, porém é a tua vontade que não me faz mercê. Se o consentes, julgando-me ingrato, porque não me contento com o bem que me fizeste e em dar-me causa de tão ufano pensamento, não me culpes, pois, embora a vontade se satisfaça, o sentimento a contradiz. Se te incomodas porque nunca te prestei serviço, é porque não pude desempenhá-lo à altura que mereces.

Quando considero todas estas coisas e outras muitas, concluo que me deixas de fazer o que suplico porque almejei a algo que não posso merecer. Isto, eu não nego, porém me atrevi pensando que me farias mercê, não segundo quem a pedia, mas segundo tu, que a havias de dar. E também pensei que me ajudariam a virtude e a compaixão e a piedade, porque estão de acordo com a tua condição. Quando os que com os poderosos negociam para alcançar graças, primeiro ganham as vontades de seus familiares. E parece-me que em nada encontrei remédio; busquei pessoas para intervir junto a ti e encontrei-os por certo leais e firmes. Todos suplicam que me faças mercê: a alma pelo que sofre, a vida pelo que padece, o coração pelo que passa, o sentido pelo que sente. Assim não negues recompensa a tantos que com ânsia pedem e com razão merecem. Eu sou o mais infeliz dos mais infelizes. As águas reverdecem a terra, mas minhas lágrimas nunca a tua esperança, que bem cabe nos campos e nas ervas e nas árvores, mas não podem caber em teu coração.

Desesperado estaria pelo que sinto, se alguma vez me encontrasse sozinho; porém como sempre me acompanham o pensamento que me dás e o desejo que me ordenas e a contemplação que causas, considerando o que deve fazer, consola-me, percebendo que estou em toda a parte em tua companhia; de maneira que quem causa minhas atribulações me impede de cair em desespero. Se ainda te agradas que eu morra, faz-me saber, que grande bem farás a vida, pois não será infeliz de todo: primeiro, se passou em inocência e, depois, de conhecimento em dor. Ao fim, ao menos, será em descanso, porque tu assim desejas, porque se ver não me queres, será forçada a concordar comigo.

#### O Autor

Com muita dor recebeu Laureola a carta de Lariano, e para se despedir dele honestamente respondeu desta maneira, com determinação de jamais receber notícia sua:

### Carta de Laureola a Leriano

O pesar de teus males seria a satisfação deles mesmos, se tu mesmo acreditasses o quanto é grande; e dele somente tomarias por recompensa sem que outra coisa pedisses, embora fosse pouca a retribuição, segundo o que tu tens merecido. Eu te pagaria como devo, se isto dependesse de minhas riquezas, mas nunca de minha honra.

Não responderei a todos os argumentos de tua carta, porque em saber que te escrevo me foge o sangue do coração e a razão do juízo. Nenhuma causa a que referes me faz consentir em teu mal, senão somente minha bondade, porque certamente não duvido dele nem da situação extrema a que chegaste, que são testemunhos do que sofres. Dizes que nunca me prestaste serviço: o que por mim hás feito me obriga a nunca esquecê-lo e sempre desejar satisfazê-lo, não segundo teu desejo, mas segundo minha honestidade. A virtude e a piedade e a compaixão que pensaste que ajudariam para comigo, embora estejam de acordo com a minha condição, neste caso, são inimigas de minha fama e por isso as encontraste contrárias.

Quando estava presa, salvaste minha vida e agora que estou livre queres condená-la. Pois se tanto me queres, antes deverias cultivar a tua dor com minha honra que teu remédio com minha culpa. Não creias que tão cordialmente vivem as gentes, que, ao saber o que te falei, julgassem nossas sinceras intenções, porque vivemos numa época tão má que antes se afeia a bondade que se louva a virtude. Assim é escusada tua demanda, porque nenhuma esperança encontrarás nela, embora tu prefiras a morte, que dizes que vem te receber, e a crueldade honesta à piedade culpada.

Dirás, ouvindo tal desesperança, que sou instável, porque comecei a fazer mercê em escrever e agora decido de não remediar-te. Bem sabes tu quão corretamente procedi, embora não conforme o que tu desejaste, pois tão conveniente é a mudança nas coisas danosas como a firmeza nas honestas.

Muito rogo que te esforces como valente e te remedies como discreto. Não ponhas em perigo tua vida e em suspeita minha honra – pois tanto a desejas –, que dir-se-á, quando tu morreres, que recompenso os serviços tirando a vida. Se o rei vier a saber disso, pensará o contrário. Terás do Reino toda a parte que quiseres: crescerá tua honra, dobrará tua renda, subirá de estado, nenhuma coisa ordenarás que te seja negada. Dessa forma, vivendo, causarás que me julguem agradecida e morrendo que me tenham por pouco nobre. Embora por outra coisa não te esforçasses senão pelo cuidado que tua dor me dá, assim tu deverias fazê-lo.

Nada mais quero dizer para que não digas que me pedes esperança e te dou um aviso. Peça a Deus que seja justo o teu pedido, para que percebas que tanto te aconselho em uns, como te satisfaço no outro. E assim despeço-me para nunca mais, daqui em diante, te responder nem te ouvir.

### O Autor

Quando Laureola acabou de escrever, disse-me com firme decisão que aquela era a última vez que eu aparecia em sua presença, porque já de nossas relações corria muita suspeita e porque em minhas visitas havia mais perigos para ela que esperança para meu intento. Ao ver sua determinada vontade, parecendo que minha insistência deixaria sobrar algum sofrimento para mim e, não, remédio para Leriano, despedi-me dela com mais lágrimas que palavras e, depois de beijar-lhe as mãos, saí do palácio com um nó na garganta, pensando em me afogar para sufocar a dor que tinha.

E já fora da cidade, como me vi sozinho, tão desbragadamente comecei a chorar que de gritar não me podia conter. Por certo, eu tivera por melhor cair morto em Macedônia que voltar vivo a Castela, o que desejava com razão, pois a má sorte se acaba com a morte e se acrescenta com a vida. Nunca por todo o caminho me faltaram suspiros e gemidos, e quando cheguei a Leriano dei-lhe a carta, e quando ele acabou de lê-la, disse-lhe que nem se esforçasse, nem se alegrasse, nem recebesse consolo, pois tanta razão havia para que devesse morrer. Respondeu que não mais me teria por conselheiro, porque iria buscar conselho em si próprio; e com a voz e as faces lívidas começou a condoer-se.

Nem culpava sua fraqueza nem se envergonhava por seu desfalecimento: tudo o que podia acabar sua vida louvava, mostrava-se amigo do sofrer, recreava-se com os tormentos, amava as tristezas; chamava-os seus bens por serem mensageiros de Laureola; e para que fossem tratados segundo a dignidade de onde vinham, abrigou-os no coração, festejou-os com o sentimento, combinando-os com a memória. Rogava-lhes que acabassem rápido o que vinham fazer para que Laureola fosse servida. E desconfiado que não teria nenhum bem nem esperança, acometido de dores lancinantes, não podendo ficar em pé nem raciocinar, houve de deitar-se na cama, de onde nem quis comer, nem beber, nem ajudar-se de coisas das que se sustém a vida, chamando-se sempre bem-aventurado porque era chegado o tempo de fazer serviço a Lauréola, poupando-a de incômodos.

Como pela corte e por todo o Reino se tornava público que Leriano se deixava morrer, iam visitá-lo todos os seus amigos e parentes; e para desviar-lhe de seu propósito, mencionavam todas as coisas que pensavam de proveito. E como aquela enfermidade se havia de curar com sábias razões, cada um aguçava-lhe o bom senso o melhor que podia. E como um cavaleiro chamado Tefeo fosse amigo de Leriano, vendo que seu mal era de enamorada paixão, e posto que quem a causava ninguém o sabia, disse-lhe os infinitos males das mulheres; e para favorecer seu discurso trouxe todas as razões que em difamação delas pôde pensar, acreditando que por ali poderia lhe restituir à vida. Leriano, ao ouvir, lembrava que Laureola era mulher e admoestou muito a Tefeo porque tal coisa falava. E embora a sua disposição não lhe consentisse muito falar, esforçando a língua com a paixão do ódio, começou a contradizer-lhe desta maneira:

#### Leriano contra Tefeo e todos os que dizem mal das mulheres

Tefeo, para que recebas o castigo que merece teu crime, qualquer homem que tivesse menos amor te havias de contradizer. Meus argumentos mais servirão de exemplo para que cales que castigo para que sofras. Não seguiria a condição de verdadeira amizade, como deve ser, se eu não demonstrasse por lúcidas razões teu engano, pois em qualquer outro lugar tu ficarias sem a língua, se agisses como aqui háis feito. Assim que será mais proveitoso emendar-te por minha contradição que envergonhar-te por tua perseverança.

O objetivo de teu discurso foi ser amigo sincero, embora, como podes observar, muito me incomodou porque aborreceste a que me deixou assim, falando mal de todas as mulheres. Tu acreditavas com certeza que a tua intenção era socorrer-me, buscando o remédio, pelo mesmo caminho da causa de meus males, porém tanto me machucaste com tuas feias palavras, por ser mulher quem me faz sofrer, que de ódio de te haver dado ouvidos viverei menos do que acreditas. Para ressaltar, afirmo todo o bem que recebi, pois melhor é morrer de uma dor tão apaixonada que sustê-la ainda mais. Assim me trouxeste alívio para o padecer e doce descanso para findar, então que as minhas

últimas palavras sejam em louvor das mulheres, e para que acredites em minha lealdade e se engrandeça a que teve merecer para causá-la, mas não vontade para satisfazê-la.

E dando início a decisão que tomei, quero mostrar quinze causas por que erram os que nesta pátria as criticam, e vinte razões por que nós homens somos a elas obrigados, e diversos exemplos de sua bondade.

Do primeiro, que é proceder pelas causas que fazem erro os que as maltratam, afirmo a primeira razão pelo seguinte argumento: todas as coisas feitas pela mão de Deus são necessariamente boas e que, segundo o agente, hão de ser as obras. Ora, sendo as mulheres suas criaturas, não somente a elas ofende quem as critica, mas blasfema das obras do mesmo Deus.

A segunda causa é porque diante Dele e dos homens não há pecado mais abominável nem mais grave de perdoar que a ignorância. Ora, qual pode ser o maior erro que desconhecer o bem que por Nossa Senhora nos veio e nos vem? Ela nos livra da dor e nos fez merecer a glória, ela nos salva, ela nos sustém, ela nos defende, ela nos guia, ela nos ilumina. Por ela, que foi mulher, merecem todas as outras a coroa do louvor.

A terceira é porque a todo homem é proibido, segundo a virtude, mostrar-se forte contra o fraco, que se por ventura os que contra elas discursam pudessem receber a resposta através de golpes, poderia ser que tivessem menos liberdade na língua.

A quarta é porque não pode ninguém dizer mal delas sem que a si mesmo se desonre, porque foi criado e gestado em entranhas de mulher e é de sua mesma substância. E, depois disso, pelo acatamento e pela reverência que os filhos devem às mães.

A quinta é pela desobediência a Deus, que ordenou em suas palavras que o pai e a mãe fossem honrados e reverenciados, por isso os que agem contrariamente com as outras merecem castigo.

A sexta é porque todo nobre é obrigado a ocupar-se em atos virtuosos, assim nas ações como nas palavras. Ora, se as palavras torpes desdouram a nobreza, muito a perigo de infâmia tem a honra os que em tais conversas gastam sua vida.

A sétima é porque quando se estabeleceu a cavalaria, entre os ditames que eram ordenados respeitar o que se armava cavaleiro era aquele em que às mulheres deve-se guardar toda reverência e honestidade. Daí que se conclui que quem quebra a lei da nobreza é porque agiu ao contrário dela.

A oitava é não pôr a perigo a honra: os antigos nobres com muita sutileza recompensavam as ações bondosas, considerando-as de maior proveito, e as tinham em tão grande honra que mais nada recebavam do que deixar aos pósteros à memória da infâmia. O que não me parece que guardam os que antepõem a deslealdade à virtude, emporcalhando a sua fama com sua língua, pois a todos se julga no que dizem com as palavras.

A nona e muito principal é pela condenação da alma: todas as nossas coisas podem servir para o nosso próprio usufruto, porém a fama que se adquire pelo roubo tem duvidosa satisfação; e isto é o que mais largamente determina nossa fé.

A décima é por escusar inimizade: os que em ofensa das mulheres gastam o tempo, fazem-se inimigos delas e não menos dos virtuosos, pois como a virtude e a desmesura se diferenciam em propriedade, elas não podem estar em harmonia.

A undécima é pelos danos que de tal ato malicioso recresce: como as palavras têm licença de chegar aos ouvidos rudes tanto quanto aos discretos, ouvindo os que pouco alcançam em saber as ditas fealdades acerca das mulheres, arrependidos de se haver casado, dão-lhes má vida ou as abandonam ou, pior, as matam.



A duodécima é pelas murmurações que muito se devem temer, sendo um homem infamado por murmurador será mal falado nas praças e nas casas e nos campos e onde quer que seja condenado o seu vício.

A décima terceira é pela razão do perigo: quando os maledicentes são considerados como tais são também odiados; as gentes e os homens lhes são contrários; e alguns para satisfazer as suas amigas, embora elas não o peçam nem o queiram, põem as mãos no que em todas põem a língua.

A décima quarta é pela formosura que elas possuem: que é de tanta excelência que, embora coubessem nelas todas as infâmias que os maledicentes as acusam, mais há numa que louvar com verdade do que em todas que criticar com malícia.

A décima quinta é pelas grandes coisas de que não são causa: delas, nasceram homens virtuosos que fizeram façanhas de digno louvor. Delas, procederam os sábios que alcançaram conhecer que coisa era Deus, em cuja fé somos salvos. Delas, vieram os inventivos para que construíssem cidades e fortalezas e edifícios de perpétua excelência. Por elas, houve tão sutis varões que buscaram todas as coisas necessárias para a sobrevivência da linhagem humana.

#### Dá Leriano vinte argumentos por que os homens são obrigados às mulheres

Tefeo, hás escutado as razões por que sois tu culpado e todos os que opinião tão errada seguem. Para deixar toda a prolixidade, atenta às vinte razões em que me esforcei para provar que nós homens somos obrigados às mulheres. Das quais a primeira é porque aos simples e rudes dispõem para alcançar a virtude da prudência, e não somente aos torpes fazem discretos, mas aos mesmos discretos mais sutis, porque se da enamorada paixão se cativam, tanto esforça sua liberdade, que avivando com a dor o saber, levantam argumentos tão doces e tão concertados que num único ato de compaixão que elas dispõem eles se libertam. E os simples, inocentes por sua natural condição, quando em amar se põem entram com rudeza e encontram o esforço do sentimento tão agudo que diversas vezes saem sábios, de maneira que suprem as mulheres o que a natureza neles faltou.

A segunda razão é porque da virtude da justiça tão bem nos fazem sofrendores como criminosos de amor, embora recebam tormento desigual, têm-no por descanso, consolando-se porque justamente padecem. E não somente por esta causa nos fazem gozar dessa virtude, mas por obra tão natural: os tenazes enamorados procuram todas as formas que podem para angariar prestígio com as que servem, de cujo desejo vivem justificadamente sem exceder em coisa alguma toda a mediania para não infamar os bons costumes.

A terceira, porque da temperança nos fazem dignos, uma vez que para não ser inconvenientes e, portanto, vir a ser desprezados, somos temperantes no comer e no beber e em todas as outras coisas que andam com esta virtude. Somos temperantes no falar, somos temperantes na medida, somos temperantes nas ações, sem que num só ponto nos desviemos da honestidade.

A quarta é porque dão fortaleza àqueles que não a têm e aos que a tem a acrescentam: fazem-nos fortes para sofrer, incitam a ousadia para combater, controlam a ansiedade para esperar. Quando aos amantes se lhes oferece o perigo, se lhes aparelha a glória; têm as afrontas por vício; estimam mais o louvor da amada que o prêmio de viver eternamente. Por elas, se começam e se acabam muitas façanhas temerárias; colocam a fortaleza no lugar que merece. Se lhes somos obrigados, aqui se pode julgar.

O quinto argumento é porque não menos nos dotam, além das referidas virtudes cardeais, das virtudes teologais. Tratando da primeira que é a fé, embora alguns dela duvidem, pois, ao se dedicarem o pensamento da paixão amorosa, mais acreditam em Deus e louvam seu poder, porque pode intervir junto àquela que de tanta excelência e formosura lhes parece. A isso os amantes tanto acostumam e sustêm a fé, que de experimentá-la no coração conhecem e crêem com mais firmeza a glória de Deus. E para que não seja revelado o nome de quem amam e assim serem reputados de maus cristãos, que é uma mancha pecaminosa no homem, soam tão devotos católicos, que nenhum apóstolo lhes seria superior.

O sexto argumento é porque nutrem a alma com a virtude da esperança, pois, embora os que estão sujeitos a esta lei de amores muito sofram, sempre esperam: esperam em sua fé, esperam em sua firmeza, esperam na piedade de quem os faz sofrer, esperam na mudança de quem os mata, esperam na sorte. Quem tem esperança onde recebe sofrimento, como não terá em Deus, que promete descanso? Sem dúvida, fazendo-nos sofrer nos preparam para o caminho do bem, assim parece conforme diz a experiência.

O sétimo argumento é porque nos fazem merecer a caridade, cuja propriedade é o amor: esta temos na vontade, esta colocamos no pensamento, esta trazemos na memória, esta firmamos no coração. E embora o que amamos usemos para o proveito de nosso fim, dele nos redunde que com viva constrição a tenhamos para com Deus, porque trazendo-nos o amor à beira da morte, damos esmolas, mandamos rezar missas, ocupamo-nos em obras caritativas para que nos livre de nossos cruéis pensamentos; e como nelas é natural que sejam devotas, ao amá-las é forçado que hajamos conforme as ações que fazem.

O oitavo argumento é porque nos fazem contemplativos, pois tanto nos damos à contemplação da formosura e à graça de quem amamos e tanto pensamos em nossos sofrimentos, que quando queremos contemplar os de Deus, tão ternos e quebrantados estão os corações, que suas chagas e tormentos parecem ser recebidos em nós mesmos. Por onde se conclui que também por aqui nos ajudam a alcançar o descanso eterno.

O nono argumento é porque nos fazem contritos: como estamos sofrendo, pedimos com lágrimas e suspiros nosso remédio, indo a confessar nossas culpas; assim gememos e choramos para que mereçamos o perdão delas.

O décimo argumento é pelo bom conselho que sempre nos dão, pois às vezes acontece encontrar em sua rápida inteligência o que nós com longo esforço e diligência procuramos. São seus conselhos pacíficos e sem nenhum escândalo: evitam muitas mortes, conservam a paz, refreiam a ira e aplacam o ódio. Sempre é muito equilibrado seu parecer.

O undécimo argumento é porque nos fazem honrados: com elas se alcançam grandes casamentos com muitas riquezas e rendas. Alguém poderia contradizer-me, afirmando que a honra está na virtude e não na riqueza, porém respondo que aproveitam tanto a uma como a outra. Temos lucros tão virtuosos, pois tiramos delas as honras e os louvores que desejamos; por elas respeitamos mais a vergonha que a vida; por elas nos esforçamos em todas as ações de nobreza; por elas estamos no lugar alto que merecemos.

O duodécimo argumento é porque apartando-nos da avareza nos aproximam da liberalidade, por cujas ações ganhamos as vontades de todos; como largamente nos fazem despende o que temos, somos louvados e considerados em muito amor, e em qualquer necessidade que nos sobrevenha recebemos ajuda e serviço. E não somente nos aproveita em fazer-nos usar a franqueza como devemos, mas põem o que nos

pertence em muito cuidado, porque não há lugar onde a riqueza esteja mais segura que na boa consideração das pessoas.

O décimo terceiro argumento é porque acrescentam e guardam nossos haveres e rendas, as quais alcançam os homens por sorte e se conservam com diligência.

O décimo quarto é pela honestidade que nos incitam, assim na pessoa como no viver, como no comer, como em todas as coisas de que tratamos.

O décimo quinto é pela boa educação que nos exigem, uma das principais coisas de que os homens têm necessidade. Sendo bem educados usamos a cortesia e esquivamos do desgosto, sabemos honrar os mais humildes, sabemos tratar os poderosos. E não somente nos fazem bem educados, mas bem-quistos, porque como tratamos a cada um como merece, cada um nos dá o que merecemos.

O décimo sexto é porque nos fazem ser galantes: por elas nos desvelamos no vestir, por elas nos esforçamos no fazer, por elas nos ataviamos de maneira que buscamos a indústria em nossas pessoas – aquela boa disposição que a natureza a alguns negou. Por artifício se adereçam os corpos, trajando as roupas com agudeza e, pelo mesmo motivo, se ajeita o cabelo conforme melhor cai, e se emagrece ou se fortalecem as pernas, se convém fazê-lo. Pelas mulheres se inventam as galantes costuras, os discretos bordados, os novos modismos; de grandes bens por certo são causa.

O décimo sétimo é porque nos inclinam à música e nos fazem gozar das doçuras dela. Por quem soam as doces canções? Para quem se cantam os lindos versos? Por quem se conciliam as vozes? Por quem se adelgaçam e sutilizam todas as coisas que no canto consistem?

O décimo oitavo é porque crescem as forças aos lanceiros, a vontade aos lutadores e a ligeireza aos que dão piruetas e correm e saltam e fazem outras coisas semelhantes.

O décimo nono argumento é porque afinam as graças: os que, como foi dito, tangem e cantam, por elas se desvelam tanto que se aproximam do mais perfeito que naquela graça se alcança; os trovadores dedicam tanto esforço no que compõem que o que está bem escrito fazem parecer melhor; e em tanta maneira se esforçam que propriamente o que sentem no coração põem por novo e galante na canção ou invenção ou copla que querem fazer.

O vigésimo e último argumento é porque somos filhos de mulheres, a cujo respeito lhes somos obrigados, que por nenhum argumento dos já referidos nem de quantas outras razões se pode dizer.

Diversos argumentos havia para demonstrar o muito que para com este gênero nós homens estamos em dívida, porém a minha disposição não me dá lugar para que me refira a todas. Por elas se ordenaram as reais justas e os pomposos torneios e as alegres festividades; por elas aproveitam as graças e se acabam e se começam todas as coisas de gentileza. Não sei por que de nós devam ser criticadas. Ó culpa merecedora de grave castigo, pois, para que algumas tenham piedade dos que por elas sofrem, eles lhes dão tal recompensa. Que mulher deste mundo não terá compaixão pelas lágrimas que vertemos, pelas lástimas que dizemos, pelos suspiros que damos? Qual não crerá nesses robustos argumentos? Qual não crerá na certeza da fé? Qual não se comoverá por estas grandes dádivas? Em qual coração não fará fruto esses sinceros louvores? Em qual vontade não haverá mudança pela certa firmeza? Qual se poderá defender da constância do amor? Por certo, segundo as armas com que são combatidas, embora a menor parte delas se defenda, não seria de se espantar se antes deveriam ser louvadas as que não podem se defender por piedosas que diminuídas por culpadas.

### Prova por exemplos a bondade das mulheres

Para que as louvadas virtudes deste gênero fossem tratadas segundo merecem, cabe pôr meu desejo em outro argumento, para que sua famosa bondade não se turvasse com minha rude língua, embora nem louvor possa acrescê-la nem malícia apoucá-la, segundo sua propriedade. Se houvesse de fazer memória das castas e virgens passadas e presentes, conviria que fosse por divina revelação, porque são e hão sido tantas que não se podem com o bom senso humano compreender. Porém, citarei algumas que conheço pelos livros, assim cristãs como gentias e judias, para dar exemplo com poucas a virtude de muitas. Das canonizadas por santas por três razões não quero falar. A primeira, porque o que a todos é manifesto parece ingenuidade repeti-lo. A segunda, porque a Igreja lhes dá a vida e universal louvor. A terceira, para não pôr em tão más palavras tão excelente bondade, em especial a de Nossa Senhora, que embora tantos doutores e devotos e contemplativos dela falassem, não puderam chegar ao estado que merecia a menor de suas excelências; assim recuo ao plano de onde mais livremente me posso mover.

Das castas gentias começarei por Lucrecia, jóia da pátria romana, a qual foi mulher de Colatino, que sendo forçada por Tarquínio fez chamar seu marido, e ao chegar onde ele estava disse-lhe: “Saberás, Colatino, que pisadas de homem alheio enlameiam teu leito, que, embora o corpo fosse forçado, deixou o coração inocente, porque sou livre da culpa; mas não me absolvo do castigo, para que nenhuma senhora por meu exemplo possa ser considerada erradamente”. E acabando estas palavras deu fim a sua vida com um punhal. Pórcia foi filha do nobre Catão e mulher de Brutus, varão virtuoso, a qual sabendo da morte dele, acometida de terrível dor, acabou seus dias comendo brasas para fazer sacrifício de si mesma. Penélope foi mulher de Ulisses; sendo ele designado à guerra troiana, muitos jovens de Ítaca se embeveceram de sua formosura, pedindo-a em casamento; e desejosa de guardar castidade a seu marido, para defender-se disse que deixassem bordar uma tela, como costumavam fazer as senhoras daquele tempo esperando a seus maridos, e que logo faria o que pediam. E como isso lhe fora outorgado, com astúcia sutil o que tecia de dia desfazia de noite, em cujo labor se passaram vinte anos, depois dos quais ao retornar Ulisses, velho, sozinho, maltrapilho, assim o recebeu a casta senhora como se viesse em augúrio da prosperidade. Júlia, filha de César, primeiro imperador do mundo, sendo mulher de Pompeu, em tanto amor o tinha que, ao trazerem, um dia, as vestes dele ensangüentadas, acreditando estar morto, desfaleceu e subitamente morreu. Artemísia, entre os mortais tão louvada, quando era casada com Manzol, rei de Icaria, com tanta firmeza o amou que depois de morto lhe deu sepultura em seu coração, queimando seus ossos com fogo, cujas cinzas pouco a pouco bebeu, e depois de terminar os serviços que a cerimônia requeria, acreditando que ia juntar-se a ele, matou-se com suas próprias mãos. Argia foi filha do rei Adraastro e casou com Polinice, filho de Édipo, rei de Tebas; quando Polinice numa batalha morreu pelas mãos de seu irmão, ela ao saber disso saiu de Tebas sem temer a impiedade de seus inimigos nem a fúria das indomáveis feras nem a lei do imperador, a qual vedava que nenhum corpo morto se retirasse do campo de batalha; foi em busca de seu marido nas trevas da noite, e encontrando-o já entre outros muitos corpos levou-o à cidade, e fazendo-o queimar, segundo era costume, com lágrimas amargas mandou depositar suas cinzas numa arca de ouro, prometendo sua vida em perpétua castidade. Ipo, a grega, navegando pelo mar, quis sua má sorte que os inimigos tomassem seu navio, os quais, querendo tomar dela mais que lhes dava, para conservar sua castidade refugiou-se numa parte da embarcação e precipitou-se nas ondas, afogando-se, mas não a fama de sua louvável façanha. Não menos digna de louvor foi a

mulher de Amet, rei da Tessália, que sabendo que fora profetizado pelo deus Apolo que seu marido receberia morte se não houvesse quem voluntariamente tomasse o lugar dele, com alegre vontade, para que o rei vivesse, pôs fim a própria vida.

Das judias, Sara, mulher do patriarca Abraão, quando foi aprisionada em poder do rei Faraó, defendendo sua castidade com as armas da oração, rogou a Nosso Senhor que a livrasse de suas mãos; o qual, como quisesse fazer com ela toda maldade, ao ser ouvida no céu sua petição, caiu enfermo o rei; e soube que por seu mal pensamento adoecia, sem a ter tocado de nenhuma forma a mandou livrar. Débora, dotada de tantas virtudes, mereceu possuir o dom da profecia e não somente mostrou bondade nas artes femininas, mas também nas ferozes batalhas, pelejando contra os inimigos com virtuoso ânimo; e tanta foi sua excelência que foi juíza do povo judeu por quarenta anos. Ester, ao ser levada ao cativeiro de Babilônia, por sua virtuosa formosura foi tomada para mulher de Assuero, rei que governava ao mesmo tempo cento e vinte e sete Províncias; a qual por seus méritos e orações livrou os judeus do cativeiro que tinham. A mãe de Sansão, ao desejar ter um filho, mereceu por sua virtude que o anjo lhe revelasse seu nascimento. Elisabete, mulher de Zacarias, como era verdadeira serva de Deus, por seu merecimento, nasceu dela um filho santificado, o qual foi são João.

Das antigas cristãs, mais poderia mostrar que escrever, porém pela brevidade citarei algumas mais contemporâneas da pátria castelhana. Dona Maria Cornel, em quem se começou a linhagem dos Corneles; para que sua castidade fosse louvada e sua bondade não escurecida, quis matar-se com fogo, havendo menos medo da morte que da culpa. Dona Isabel, mãe que foi do mestre de Calatrava Rodrigo Telles de Girón e dos condes de Hurueña, Don Alonso e Don Juan, ao ser viúva adoentou-se de uma grave dolência, e como os médicos procurassem sua saúde, ao reconhecer a sua enfermidade encontraram que não podia viver se não se casasse; como isso viesse ao conhecimento de seus filhos, desejosos de sua vida, disseram-lhe que em todo caso recebesse marido, ao que ela respondeu:

“Nunca peças a Deus que tal coisa eu faça, pois melhor me cabe morrer e ser afamada mãe de tais filhos que viver e ser mulher de outro marido”.

E com essa casta consideração assim se dedicou ao jejum e à disciplina tanto que quando morreu foram encontrados mistérios de sua salvação.

Dona Maria Garcia, a Beata, sendo nascida em Toledo, de maior linhagem de toda a cidade, não quis em sua vida casar guardando nos oitenta anos em que viveu a virtude da virgindade, em cuja morte foram conhecidos e averiguados grandes milagres, dos quais em Toledo há agora e haverá sempre perpétua lembrança.

Ó das virgens gentias que poderia dizer! Atrisola, serva nascida na Babilônia; por seu mérito profetizou por revelação divina muitas coisas futuras, conservando casta virgindade até que morreu. Palas ou Minerva, vista primeiramente perto da lagoa de Tritônio, foi a inventora de muitos ofícios das artes femininas e de alguns das masculinas; virgem viveu e virgem morreu. Atalante, a que primeiro feriu o porco de Calidón, com virgindade e com nobreza pereceu. Camila, filha de Macabeu, rei dos bolesques, não menos que as anteriores susteve inteira virgindade. Cláudia vestal, a Clódia romana, essa mesma lei guardou até a morte. Por certo, se o estender-se não fosse irritante, não me faltariam daqui a mil anos mulheres virtuosas e exemplares que pudesse citar.

Em verdade, Tefeo, segundo o que hás escutado, tu e os que blasfemais de toda linhagem das mulheres sois dignos de castigo justo; o qual não esperando que ninguém os aplique, vós mesmos vos apliqueis, pois usando de malícia, condenais a vergonha.

### Volta o Autor a estória

Muitos ficaram espantados por se encontrarem presentes ouvindo a justeza que Leriano tinha em seu discurso, embora ele estivesse tão perto da morte, em razão da qual muitas vezes se encontrava enfraquecido. Quando acabou de falar, tinha já turvada a língua e os olhos quase apagados. Seus parentes, não podendo se contentar, gritavam; seus amigos começavam a chorar; seus vassallos e serviçais precipitavam-se pelas ruas; e já todas as coisas alegres eram envoltas em dor.

E como sua mãe, estando ausente, sempre negando a culpa de Leriano, dando mais crédito ao que temia que ao que lhe diziam, com a ânsia do amor maternal, partiu de onde estava e chegou a Susa nesta triste conjuntura. Ao entrar pela porta, todos quantos a viam davam novas de sua dor mais com vozes lastimosas que com argumentos ordenados; ao tomar ciência que Leriano estava em agonia mortal, faltando-lhe as forças, perdeu os sentidos e desfaleceu. Tanto tempo esteve desacordada que todos pensaram que à mãe e ao filho enterrariam de uma só vez. Porém, com grandes remédios lhe restituíram a consciência; ela se aproximou do filho e, depois, com a iminência da morte, com multidão de lágrimas, volveu-lhe a face, e começou nesta maneira a dizer:

#### Pranto da mãe de Leriano

Ó alegre descanso de minha velhice. Ó doce contentamento de minha vontade! Ah, deixas de ser filho e eu de chamar-me mãe, pois eu tinha temerosa suspeita pelos estranhos presságios que em mim vi de poucos dias a esta ocasião. Acontecia-me muitas vezes – quando mais a força do sono me vencia – acordar com um tremor súbito que até de manhã me durava. Outras vezes, quando em meu oratório me encontrava rezando por tua saúde, desfalecido o coração, me cobria de um suor frio, de maneira que só diante da grande cruz me recuperava. Até os animais me certificaram de teu mal. Saindo um dia de minha câmara veio a mim um cão e deu tão grandes latidos, que, assim, me cortou o corpo e a voz, que daquele lugar não podia mover-me. E por esses sinais dava mais crédito a minha suspeita do que a teus mensageiros, e para satisfazer-me concordei em vir te ver, onde reconheço a certeza da fé que dei aos augúrios.

Ó lume de meus olhos, ó cegueira de luz, que te vejo morrer, mas não vejo a razão de tua morte. Tu em idade para viver, tu temeroso de Deus, tu amante da virtude, tu inimigo do vício, tu amigo dos amigos, tu amado dos teus!

Ah, por certo, deixa a força de teu destino aos direitos da razão, pois morres sem tempo e sem dolência. Bem-aventurados os de condição humilde e os rudes de engenho, que não podem perceber as coisas senão no grau que as entendem, e mal-aventurados os que com sutis juízos vão mais além, os quais com o entendimento agudo têm o sentimento enfraquecido. Quisera Deus que tu fosses torpe nos sentimentos, pois melhor estava eu ser chamada, com tua vida, mãe de homem rude que tu, por teu fim, filho daquela que vive em solidão.

Ó morte, cruel inimiga, que não perdoas os culpados nem absolves os inocentes! Tão traidora és que ninguém tem defesa para contigo. À velhice és ameaçadora e à juventude instável. A uns matas por malícia e a outros por inveja. Embora tardes, nunca esqueces. Sem lei e sem ordem te reges. Mais razão havia para que conservasses os vinte anos do filho moço que deixasses os sessenta da velha mãe. Por que volveste o direito ao revés? Eu estava farta de estar viva e ele em idade de viver. Perdoa-me porque assim te trato, que não és de todo má, porque se com tuas obras causas as dores,

com elas mesmas as consolas, deixando quem sofre com o que resta; o que comigo fazes, muito te serei obrigada. Com a morte de Leriano, findou-se a esperança, mas meu tormento não receberá consolo.

Ó, filho meu! Que será de minha velhice, contemplando o fim de tua juventude? Se eu vivo muito, será porque mais poderão meus pecados que a razão que tenho para não viver. Como posso receber castigo mais cruel do que ter uma vida longa? Tão poderoso foi teu mal que não tiveste para com ele nenhum remédio, nem te valeu a força do corpo, nem a virtude do coração, nem o esforço do ânimo. Todas as coisas de que te podias valer, faltaram. Se pelo preço do amor tua vida se pudesse comprar, mais poder tivesse meu desejo que força a morte. Mas para livrar-te dela, nem tua sorte quis, nem eu, triste, pude. Com sofrimento, será meu beber e meu comer e meu pensar e meu dormir, até que sua força e meu desejo me levem a tua sepultura.

### O Autor

O pranto que fazia a mãe de Leriano crescia a dor a todos os que nela participavam; e como ele sempre se lembrasse de Laureola, que, por sua vez, do que ali passava, tinha pouco conhecimento. E vendo que lhe faltava pouco tempo para usufruir da leitura das duas cartas que dela tinha, não sabia o que fazer definitivamente com elas. Quando pensava rasgá-las, parecia-lhe que ofenderia a Laureola em deixar perder palavras de tanto valor. Quando pensava pô-las em poder de alguém de sua confiança, temia que fossem interceptadas e assim quem as enviara estaria em perigo. Assim, em meio às suas dúvidas, decidiu o mais seguro a fazer: mandou trazer um copo de água e feitas as cartas em pedaços, jogou-os nele; e depois que terminou, implorou que lhe sentassem na cama; e sentado, bebeu-os na água e assim ficou satisfeita a sua vontade. Chegada já a hora de seu fim, postos os olhos em mim, disse:

“Acabados são os meus males”.

E assim ficou sua morte em testemunho de sua lealdade.

O que eu vi e escrevi, é cedo para julgar. Os lamentos que por ele se fizeram são de tanta lástima que me parece crueldade escrevê-los. Suas exéquias foram conformes ao seu merecimento, as quais depois de acabadas, decidi ir embora. Por certo, com melhor vontade caminhara para a outra vida que para esta terra: com suspiros caminhei, com lágrimas parti, com gemidos falei, e com tais passatempos cheguei aqui a Penhafiel, onde permaneço, beijando as mãos de Vossa Mercê.

## **T R A T A D O**

Que fez Nicolas Nuñez sobre aquele que Diego de San Pedro escreveu de Leriano e Laureola, chamado “Prisão de Amor”.



Muito Virtuosos Senhores,

Se vós, conscientes de meu pouco saber, culpais meu atrevimento em ousar fazer acréscimos ao que já está perfeito, quero, se assim pudesse, para meu desencargo, eximir de culpa o que fiz, embora apenas a minha boa intenção já me bastasse. Lendo um dia o tratado do não menos virtuoso que cortês Diego de San Pedro acerca da Prisão de Amor – a história de Leriano e Laureola –, dedicada ao muito virtuoso senhor alcaide dos Donceles, pareceu-me que ele, ao terminar o que escreveu, em vez de partir para Castela a dar conta do que havia se passado com Leriano, o qual se deixou morrer por causa da resposta sem esperança que Laureola lhe havia enviado, deveria vir à corte para dizer a ela, com sinceridade de palavras, as circunstâncias da morte de seu amado.

Embora lhe parecesse que, ao falecido, isto em nada era proveitoso, ao menos traria algum contentamento, se, nela, existisse alguma demonstração de pesar por tudo o que havia acontecido. Pelo menos, se Leriano pudesse saber do arrependimento de Laureola, daria a sua morte por bem empregada.

Conquanto também me parecesse que deixava aquela corte por estar ocupado em alguns negócios ou para tratar de outros que mais lhe importavam, não o fiz com intenção de escrever melhor, porém para saber se a lealdade de Leriano ao morrer recebia prêmio, pois isto, em vida, a ele havia sido negado.

Pensei em fazer este tratado – de fato, se eu quisesse ocultar algumas das minhas limitações fora muito melhor não fazê-lo –, pois era necessário dizer que, após o autor ter presenciado a sua morte, visto a realização de suas exéquias, segundo os seus merecimentos, e o derramar dos prantos, segundo a comoção geral, dirigiu-se aonde estava Laureola para relatar os detalhes de morte tão injusta e para saber dela o que faria.

Começa desta maneira.

#### O Autor

Depois que tive consciência de que a sua impiedosa morte, ao desistir de viver, não se podia remediar nem me consolar, resolvi partir para minha terra natal, cujas lembranças mais desejava que permanecessem restritas na memória de meu pensamento. Entretanto, por ver e por ouvir os murmúrios que na corte acerca de sua morte se diziam e o que Laureola dele pensava, achei melhor para lá me dirigir, não só para me despedir de alguns amigos que ali tinha, mas, sobretudo, para dizer a Laureola (se ela aparentasse estar arrependida) quanta má opinião era divulgada entre os leais amantes acerca da crueldade que ela havia usado contra quem antes merecia ser agraciado.

Eu, que muita pressa tinha para fugir daquele lugar onde o vi morrer, para ver se, ao fugir, pudesse parar de pensar nele, cheguei à corte mais em companhia da tristeza que da vontade de viver, lembrando-me de que ele já sabia, desde o começo, como as coisas que se passaram haveriam de se suceder. Depois de repousar (se é que pode haver repouso em tais casos), dirigi-me ao palácio, onde fui recebido com muita tristeza por muitos daqueles que sabiam de sua morte.

E, depois de lhes contar em detalhes a secreta morte de quem era amigo tão próximo deles, porém inimigo de si mesmo, alcancei os aposentos nos quais Laureola costumava me receber, para ver se a encontrava. Eu fiquei espantado ao presenciar as lágrimas que por ele chorava. Percebi que, por isso, ela quase desfalecia. Ela, por sua

vez, de tão envergonhada, veio em minha direção, porém, demonstrando muita cortesia e suspeitando que eu lhe desejava falar, disfarçou que eu não a havia visto, retornando ao quarto de onde havia saído. Eu, por minha vez, que tinha os sentidos tão confusos, não conseguia nada diferenciar, somente percebia que ela se distanciava. Ao voltar a mim, cheguei à conclusão de que ela era a causa de Leriano ter perdido a vida e eu, momentos antes, o ânimo. Então, para ela, com muitas lágrimas e dolorosos suspiros, nesta maneira comecei a dizer.

#### Prossegue o Autor a Laureola

Quanto me estivera melhor perder a vida que conhecer a tua muita crueldade e pouca piedade! Digo isto, Senhora, porque desejava, antes, com belas palavras, te elogiar de generosa e vê-la agraciar os préstimos feitos com tanta lealdade, conforme o louvor que recebes por tua muita formosura e belo parecer, do que te admoestar por condenar à morte a quem, tantas vezes, com grata vontade, apenas queria te servir. Se assim procedesses, não o enganarias, nem me farias sofrer, nem macularia a altivez de tua linhagem.

Percebe que aquelas, de tão alta estirpe como tu, são mais obrigadas a satisfazer o menor préstimo do mundo, se isso consentirem, do que preservar a própria honra. Certifico que se tiveste visto a sua morte, sempre a sua vida chorarias. Considera o quanto lhe estás em dívida, pois, por ocasião de seu passamento, em que mais preocupação com o destino de sua alma e de seu corpo havia de ter, lembrou-se de tuas cartas, as quais, feitas em pedaços, bebeu em água, para que ninguém delas tivesse vestígio. E, para levar consigo alguma coisa tua e para que tenhas dele mais compaixão, te faço saber que se tiveste presenciado a sua morte, como eu presenciei, terias agora um pouco de arrependimento, pois, antes, por tua ausência, teu pouco amor e teu muito desprezo tanto mal causaram.

Ó quantos choraram sua morte, mas da verdadeira causa nada sabiam! Porém, a mim, que o segredo não podia revelar, com mais razão (muito mais do que a qualquer um pesou), lembrava como em tuas mãos estava sua vida, padecendo tua muita crueldade e seu pouco remédio; condenaste à morte a ele e, depois, à sua mãe, de coração destroçado, e a mim que, ao ficar vivo, morria.

Não creio que te alegres com a vida ao tomar consciência do que tens feito, a não ser que saibas algo que só poucos conhecem. Agora, temerás menos a divulgação de tua má fama, pois vês claramente a proximidade de minha morte; assim, conquanto temas, não restará ninguém para divulgar a tua crueldade. Não te preocupes: tão pouco pensei em falar, nem menos causar medo. E se com a qualidade te admoesto, com a quantidade te contento. Pois, se com fortes argumentos havia de ousar, com breves palavras tenho de acabar; e se mereço castigo por ser atrevido, envia-me os algozes, que darás mais mercê em me conceder a morte que deixar-me em tal vida.

#### Segue o Autor

Muito tranqüila estava Laureola a tudo o quanto lhe dizia, não porque o rosto não mostrasse as alterações do coração, porém, como cortês, mesmo vertendo lágrimas, tentava dissimular o sofrimento. Não culpava meu atrevimento e dava mostras de muito pesar. Assim, começou a responder desta maneira.

### Resposta de Laureola ao Autor

Tanto saber queria possuir para te satisfazer como tenho para desculpar-me. Se assim fosse, por muito desculpada me terias como a ti tenho por diligente. Dizes que querias ter argumentos para elogiar-me por piedosa como os tens para culpar-me de cruel. Se isso tivesses, nem eu mais viveria nem tu te queixarias. Tu me culpas porque eu ansiava para que ele morresse, pois eu enganava a ele e molestava a ti. Tu bem sabes que eu nunca tal esperança lhe quis dar, nem mesmo fazer o que tu dizes que fiz; e te enganas se pensas que em nada me importo. Eu nada devo a ti; ou era por mim por quem tu te esforçavas com a intenção de ver tuas ações satisfeitas? Dessa forma, devo a ele, sem dúvida, e não a ti, porque poucos favores me fizeste. Dizes que eu deveria observar a alta estirpe de minha linhagem. Porém, avaliando o que afirmas acerca de minhas ações, debes considerar o quanto são obrigadas as mulheres mais a própria honra do que a cumprir qualquer vontade apaixonada.

Se todas são obrigadas a esse compromisso, quanto mais e com mais razão devem ser as de linhagem régia? Não acredites que de sua morte tenho alegria; nem acredito que tu podes considerar como a mim tanto me dói. Contudo, o temor de minha honra e o medo do Rei, meu pai, puderam mais que a estima que eu lhe tinha; nem acredites que eu desconhecia a grandeza de seus préstimos, nem menos que lhe votava ingratidão. E se de outra forma pudesse pagar que não custasse a minha honra, tu me terias por tão agradecida, quanto agora me culpas por ingrata.

Assim, se eu pudesse pagar, quero agora que saibas que a morte dele fez com que eu viva a minha vida em luto. Talvez agora saibas o quanto me dói. Talvez agora saberás se dela me atormento. Talvez agora julgarás se eu lhe tinha amor. Talvez agora saibas se fiz bem em deixá-lo morrer, pois tu já sabes que com a vida não se pode alcançar o que com a morte se espera. E se a ele não posso mais pagar, pelo menos a ti satisfaço e dou por testemunha, pois se préstimos lhe devia, com perdurável esperança de retribuição o pagava.

### O Autor

Com tanta tristeza acabou sua resposta, que tão logo acabou de falar, e sem de mim se despedir, desatinada de muito chorar, turvada a língua e com as faces empalidecidas, retornou ao seu quarto, de onde antes havia saído, com tão agudos gemidos, tão preocupada de medo para que não a ouvissem, como transtornada de dor pelo que passava.

E eu, sem me despedir de ninguém, segui para os meus aposentos com tanta tristeza, que muitas vezes de minha desesperada vida com a morte tomaria vingança, se pudesse fazê-lo, sem que por desesperado me pudessem culpar. E como me encontrava tão destituído de alegria como de amigos com quem pudesse desabafar, permaneci em meu recolhimento, e desta maneira, como se ele, ainda vivo, diante de mim estivesse, contra a desdita de Leriano, comecei a dizer.

### O Autor a Leriano

Ó inimigo de tua ventura, amigo de tua desdita! Quem diria que naufrágio poderia se abater sobre a tua vida por causa de teu desejo, como fui eu de tua morte ao

levar a tua mensagem? Se tu soubesses agora do arrependimento de Laureola, não trocarias o teu descanso celestial, se o tens, pela glória temporal, que por deixar a vida perdeste; ou se tão arrebatado não a tomaras, com tua morte – não duvido –, pudesses alcançar o que com perder a vida perdeste.

Não sei quem turvou meu entendimento e roubou meu juízo, que no tempo de teu morrer não te disse como na morte se perde o que com a vida às vezes se ganha. Ah, infeliz de mim! Quem estivesse num lugar onde pudesse repetir tudo o que Laureola me disse e o que ela demonstra de pesar por perder-te! Porém, se com a morte ganhaste o amor que ela agora cultiva, por bem empregada a deves considerar. Muito descanso receberia se acreditasses no que ouves, ou crês, porque verias que com apenas o arrependimento bastaria para a retribuição, pois quanto mais queixosa está de ti que tu dela deves estar. Se agora tu revivesses, não terias do que te queixar. Estaria agora teu sofrimento com dolorosa esperança. Agora, nem da vida poderias lamentar, nem a morte tomarias por advogada.

Ou, quanto bem Deus me faria se pudesse, perdendo a vida, recobrar a tua! Por que me deixou sem o meu verdadeiro amigo? Quem mais gostaria de abdicar da vida para que tu pudesses voltar de entre os mortos? Roga a Deus, em nome da amizade que te tenho e da que, em vida, tu me tiveste, para que minha morte seja suficiente para saldar a tua dívida. Assim espero, se tens tanta vontade de me rever como eu tenho em te servir. É isso o que de minha existência eu queria fazer. Atenciosamente, eu me despeço para não mais te incomodar.

#### O Autor

Fiquei tão cansado de sofrer e tão desconsolado de minhas palavras, que desatinado, sem perceber o que fazia, desfaleci e entre as muitas coisas que comecei a sonhar, que mais pesar que alegria me proporcionavam, sonhava que via a Leriano diante de mim nesta maneira vestido. Trajava um capelo cor de amora muito brilhante com uma lista de seda verde muito desbotada que dificilmente se podia diferenciar e com uma divisa bordada que dizia:

Já está morta a esperança  
E sua cor  
Matou vosso desamor.

Ao chegar mais perto de mim, vi que trajava uma camisa bordada de seda preta, com uns brocados e uns versos, que desta maneira diziam:

Foi crescendo minha firmeza  
De tal sorte,  
Que no fim encontrou a morte.

Trajava um jubão de seda amarela e vermelha, com uma divisa que dizia:

Minha paixão e minha alegria  
Satisfaz  
Em honrar a quem a faz.

Trajava também um saiote de terciopelo negro, de um corte curto, com uma divisa que assim dizia:

Na firmeza se demonstra  
O meu sofrer e a vossa culpa.

Trajava também um cinto de ouro com uma divisa que dizia:

Muito mais proveitosa foi a minha morte  
Que o meu existir  
Se, por ela, posso vos servir.

Trajava também um punhal com o cabo e a lamina, feitos de aço dourado, com uma divisa que dizia:

Mais forte foi a paixão  
Que me destes,  
Porém nunca disso vos arrependestes.

Vi também uma espada com uma bainha e correias de seda, ambas de cor esverdeada, com uns versos bordados que diziam:

Deu à minha vida minha tristeza  
Tal tormento  
Que, morto, vivo em alento.

Vi também umas calças francesas – uma branca e outra, com uma divisa bordada que dizia:

A castidade teve ciúme  
Do existir  
Porque não vos deixeis de servir.

Trajava também uns broches de seda amarelada, com uns nós cegos, com uns versos que diziam:

Vedes aqui a minha infeliz sorte  
Que não cessa  
Nem na vida nem na morte.

Vi que trajava também, por cima de tudo isto, uma capa preta bordada, adornada de uma seda pardacenta escura, com uma divisa que dizia:

Nada pode o tanto esforço  
Nem a tristeza  
Que demovam a minha firmeza.

Percebi também que estava calçado com uns sapatos de ponta, com uns versos em letra miúda, nos quais se podia ler:

Em vão é o meu sofrer  
 Pelo serviço  
 De quem nega o benefício.

Percebi também as suas mãos; vi que trajava umas luvas com as letras “l” e “a”, e uns versos que diziam:

Assim começa e fenece  
 O nome daquela que mais merece.

Depois de bem observar como estava vestido, o que as divisas diziam, e a firmeza e o pesar que assinalavam, olhei seu rosto e vi sua face tão formosa que parecia que nunca por sofrimento algum havia passado. E com o semblante amoroso, depois de muito cortesmente me saudar, com o mesmo tom de voz que antes costumava falar, começou a dizer nesta maneira.

#### Leriano ao Autor

Ó meu verdadeiro amigo, bem pensarias tu que minha presença estava de ti tão distante que não pudesse saber o que fazias, nem ouvir o que falavas. Não acredites nisso, pois nunca me encontrei tão longe de ti, que tão próximo não estivesse. Porque embora a minha sorte na vida me apartou de ti, com a minha morte ficamos mais próximos. Ao teu lado sempre andei e a tudo o que Laureola de minha parte e da tua dizias estava presente. Deus sabe que se pudesse, quisera falar com ela. Porém, nem eu podia, nem seu medo me permitia.

Antes, confesso que, embora sejam escassas as palavras, pelo que fiz, ainda espero passar por muito tormento; e, por isso, segundo a confiança que tenho em tua grande virtude e para que não recebas mais sofrimento do que eu, deixo de mencionar isso e venho ao que condiz ao caso de teu discurso e minha resposta. Dizes, Senhor, que, se fosse possível, querias me devolver à vida, como me deste a morte. Não acredites que tuas palavras me deram consolo, nem eu, segundo o meu inexorável destino, me pudesse escusar de chegar a este fim. Dizes que querias que eu estivesse em tal disposição que pudesse usufruir do arrependimento de Laureola. Não quero te agradecer, pois não posso pagar, pois os maiores préstimos que posso realizar (e já não posso fazê-los) não são tão grandes que a menor mercê que de ti recebi não seja maior.

Pois, os seus favores já não os quero mais; nem posso usufruir deles, embora assim deseje, e se com arrependimento me satisfizesse, por sua crueldade fiquei tão decepcionado que embora por mais que me esforçasse não seria devidamente recompensado. Dizes, meu bom amigo, que considereei minha morte por bem empregada, pois com ela ganhei o que sem ela perdia. Assim seria, se da vida restasse algo com que pudesse usufruí-lo. Entretanto, de que me vale crer no que dizes sem considerar o que resulta? E acredito que se pudesse outra vez estar vivo, tornaria a suportar mais sofrer e ter menos esperança, pois isto é melhor a viver em liberdade. Mais quis sofrer uma boa morte a levar uma vida indigna.

Não penses que eu acreditava que, vivendo, ela era mais honrada, porque se não me deixara morrer, eu mesmo me mataria. Considera como a vida não podia ser a mim proveitosa. Pensei com a morte remediar-me. Assim, não me tenhas por alguém de tão pouca razão que não saiba que fosse melhor viver para honrá-la, embora não para usufruí-la. Todavia, como nunca de sua resposta soube do que mais lhe agradava, como

tu bem sabes, abandonei-me à morte, pois a vida já queria deixar-me. Dizes, Senhor, que querias poder saldar a minha dívida, embora a supusesses impagável. Eu acredito nisso e agradeço, porque de outra forma não poderia.

Disseste que desejavas que eu rogasse por tua morte, porque nela usufruiríamos de nossa amizade, pois em vida não poderíamos. Não tenhas tal esperança, que mais quero ouvir dizer que estás vivo sem a minha presença que saber que comigo vives em estado de morte. Embora em tua morte feneça a vida, é viva a tua fama e assim te deixo, não porque de ti me ausento, mas suplicando que não leves a mal o que te falei, pois, mesmo de propósito, não poderia.

### O Autor

Depois que Leriano acabou de falar e quando eu já queria responder, sem haver de mim recobrado o sono, sonhava que via Laureola entrar pelo quarto tão concretamente como se verdadeiramente estivesse desperto. Ela estava em trajes galantes e ricamente adornados. Eu, envergonhado de ver coisas tão graves, deixei de responder a Leriano e comecei a atentar o modo elegante com que vinha vestida. E também me pareceu que ela não notou ali a presença dele, nem mesmo havia percebido a minha alteração por vê-la aparecer assim. Vinha toda penteada, com uma tiara bordada em seda vermelha, com uma divisa que dizia:

Não dá a morte a mim a honra  
Porém, infelicidade e lamento.  
Nada retribui em pagamento.

Trajava também uma camisa bordada em seda branca com uns brocados e com uns versos que diziam:

Ceifou a tua morte a minha vida,  
De tal sorte,  
Que não pagará sem a morte.

Trajava também um toucado de seda preta com um véu de seda amarelada, com uns versos que assim diziam:

Tua firmeza e meu rancor  
Me fizeram tanto sofrer,  
Que ao fim eu hei de morrer.

Trajava também uma cinta adornada de fios de ouro, com uma divisa que dizia:

Mais completa seria a minha glória,  
Se o viver  
Consentisse em meu morrer.

Trajava também uma pequena saia, feita de duas sedas (uma, esverdeada; outra, avermelhada), com uma divisa que dizia:

Já não pode o sorriso

Alegrar  
Sem causar o pesar.

Trajava um xale francês azul e amarelo, e diziam os versos que ali vinham bordados:

Com tua morte a minha memória  
Se eterniza.  
Assim em triste glória eu viva.

Também trajava um manto em verde e em cor de amora, bordado com uns ramos de lindas flores, com uma divisa que dizia desta maneira:

Se não houvesse a vida  
Em tua morte,  
Não me mostrarias tão forte.

Trajava luvas, decoradas com as letras “l” e “e”, e uma divisa que dizia desta maneira:

Com o que acaba e começa  
Feneceu  
Quem morte não mereceu.

Trajava também umas guirlandas com uns brocados e uns versos que diziam desta maneira:

Mais dor em teu sofrer  
Que no meu havia!  
Mais mereceu minha porfia.

Quando acabei de observar como vinha vestida e o que significavam as divisas, percebi que, com muita tristeza e pouco prazer, mais com semblante de morta que com frescor de vida, voltava a face para onde estava Lariano e começou a falar desta maneira.

#### Laureola a Lariano

Nunca pensei, Lariano, que a energia de teu esforço por tão pouco inconveniente consentisse cessar, porque se, como dizes, desejavas me honrar, mais préstimos me fazias em viver do que em abandonar-te à morte. E te certifico que mais tua fraqueza do que teu agudo sofrer me fizeram acreditar na sinceridade de teu amor. Se claramente queres ver quão mal fizeste, basta pensar se eu por brincadeira ou provocação assim procedia. Assim, quão disparatado havia de ser o teu propósito.

De fato, se os leais amantes não sabem sofrer os desconcertos do amor, quem haverá de padecê-los? Quem não sabe sofrer, não pode pensar em usufruí-lo; e, raras vezes, espere sua glória, pois não está a virtude senão em saber suportar a dor do que em usufruir da bem-aventurança. Quem deseje, quando obtém sucesso, sabe dele aproveitar-se.



Assim, tu, por ter o maior grau de culpa, deves ser, pelas regras da cortesia, conforme o que fizeste, louvado por verdadeiro apaixonado pelo que passaste. E não acredites que, se de tua lealdade eu não estivesse segura, daria crédito a tua fingida firmeza, portanto não dando princípio para chegar a tão errado fim. E mais: para dizer a verdade e para não desmerecer o teu sofrer, te certifico que se em tua morte eu acreditasse, antes, tomara a minha própria do que consentiria a tua, porque (assim me parece) fora loucura sofrer. No entanto, se a confiança do que por meu serviço fazias me levava a acreditar, a sanidade de teu bom senso me fazia duvidar. Dessa maneira, dava mais crédito a tua descrição do que a tua arrebatada morte.

Agir sem expectativa de retribuição deveria ser o suficiente para ti, Leriano; lembrar que na disputa estava a minha honra e em perigo a minha vida; e contentar em saber que queria bem a ti e a tua dor mais do que a minha me atormentava, embora nada te dissesse. Se não concordas com isso, lembra-te quem eu era e a pouca necessidade que eu tinha de teus préstimos, e como somente em responder às tuas cartas bastava para disso te assegurar. Digo isso para que saibas que tudo procedia não da dúvida, senão de vontade.

Aqui, está o testemunho e não negarás que quando com minha última mensagem te desesperaste e te deixaste morrer era porque eu não te deixava nenhuma esperança, uma vez que tu afirmavas que venceria ao Rei, meu Senhor, em batalha, para me salvar. Antes, eu merecia ser louvada por agir com prudência que ser culpada por ingrata.

E, para terminar a minha fala, como não espero mais te ver, não considere que me alegro com a dor da notícia que recebo de tua morte. Abrevio as palavras, embora seja largo o sofrer, dando certeza que pagaste mais com a tua alma e pouco me legaram o teu corpo, a tua morte e a minha pouca sorte.

### O Autor

Enquanto Laureola dizia estas palavras a Leriano, eu me flagrava surpreso, de maneira insólita, vendo sua muita piedade, julgando seu bom senso e conhecendo sua vontade. E tanto seus amorosos argumentos venciam sem resistência, que, embora não falasse diretamente comigo, muitas vezes, eu pensava, mesmo por descortesia, em responder-lhe, agradecendo muito por aquilo que dizia, embora aproveitasse pouco.

Porém, como seus argumentos, a meu ver, pareciam justos, nunca acreditei que Leriano tivesse algo que responder, nem com que lhe satisfazer. Não pela pouca confiança de seu bom senso, mais pela muita alteração de sua alma em ver diante de si aquela a quem mais do que a si mesmo estimava. Ele, com os olhos postos ao chão, com muita cortesia e acatamento, começou a responder desta maneira.

### Leriano a Laureola

Ó quem teria, Senhora, tanto saber para incomodar-se com a minha dor como tenho razão para padecer! Eu saberia tão bem te responder, se, vivendo, tivesse algum modo de te honrar. Dizes, Senhora, que nunca acreditaste que a força de minha morte pudesse mais que meu esforço. Não te espantes, pois como eu, ausente de mim mesmo, me encontrava, não tinha com que me defender. Assim, pelo que me culpas, mereces o castigo, pois tu, ao poder remediá-lo, consentiste em fazê-lo.

E se dizes que errei em não me defender, afirmando que poderia fazê-lo, e se tu, para me pôr à prova ou para tripudiar, assim procedesses, julga o que dizes e observa

como eu estava e perceberás que o coração dilacerado nunca considera as boas notícias por certas, nem as más por duvidosas. Com tudo isso, o que de tua parte me diziam, eu acreditava, conhecendo a tua crueldade e a minha pouca sorte.

Não penses que coloquei pouco esforço em defender minha vida para consagrar a tua, que mais castigo não me dava defender-me da morte do que padecê-la. E, ao lembrar, como não cobiçava viver, senão te servir, percebia que era erro não querer o que quiseste, pois aquilo te honrava. Não penses que pouco ganhei, porque a considerei por mal empregada. Nela, tu descobriste a piedade que em vida sempre recusaste.

Se dizes que bastava a esperança que me concedias, não o nego, segundo quem tu eras, pois com apenas te olhar muito me poderias satisfazer, e porque quanto menos a esperança parecia certa, tanto mais do muito que merecias me lembrava. No entanto, do merecer estava em dúvida, porque quanto maior era a recompensa, tanto menos nela acreditava, e por isso fiz as coisas que fiz. E ao que me dizes acerca da sorte em que tua honra e vida se puseram, bem sabes, se o certo não esqueces, quão pouco encargo te era, e as coisas, que passavam pela minha cabeça, tu bem as conhecias. As minhas ações ficam por testemunha.

Se dizes que tu, primeiramente, não tinhas nenhuma obrigação e, depois, em tanto perigo te viste, conquanto mais resguardada estivesses, davas oportunidade para que de algo suspeitassem e andassem de sobreaviso, então não te enganes, porque a tua nobreza se havia mostrado. Nunca ninguém aceitaria o duvidoso que certo não se tivesse, vendo a paga que aos outros havia dado. De quem menos o segredo se fiava, mais o temeria.

Por isso, verás que mais temor havia e mais te condenavas pelo que te escusavas. E já que não posso te honrar, não quero mais a ti incomodar nem mais falar. Salvo se eu pudesse pedir em recompensa de minha lealdade, que me dês as mãos para que eu as beije e para que desta glória eu usufrua na morte, pois na vida não pude nem tu me deixaste.

Aqui me despeço, suplicando que, de alma, como dizes, tenhas memória, pois o corpo puseste em esquecimento. E, por mais incômodo não causar, nem importunar com meus argumentos, termino pedindo por recompensa que, se alguém aproveitar do privilégio de te honrar, te recordes da lealdade de meu amor, o qual ponho diante de teus olhos, para que de minha morte tenhas a compaixão que quando eu vivia não tiveste.

### O Autor

Enquanto esta conversa entre ambos se entabulava, eu atentava para a cortesia e muita firmeza com que Leriano falava, e quão pouco pesar por sua morte mostrava, porque sabia que a Laureola não menos que a ele lhe doía, e por não incomodá-la sofria seu castigo, silenciando sobre a sua morte.

Conquanto me alegrasse em vê-los juntos, tanto me entristecia, ao me lembrar da morte de Leriano e o que os seus argumentos afirmavam, e embora eu menos deles me regozijava, nunca quis vê-los acabar. Mesmo porque eu sabia que se Leriano se alegrava ao ver que Laureola não recebera castigo, senão de ver que estava morto, ele também desejava que suas palavras nunca tivessem fim nem início para não ficar distante dela.

Porém, como nunca as coisas que dão alegria costumam durar muito tempo, antes mais frequentemente se perdem, eu, estando imerso em pensamentos, sonhava que ouvia uma voz muito triste que dizia: “Vem, Leriano, que já tardas!”. E ele, com um breve e doloroso suspiro, retirou o capelo e dirigiu-se a Laureola para lhe beijar aos

mãos. Ela aquiesceu para lhe conceder, na morte, alguma glória, pois em vida recusou. E ele, beijando-lhe, disse estas palavras e, depois, muito rapidamente desapareceu.

Ó, se a morte apagasse  
A memória,  
Já que deu morte à glória.

#### Prossegue o Autor

Quando me dei conta que não mais o via, olhei para o lado onde estava Laureola, para certificar se a via, e a vi com tanto pesar e os olhos marejados de lágrimas, que nem aparentava como ela era formosa, mas como se verdadeiramente estivesse morta. Estava pálida, com a voz emudecida, sem o vigor das forças e em tal disposição a vi, que mais compaixão havia dela que de Leriano, embora estivesse morto.

Para considerar friamente um e outro ponto de quem ficava em pior perigo, ele estava tão desesperado, que, para ser sincero, eu queria mais acompanhar ao falecido Leriano que seguir, em vida, a Laureola. Ela, com muita tristeza, dissimulando o quanto podia o castigo que a morte de Leriano lhe infligia, enxugando as lágrimas em modo cortês, começou a me falar desta maneira.

#### Laureola ao Autor

Em verdade, com mais coração e melhor vontade me despediria da vida e abraçaria a morte, ao deixar os teus aposentos, senão acreditasse que partindo havia de abandonar a minha alma. Certo é que se suspeitasse que revendo a Leriano eu havia de ficar transtornada, nunca em tal situação me pusera, antes sofreria o castigo de sua ausência que a glória de vê-lo, pois não podia remediá-lo.

Nunca pensei que assim me castigaria, porque quanto mais seus préstimos e sua lealdade diante de mim se colocavam, tanto mais minha bondade e a grandeza de minha nobre estirpe seriam causa de transtorno. E não porque contra isso esperava combater antes que o sopro de minha vida se esvaísse. Com mais esforço e menos esquecimento, eu deveria ter insistido ao Rei, meu Senhor, para me libertar, embora a mim isto fosse vedado, e para que ele pudesse vir à corte e tivesse oportunidade de me ver. Com isto, segundo se dizia e ao morrer manifestava, e com a esperança que lhe dava, ele tivesse lugar de não cair em desespero.

Porém, eu reafirmei a minha crueldade. Com a paixão paguei e espero ainda pagar, pois se para manter a minha sanidade seria correto fazê-lo, correto também foi para minha bondade por qualquer parte negá-lo. Eu me queixo da formosura que Deus me deu e ele também deve queixar-se, porque ela pode mais frequentemente enganar a minha condição e a minha vontade. E porque o tempo é breve e longa é a paixão, não quero mais continuar a falar, salvo que te asseguro que embora Leriano, segundo minha nobreza e minha linhagem de mulher, nada mereceu, nunca ele deveria ter perdido as esperanças. E como a ele não posso recompensar por suas ações e bons serviços, rogo a ti que da corte não partas, embora o desejo de ver a tua terra natal te atormentes, para que reconheças nas recompensas que te farei, se aqui permaneceres, as honras que a Leriano, quando vivo, deveria ter feito.

### O Autor

Quando Laureola acabou de falar, ficou tão triste e suas vestes tão cheias das lágrimas vertidas de seus olhos que de grande maneira me compadecia mais de sua sofrida existência do que pela morte do falecido. E, a tudo o que a mim disse, quis muito responder, agradecendo as recompensas que desejava me conceder como a cortesia com que me falava. Quando mais atento e pensativo eu estava no que ela havia dito, desapareceu com um grande suspiro e com umas palavras – como poderia esquecer –, que assim diziam: “Já não se pode mais temer a morte, embora seja certa, pois é a vida que está morta”.

Depois que olhei ao meu redor, constatei que havia ficado sozinho. Encontrei-me tão triste e tão desconcertado, que não sabia o que de mim havia de fazer, nem o que pensar do que havia sonhado. E como não tinha com quem falar, estava tão pesaroso que mil vezes com as minhas próprias mãos queria dar-me a morte, acreditando, com isso, encontrar nela o que com ela perdi.

Como pensei que minha morte não traria de volta a vida de Leriano, percebi que era um equívoco perder a alma sem antes padecer o corpo. Então, como é certo o fato de que a música arrefece a dor por onde passa e acrescenta o prazer e a alegria ao coração, tomei a viola e, mais como desatinado que com saber ao certo o que fazia, comecei a tanger esta canção e vilancico:

#### Canção

Não sofras com o penar,  
 Coração, nesta vida,  
 Pois o que vai de vencida,  
 Não pode muito durar.  
 Porque, já que és mortal,  
 Se a dor, que se padece, é forte  
 Para que abraçar a morte,  
 Se a vida é maior mal?  
 Começa a te consolar,  
 Não demonstres força vencida,  
 Pois o que encurta a vida  
 Com a morte se há de ganhar.

#### Vilancico

Já que é gloriosa a vida  
 Sem a morte,  
 Busca por melhor sorte.  
 Quem morre a morte ao viver  
 Não padece muito sua sorte,  
 Mas o que vive ao morrer  
 Sem a morte,  
 Nem dor nem castigo há de mais forte?  
 Quem pode sofrer seu mal  
 Ou queixar-se a quem o faz,  
 Com seu mal se satisfaz

Em vida, embora mortal.  
Porém, a dor desigual  
De mal e castigo tão forte  
Quem sofre que não concorde?

#### O Autor

Ao terminar de tanger a canção e dissolvida a dor o mais que pude, deixei a viola, sem mais pensar o que devia fazer, mandei pôr sela no cavalo, porque me pareceu que já era tempo de voltar a minha terra natal. Ao despedir-me dos que encontrava pelas ruas, saí da corte, mais acompanhado de pesar que consolado de alegria. E tanto minha tristeza crescia e minha sanidade diminuía, que nunca pensei chegar vivo a Castela. E depois que comecei a cavalgar pela estrada, vieram-me tantas coisas à imaginação, que não teria por mal perder a razão, para perder o pensamento delas.

Porém, lembrando-me como não havia algum proveito pensar mais nele, eu me esforçava o quanto podia para evitar trazê-lo à memória. E, assim, esforçando o corpo pela estrada e a alma no pensamento, cheguei a Penhafiel, como fez Diego de San Pedro, onde permaneceu depois de beijar as mãos de Vossas Senhorias.

## **SERMÃO pregado por Diego de San Pedro, porque disseram algumas senhoras que desejavam ouvi-lo predicar.**

Para que toda matéria seja bem entendida e assimilada, convém que a argumentação seja conforme a condição daquele que ouve. Assim, pelo que nos toca em particular, se houvéramos de falar ao cavaleiro, predicaríamos acerca dos atos de cavalaria; se ao devoto, acerca dos méritos da Paixão; se ao erudito, acerca da doçura da ciência; e assim por diante para todos os outros estados. Portanto, seguindo esse preceito, conformando as minhas palavras com os vossos pensamentos, para que sejam bem entendidas, parece-me que devo tratar da paixão de amor.

Todavia, porque sem recompensa, nenhuma obra pode começar, nem desenvolver, nem acabar, roguemos ao Amor, sob cuja obediência vivemos, para que transponha meu sofrimento à minha língua e para que manifeste no sentir o que carece no pensar. E para que essa recompensa nos seja outorgada, coloquemos por intermediário, entre Amor e nós, a Fé, que temos nos corações; e para mais obrigar, oferecer-lhe-emos profundos suspiros para que nos conceda a recompensa: a mim, para falar; a Vós, Senhoras, para ouvir; e a todos, finalmente, para bem amar.

Diz o tema: *In patien[t]ia vestra sustinete dolores vestros.*<sup>1</sup>

Humilhados Senhores e ingratas Senhoras: as palavras que tomei por fundamento de minha intenção estão escritas no Livro da Morte, nos sete capítulos de Meu Desejo. Dá testemunho delas o Evangelista Afeição. E traduzidas do latim em nossa língua, querem dizer: “Em vossa paciência suportai vossos sofrimentos”. E para dar conta do tema, será o sermão dividido em três partes: a primeira será um preceito para mostrar como os homens apaixonados devem se comportar; a segunda virá como reconforto aos corações tristes; e a terceira será um conselho para que as mulheres que são amadas se compadeçam daqueles que as amam.

### PRIMEIRA PARTE

E assim para desvelar a primeira parte, afirmo que todo edifício, para que dure, convém ser fundado sobre cimento firme, se quer o construtor ter a sua obra segura. Para tanto, é preciso que aquele que edificar o desejo em coração apaixonado seja sobre cimento secreto, se quiser suportar o sofrimento e acabar sem perigo de vergonha. Por esta comparação, parece que todo amante, antes, deve preferir perder a vida a enlamear a fama daquela a quem serve, considerando por melhor morrer, calando seu pesar, que merecê-la, traíndo seu afeto em público. Portanto, para remédio deste perigo, em que os amantes tantas vezes tropeçam, deve-se trazer nas palavras, cuidado; no trato, cortesia; nos atos, prudência; nos desejos, temperança; na conversa, dissimulação; e nos movimentos, cautela.

Contudo, o que mais deve evitar é que não se deixe levar pelo desejo, para que não erre com pressa o que pode acertar com vagar. Porque, isso o fará caminhar muitas vezes por onde não cabe, procurar mensageiros que não convêm, enviar cartas que o prejudiquem e tramar ações que o denunciem. E porque o ciúme costuma desviar o bom senso de seus percursos honestos, colocando no coração suspeitas, na dor desespero, nos

<sup>1</sup> Esse tema escritural está presente em Lucas 21.19 e Mar. 6.30.

pensamentos discórdias e no sentimento raiva, deve aquele que ama ter temperança e suportar a dor, porque em tais casos quem procurar seu remédio, encontrará sua perdição. E quando ao ciumento parecer que seu oponente ganhou mais atenção de sua amada do que ele, então deve mais conter-se. E aquele enrubescer das faces, e aquele esbugalhar de olhos, e aquele gaguejar de voz, e aquele ranger de dentes, e aquela secura na boca, que trazem o desfavor, deve controlá-los com o bom senso, fechando as portas do coração com o trinco do sofrimento, até que a razão desgaste os arroubos da ira. Pois, as armas com as quais se poderia vingar diminuiriam a fama da amada; coisa que mais que a morte se deve temer.

Bem sei, Senhoras, que o que trato em meu sermão com palavras, Vós mesmas haveis presenciado com ações; de maneira que são meus argumentos o molde de vosso afeto. No entanto, porque muitas vezes a paixão cega os olhos do entendimento, faz bem recordar-vos os altos e os baixos destas ocasiões. Sejam os vagarosos passos daquele que ama e as passadas por onde está a amada, tardias; tenha em público a tristeza temperada, porque este é um caminho por onde vão dar as suspeitas em cilada dos pensamentos; coisa de que todo enamorado deve aperceber-se, porque diversas vezes as aparências do rosto são o testemunho dos segredos do coração. E não duvido que não penais muito em fazer isso, porque mais atormentam os prazeres forçosos que as tristezas voluntárias, mas por tudo se deve sofrer em nome do amor e pela reverência da fama da amada.

Guardai-vos, Senhores, de um equívoco que na lei de amor têm os galantes, colocando as iniciais dos nomes daquela a quem amam em seus adornos e cimeiras ou bordaduras, porque semelhante gentileza é um pregão com que se faz referência à infâmia dela. Vejais que coisa tão equivocada é manifestar nos bordados aquilo que mesmo em pensamento se deve esconder. E, não menos, Senhores, evitai de se vestir com as cores dela, porque isso não é outra coisa senão um espelho onde se denuncia que a veneram. E porque os olhos costumam descobrir o que guarda a vontade, seja vosso olhar vago, para enganar os desconfiados.

Convém a todo apaixonado ser virtuoso, de tal maneira que a bondade governe o esforço; o esforço acompanhe a sinceridade; e a sinceridade adorne a temperança; e a temperança enfeite a conversa; e a conversa se ligue com a boa educação. De tal maneira que as virtudes iluminem umas as outras, pois de semelhantes passos se costuma fazer a escada por onde sobem os tristes àquela bem-aventurada esperança que todos desejamos.

Nunca vossa razão responda às vozes do pesar. Quando o pesar se entreter com o sofrimento, o bom senso deve reger a temperança, controlando o corpo com a prudência, para que não acompanhe o pensamento, dando olhares furtivos e fazendo trejeitos, descumprindo o que a lei do segredo estabelece, mas segundo o que a pressa do sofrer demanda. E porque acontecimentos de tanta angústia costumam ocorrer aos pesarosos, que deles desejam imediatamente aliviar-se, assim seu segredo é facilmente descoberto por outros, que podem chantageá-los. Porém, para que não se revolte aquele que se deparar com tal angústia, aparte-se a um lugar solitário e sentado em meio a seus pensamentos, desabafe e compartilhe com eles seus males, porque somente eles serão a sua fiel companhia.

Assim, se algum pensamento lhe trazer desespero, outro lhe trará esperança. Se algum encontrar-se torpe, outro encontrar-se-á tão agudo que fornecerá o respectivo remédio. E se alguém disser que desespere por sua desdita, outro lhe dirá que tenha esperança, segundo sua lealdade. E se algum aconselhar que abrevie a vida e os males com a morte, outro lhe dirá que não o faça, porque com longo viver tudo se alcança; outro dirá que tem sua amada grande condição como desalmada; outro dirá ainda que

ela tem piedade natural, segundo sua condição de mulher; outro aconselhará que se cale, que morra e que sofra; e outro, que reconsidere e continue e prossiga; de maneira que ele de si mesmo se poderá consolar e desconsolar.

Vós dizeis, Senhores, que ainda quereis consolação e conselho de amigo, pois os homens ocupados em cobiça ou amor ou desejo não podem deliberar bem em seus próprios assuntos. Isso o que pedis, eu mesmo não poderia recusar. Porém, como costume fazer em outros casos, para este também recuso; porque se em outras situações a razão se turva, nos sofrimentos desta dor se aguça ainda mais o bom senso. E se, sobre tudo isso, a sorte vos for contrária, em vossa paciência suportai vossos sofrimentos.

## SEGUNDA PARTE

A segunda parte de meu sermão eu disse que seria um alento aos corações tristes. Para fundamento do qual convém observar que todos os que renunciarem à liberdade, devem primeiro olhar o merecer daquela que causar essa renúncia, porque a afeição justa alivia o pesar. De onde se depreende: a dor que se sofre com razão se cura por ela mesma; assim, o sofrer se consola e se padece a si mesmo. E mesmo que as lágrimas vos cerquem e os tormentos vos deprimam e as suspeitas vos lacerem, nunca, Senhores, deixeis de persistir e amar e querer, que não há companhia mais aprazível que a dor que provém daquela a quem tanto quereis, pois ela também o quer. E se não encontrardes piedade em quem buscais, nem esperança de quem bem quereis, tenhais esperança em vossa lealdade e confiais em vossa firmeza, pois, muitas vezes, a piedade responde quando a firmeza bate à sua porta. E porque sois obedientes a vossos desejos, sofri a dor do pesar pelo bem da causa.

Ó Senhores, se examinarmos mais de perto, quantos bens recebemos de quem sempre nos queixamos! A solidão causa desespero algumas vezes, porém as nossas amadas sempre nos socorrem, concedendo-nos quem nos acompanhe e ajude em nossa atribulação; envia-nos à memória o desejo que sua formosura nos causa e a alegria que sua atenção nos incendeia, e a doçura que sua discrição nos satisfaz, e o tormento que seu desamor nos dá. E para que estas coisas melhor companhia nos façam, acerquemos nossos corações delas. De tal maneira que, por vir de onde vierem, mesmo que o bom senso nos falte, a vontade se rejubile, para que não nos deixam desesperar. Assim é, como as chagas que os cavaleiros recebem com honra: mesmo que as pessoas as padeçam com sofrimento, têm-nas na fama por glória.

Ó amante! Se tua amada quiser que sofras, sofre; e se quiser que morras, morre; e se quiser te condenar, vai-te ao inferno em corpo e alma. Que maior benefício queres, que querer o que ela quer? Suporta com igual ânimo a tudo que possa vir; e se fores bem sucedido, ama-o; e fores mal sucedido, sofre-o; que tudo o que vier da parte dela seja felicidade para ti.

Direis acerca disso que vos dê força para sofrer, e que Vós me dareis vontade para pesar. Olhai bem, Senhores, quão enganados nisso viveis; que se podeis agüentar tão duro pesar, que se peça estima. E se de sofrimento cansar-vos e levar-vos ao estado de morte, não pode ocorrer-vos coisa mais bem aventurada, pois quem bem morre, nunca morre. Que fim mais honrado espera alguém que acabar debaixo da guarida de seu senhor por lealdade e firmeza e constância e razão? Aqui, cabe um mote de minha autoria que diz: “Na morte, está a vida”. Disse um varão sábio que nunca viu homem tão mal-aventurado como aquele que nunca viu desventura, porque este não sabe de si, o quanto vale, nem os outros conhecem o que poderia suceder se fosse posto à prova aos reveses da Fortuna. Portanto, que mais quereis de vossas amadas senão que com seus



pesares experimenteis vossa fortaleza? Que eu não considero por menor coração receber a morte com vontade que suportar a vida com tormento, porque em um se demonstra resistência forte, e, em outro, obediência justa. De tal forma que se amor lança o padecer, é porque possibilita o elogio. Esforçai-vos na vida e sejais obedientes na morte. Em verdade, portanto, diz muito bem o tema: que suportai na vossa paciência vossos sofrimentos.

### TERCEIRA PARTE

Eu disse que a terceira parte de meu sermão seria um conselho para que as senhoras que são amadas se compadeçam de quem as amam. Contudo, antes de desvelar os argumentos, afirmo que mais desejaria, Senhoras, obedecer às vossas vontades que ajudá-las com meus conselhos, porque o primeiro, eu faria com sobra de vontade, e o outro, com minguagem de discrição. Mas, como desejo libertar vossas ações de culpa e vossas almas de pesar, eu direi meu parecer o menos rispidamente que puder.

Para dar início a meu propósito, bastaria dizer que, pela salvação de vossas almas deveríeis, se compadecer dos que por Vós sofrem, pois errais no tormento que infligem em quatro pecados mortais. Na da soberba, que é a primeira, pecais por esta razão: quando vedes que vossa formosura e vosso valer podem confortar os mortos e matar os vivos e adoentar os sãos e curar os enfermos, credes que podem fazer o mesmo que Deus, ao qual por esta maneira ofendeis por este pecado. E não menos na da avareza, pois como tomais a liberdade e a vontade e a memória e o coração de quem vos deseja, guardais tudo isso com tanto cuidado em vossa ignorância que não lhe devolveis uma única coisa apenas destes luxos, pelo contrário, Vós até morreis para não vê-lo disso desfrutar. Pecais assim também no pecado da ira, pois como os que amam sempre persistem, é forçoso que alguma vez vos aborreçais e, importunadas pelas palavras e porfias, misturais a ira com o desejo de vingança. No pecado da preguiça, não podeis negar que também não errais, pois os cativos de afeição, embora mais escrevam e falem e enviem cartas, tendes tão preguiçosa a língua, que, salvo para as coisas sem importância, não abris a boca para dar uma boa resposta.

E se esta razão não basta para a redenção dos cativos, pelo menos que seja para não cobrar má estima. Que parece que dirá quem souber que, mesmo ao morrer, não recompensais os favores? Cabe ao leão e à serpente precipitar-se sobre a presa, assim deixais exercer, Senhoras, por Deus, cada um o seu ofício, pois o de Vós é o amor e a boa condição e o redimir e o consolar. E se por isso não aprovo em nada as vossas ações é para que não desconheçais uma culpa de tão enorme gravidade. Pois, Senhoras, não é nada justo que conheçais a obediente vontade de vossos servos, que nenhuma coisa querem para si mesmos porque desejam ser de todo vossos? Que transportados em seu merecimento, nem possuem bom senso para falar, nem razão para responder, nem percebem aonde vão, nem sabem por donde vêm, nem falam coisa com coisa, nem se mudam com concerto; estando na igreja e perto do altar, perguntam se há missa; depois que se levantam, logo após comer, perguntam se é hora da refeição.

Ó quantas vezes lhes acontece ter a comida na mão, entre a boca e o prato, por muito tempo, não sabendo, por desatentos, quem irá comer, eles ou o prato! Quando vão dormir, perguntam se amanhece; e quando se levantam, perguntam se é de noite. Portanto, se tais coisas Vós desconheçais, segundo creio, Senhoras, nem podeis se livrar da mácula da culpa, nem as almas de pesar, quando pelo preço de vossas vidas não quereis possibilitar alguma esperança. Porque aqueles que amam como vêm seu pouco

remédio, trazem os olhos chorosos, as faces lívidas, a boca seca, as línguas emudecidas, que nem mesmo com os sinais de suas lágrimas poderiam reverdecer vosso desprezo.

Portanto, por que, em má hora para mim, podeis negar recompensa tão desejada e, por tantas maneiras, tão merecida? Eu direi apenas, Senhoras: “Não vês, humilde pecador, que não se pode remediar seu pesar sem nossa culpa?”. A que eu respondo que não me satisfaz este desencargo, porque aquele que é perfeito amante não quer de sua amada outro bem senão que pese sua dor, e que, tratando-o sem aspereza, mostre rosto simpático, que outra dádiva não se pode pedir. É, dessa forma, que, remediando sua dor, antes serão louvadas por piedosas que repudiadas por culpadas.

Senhoras, se de piedade e de amor quereis exemplo, falarei que na Babilônia viviam dois ilustres cavaleiros, e um deles tinha um filho chamado Príamo, e o outro, uma filha que se chamava Tisbe. E como se vissem muitas vezes, incendiou pela conversação seus desejos; e, conformes numa vontade, combinaram ver-se uma noite para que tivessem companhia um do outro, assim como de seus corações. E firmando este acordo, combinaram que o primeiro que saísse esperasse o outro numa fonte que estava fora da cidade junto à sepultura do rei Nino.

Assim, como Tisbe fosse mais astuciosa no andar e no amor, chegou antes de Príamo à fonte. E estando acompanhada apenas da esperança de vê-lo, saiu de uma selva que ali havia uma leoa sanguinária e feroz. Tisbe, de medo, foi-se meter na dita sepultura. E como havia se apressado, caiu o manto que a cobria. A leoa, ao vir àquele lugar, depois que bebeu na fonte, despedaçou o manto e cobriu-o todo do sangue que trazia nas presas; a seguir, voltou rapidamente à montanha. Como o infeliz Príamo chegasse à fonte, ao ver os restos do manto, suspeitou que sua amada Tisbe tivesse sido devorada por alguma besta fera e dando crédito a sua suspeita, depois que com palavras lastimosas chorou sua sorte, esfaqueou-se no coração.

A solitária e infeliz Tisbe, ao perceber que o rugir da leoa cessara, saiu de onde estava para saber se Príamo havia chegado. E como chegasse debaixo da amoreira onde ele caíra, viu que ele estava morto, e pensando na razão que pôde causar sua morte, chegou-se a ele voltando seu rosto para cima, pois o tinha na terra, e beijando diversas vezes sua fria boca, misturando suas lágrimas e seu sangue, começou a dizer: “Volta o rosto, Senhor meu, à tua desamparada Tisbe. Não tenhas mais amor à terra do que a mim. Por certo, também terei força para te acompanhar na morte como tive para te amar em vida; assim, ao morrer, eu vou te seguir na morte”. E ditas estas palavras, tirou-lhe a adaga do coração e, posto no dela, abraçou-se com seu amado e assim acabaram juntos.

Muitas razões e exemplos e autoridades poderia trazer para encher de verdade meu propósito, mas não os digo por esquivar-me da prolixidade. Senhoras, eu peço somente que imitem a leal Tisbe, não no morrer, mas na piedade, que por certo é mais grave a morte de Príamo que a morte do desejo, porque uma acaba e a outra perdura. E asseguro que não se arrependerão de meu conselho. Observai que este amor que negais costuma emendar-se com o pesar de quem o trata com desprezo. E se ainda quiserdes persistir em vossa condição, sustenhais as dores dos que vos amam em vossa paciência. E porque já bate às 12, e cada um tem mais vontade de comer que de escutar.

*Ad quam gloriam nos perduca[t]. Amen.*

Acabou-se o sermão de Diego de San Pedro.